



**Luiz Fernando Pereira Pinto**

**SARAU DO ESCRITÓRIO: um laboratório de experimentações  
culturais**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras - Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cesar Valladão Diniz



**Luiz Fernando Pereira Pinto**

**SARAU DO ESCRITÓRIO: um laboratório de experimentações  
culturais**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz**

Presidente

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Cíntia Santmartin Fernandes**

UERJ

**Prof. Miguel Jost Ramos**

Pesquisador autônomo

Rio de Janeiro, 29 de junho de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Luiz Fernando Pereira Pinto**

Graduou-se em Teatro pela Universidade Cândido Mendes em 2014. Concluiu a pós-graduação em Políticas Culturais de Base Comunitária pela FLACSO – Argentina, em 2021. Coordenou a pesquisa de diagnóstico sobre os saraus da região metropolitana do Rio de Janeiro. É cofundador e diretor presidente da Associação Cultural Peneira, e atua como coordenador geral do programa Aprendiz Cultural da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

#### Ficha Catalográfica

Pinto, Luiz Fernando Pereira

Sarau do escritório : um laboratório de experimentações culturais / Luiz Fernando Pereira Pinto ; orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz. – 2022.

134 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Sarau do escritório. 3. Rio de Janeiro. 4. Cultura. 5. Poesia. 6. Espaço público. I. Diniz, Júlio Cesar Valladão. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

Ao Francisco, que a cada dia reacende a minha  
esperança no futuro.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos muitos que colaboraram para que eu chegasse até aqui.

À Cecília, professora do primário da Escola Municipal Engenheiro Pires do Rio, em Senador Camará, por me ensinar a ler e escrever. Foi Cecília que me apresentou ao teatro, confiando a mim o papel de vento no esquete da festa de primavera.

Agradeço a todos da Escola Municipal Thomé de Souza, em especial à professora de língua portuguesa, Damaris, pelos ensinamentos. Foi nesta escola que ganhei o livro Contos Populares do Brasil - de Câmara Cascudo, de onde tirei inspiração para escrever a primeira peça da Peneira, parte do objeto desta pesquisa.

Agradeço ao Prof. Miguel Lemos por conseguir, junto à reitoria da Universidade da Cidade, uma bolsa integral para que eu cursasse a graduação. Sem esta possibilidade o caminho seria ainda mais espinhoso.

Agradeço muito aos meus pais, Márcia e André, pelo cuidado e dedicação em sustentar a família e tantos agregados, e ainda apoiar as elucubrações dos filhos e ao meu irmão, Daniel, por estar a postos sempre que precisei.

Agradeço à Priscila, companheira de vida, sonhos e conquistas. Sem o seu incentivo, esta pesquisa não seria possível. Como diz Drummond “não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

Agradeço ao meu orientador Júlio Diniz, mestre que carrego no coração para as labutas e disputas diárias no campo da cultura, por acreditar, incentivar e - com ainda mais intensidade - provocar questionamentos sempre pertinentes para a construção desta pesquisa.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Daniela Freitas e ao Prof. Miguel Jost, por incentivarem a minha participação na seleção deste mestrado na PUC-Rio e, sobretudo, me encorajarem a pesquisar a cena dos saraus no Rio de Janeiro.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Cíntia Sanmartin pela leitura atenta deste trabalho e por, junto ao Prof. Miguel, aceitar estar na composição da comissão examinadora.

Agradeço aos professores do Departamento de Letras da PUC-Rio, em especial a Prof.<sup>a</sup> Eneida, Prof.<sup>a</sup> Marília, Prof.<sup>a</sup> Rosana e o Prof. Fred Coelho, que

ampliaram a minha leitura sobre literatura e cultura; além de meus colegas do mestrado, aproximações não-físicas em tempos de pandemia: Matheus Ribeiro, Laura Liuzzi, Tiago Herz e Gabriela Mariquito.

Agradeço à Daniele Rodrigues, cria de Senador Camará, mas que só fomos nos encontrar na Gávea, graças a PUC-Rio. As conversas e empréstimos de livros foram importantes para o cumprimento deste percurso.

Agradeço ao Écio Salles, o maior fazedor de pontes que já conheci. Sua partida é uma perda irreparável para a cultura carioca.

Agradeço também ao CNPq, CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Por fim, às pessoas que passaram, ficaram, construíram e ainda constroem a Peneira e o Sarau do Escritório – esse sim, o real objetivo dessa dissertação.

## RESUMO

Pinto, Luiz Fernando Pereira; Diniz, Júlio Cesar Valladão. **Sarau do Escritório: um laboratório de experimentações culturais**. Rio de Janeiro, 2022, 134 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação visa mapear e analisar as singularidades do Sarau do Escritório e suas ações performáticas na cidade do Rio de Janeiro. A partir da observação de como intervenções artísticas-políticas-culturais, sobretudo os saraus poéticos difundidos largamente após as Jornadas de Junho de 2013, contribuem para outras leituras sobre cidade e apresentam novos modos de produção artística no tempo presente, ladeado a escassez de pesquisas acadêmicas sobre o referido objeto, verificou-se a urgência deste trabalho. Para tanto, elencou-se como estudo de caso um sarau que ocorre no bairro da Lapa, região central do Rio de Janeiro, juntamente com documentos e leituras que atravessam o corpus presente na cena contemporânea dos saraus. Com esta pesquisa, espera-se construir um instrumento de percepção e reflexão crítica sobre a importância de uma cena poética que vem rompendo limites geográficos e estéticos em diversos territórios do Brasil.

**Palavras-chave:** Sarau do Escritório; Rio de Janeiro; cultura; poesia; espaço público; ações performáticas

## ABSTRACT

Pinto, Luiz Fernando Pereira; Diniz, Júlio Cesar Valladão. **Sarau do Escritório: a laboratory of cultural experiments.** Rio de Janeiro, 2022, 134 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims to map and analyze the singularities of Sarau do Escritório and its performative actions in the city of Rio de Janeiro. From the observation of how artistic-political-cultural interventions, especially the poetic soirees widely disseminated after the June 2013 Journeys, contribute to other readings about the city and present new modes of artistic production in the present time, flanked by the scarcity of academic research on the aforementioned object, the urgency of this work was verified. In order to do so, a soiree that takes place in the neighborhood of Lapa, central region of Rio de Janeiro, was listed as a case study, along with documents and readings that cross the corpus present in the contemporary scene of soirees. With this research, it is expected to build an instrument of perception and critical reflection on the importance of a poetic scene that has been breaking geographic and aesthetic limits in several territories of Brazil.

**Keywords:** Sarau do Escritório; Rio de Janeiro; culture; poetry; public place; performative actions



## SUMÁRIO

1. Abertura	07
2. Espaço laboratório	18
2.1 Um começo	18
2.2 Outros começos	34
2.3 Um laboratório na encruzilhada	47
2.4 Abrindo o código	50
3. Ensaios e amostragens	54
3.1 Sarau	60
3.2 Coletivo Peneira	65
3.3 Palquinho de Peter Brook	67
3.4 Baile de Gala do Sarau do Escritório	69
3.5 Cartonera do Escritório	73
3.6 Praça João Pessoa x Praça Luana Muniz	75
3.7 A coexistência de múltiplas camadas na encruzilhada	83
4. Experimentação 1	89
4.1 O dispositivo Palco Aberto	89
4.2 Quem bate cartão também faz poesia	93
5. Experimentação 2	103
5.1 O dispositivo Homenageado do Mês	107
6. Considerações finais - O estético, o político e o afeto	123
7. Referências bibliográficas	127

## 1. ABERTURA

\_escritório de gala\_

as águas rolaram  
e lavaram a encruzilhada da cachaça  
inundando a lapa de poesia

no sarau se encontra a cidade  
a rua se encontra no sarau  
artista travesti  
poeta morador de rua  
ambulante dançarina

batendo cartão  
batendo calçada  
batendo esquina

fazendo verso  
comprando briga  
vencendo a chuva  
a ordem  
a polícia  
(BORJA, 2018, p.35)

O poema com que inicio esta apresentação é mais do que uma epígrafe, um resumo ou um mote para entrar no ecossistema cultural em que os saraus do Rio de Janeiro e esta dissertação estão ambientados. Retirado da antologia *Porremas*, publicada pela editora Mórula e organizada por Rafael Maieiro, Diego Barboza e Manuela Oiticica, o texto do poeta Bruno Borja “\_escritório de gala\_”, homenageia o Sarau do Escritório e destaca um dos sintomas que a região metropolitana do Rio de Janeiro sentiu após as chamadas Jornadas de Junho de 2013 e que nos possibilita realizar outras leituras das atividades urbanas através da ótica de práticas culturais que utilizam o espaço público para realização de atos performáticos.

O objetivo aqui é a partir deste poema criar um chão comum onde possamos compreender o lugar que a ação performática Sarau do Escritório, enquanto um laboratório de experimentações culturais, ocupa na cidade do Rio de Janeiro e na produção de cultura após as manifestações populares de 2013.

O caminho que iremos traçar faz parte de um percurso iniciado em 2010 por um grupo de artistas-produtores oriundos de diferentes localidades da região

metropolitana do Rio de Janeiro que, a partir de muitas inquietações, resolveram inventar formas de ocupar o tecido urbano com ações performativas.

Criadores, que através da ousadia típica de uma geração, nascida no final da década de 1980 e início dos anos 1990, habitavam os bairros periféricos, descobriram no campo da cultura uma possibilidade de contar as suas próprias histórias lançando mão de seus corpos, vivências e o desejo de compartilhar experiências. Eles saltavam as grades de um CIEP em Vila Aliança, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, para ensaiar seus primeiros espetáculos de teatro que foram apresentados de forma itinerante em praças e espaços alternativos da região.

Em 2013, logo após as Jornadas de Junho, manifestações populares ocorridas em várias cidades do Brasil para, inicialmente, contestar o aumento das tarifas de transporte público, se transformaram em uma potência criativa nas ruas da cidade. Ou pelas palavras da pesquisadora Beatriz Tavares, tornaram-se “um grande levante composto por incalculáveis Zonas Autônomas Temporárias” (TAVARES, 2015), às TAZ de Hakim Bey, experiências comunitárias descentralizadas. Consideradas pelo Estado como desviantes, essas práticas que passaram a ocupar o tecido urbano do Rio de Janeiro apontavam saberes e novas formas de relação que rompem com o modelo da tradição. Em alguns casos, o que era temporário, adquiriu o status de processo, de práticas territoriais continuadas ou como propomos, laboratórios de experimentações culturais.

O grupo que se reunia na Zona Oeste, e que vinha experimentando formas de atuação que propunham uma maneira de encenação dialógica a partir de múltiplas linguagens artísticas, inaugura no mês de novembro deste mesmo ano o Sarau do Escritório entre as Avenidas Mem de Sá e Gomes Freire, nas portas do Bar da Cachaça, na Lapa, região central do Rio de Janeiro.

Em artigo intitulado “Mais de cem saraus no Rio”, publicado no *Jornal O Globo*, no dia 07 de abril de 2015, Marcus Vinicius Faustini aponta o que para ele o Sarau do Escritório representava em relação à produção cultural da cidade naquele momento.

Mais de cem saraus espalhados por diversos cantos da cidade do Rio, Baixada e arredores marcaram a cena nos últimos meses. O que parecia ser uma expressão alternativa ou até

mesmo nostálgica, consolida-se como uma atual plataforma de ocupação cultural das ruas e de espaços alternativos, além de um laboratório eficaz de produção e criação artística de novos realizadores, misturando linguagens a partir da poesia e da vontade de ocupar o tecido urbano com arte. Vejamos o exemplo do Sarau do Escritório, que pode ser pensado como uma das sínteses desse cenário renovador do nosso imaginário popular. (FAUSTINI, 2015)

O Sarau do Escritório, assim como as Zonas Autônomas Temporárias de Hakim Bey e os *levantes incalculáveis* atizados pelas Jornadas de Junho de 2013, pode também ser compreendido em ação (BEY, 2001), gestos e movimentos que tecem uma “cidade plural”, atravessada por um conjunto de práticas de circulação distinta de uma percepção dicotômica de um Rio de Janeiro partido ao meio. Os distintos lugares de origem (cidades da Baixada Fluminense e bairros das zonas norte e oeste da cidade do Rio) dos realizadores do Sarau do Escritório, além de compor uma diversidade de vozes e contextos presentes na experiência cultural, rompem com os limites geográficos e simbólicos de uma cidade marcada pela desigualdade, mas que ao mesmo tempo, através de uma efervescência de práticas culturais em espaço público, é formada por uma pulsão de vida criativa que anima a dinâmica cotidiana dos territórios.

A partir dessas práticas de circulação que esses sujeitos descobrem maneiras de apreender o espaço urbano, uma operação que imprime um outro modo de experienciar corporalmente a cidade. Em uma encruzilhada, que oficialmente é uma praça, em um bar convertido em escritório, onde a partir de uma encenação se transforma em trincheira poética em plena região central do Rio de Janeiro, a cidade se encontra, as muitas cidades se encontram por meio das pessoas que cotidianamente as constroem.

É justamente neste encontro que são ensaiadas outras formas de se fazer cultura, onde noções-chave como articulação, interação, cooperação, aprendizagem, recorte territorial, processo, comunicação, flexibilidade, dentre outras, habitam o mesmo espaço diluindo as fronteiras geográficas, simbólicas e imaginárias. Um gesto que institui uma espécie de laboratório em que os corpos em coletivo estão permanentemente experimentando, aprendendo,

ensaando percepções urbanas que contrapõem à visão da imagem da cidade-logotipo, da cidade-outdoor, do território-estereotipado.<sup>1</sup>

De 2013 a 2019, foram realizadas 34 edições do Sarau do Escritório, na Lapa. Em formato reduzido, a ação também teve a sua itinerância, mantendo uma das características iniciais do grupo. Em média, 30 artistas compõem a programação de cada dia, com apresentações de teatro, dança, música, números circenses, performances e, na sua grande maioria, poesia. Há também o palco aberto onde aqueles que não estão na programação prévia podem se inscrever. Além disso, integram a encenação o cenário, construído exclusivamente para cada edição e que dialoga com a temática que dá forma e sentido ao sarau, exposição de fotografias, onde também está relacionada ao tema, projeção na fachada do prédio localizado ao fundo da Praça João Pessoa, rebatizada simbolicamente pelo Sarau do Escritório de Praça Luana Muniz, a Rainha da Lapa, iluminação, equipamento de som e, em média, 10 profissionais envolvidos. Se analisarmos a ação mês a mês, podemos visualizar o quanto se desenvolveu de forma heterogênea, como por exemplo a criação da comemoração de aniversário do Sarau do Escritório, uma maratona de 12 horas de programação cultural, com mais de cem artistas, que de maneira simultânea ocupou os quatro lados da Praça Luana Muniz.

A expressão “de gala”, parte do título do poema de Bruno Borja, não tem a pretensão de simular a pompa dos saraus que aconteciam no período da *belle époque* do Rio de Janeiro, e também não faz alusão ao tradicional baile carnavalesco do Teatro Scala, que durante 28 anos encerrou, nas noites de terça-feira, a folia de Momo na cidade do Rio de Janeiro.

O poeta faz menção ao segundo aniversário do Sarau do Escritório, ocorrido em novembro de 2015, denominado Baile de Gala do Sarau do Escritório, este sim uma dimensão irônica e debochada aos bailes de gala tradicionais. O poema aponta algumas formas de como o Sarau do Escritório se relaciona com o território da Lapa e com a cidade, indica os modos de produção

---

<sup>1</sup> Os corpos que experienciam a cidade pode ser considerada aqui a partir da noção de corpografia. Segundo Paola Berenstein Jacques, a corpografia pode ser compreendida através do “desenvolvimento de outras formas, corporais ou incorporadas, de se apreender o espaço urbano” (JACQUES, P. B. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In. VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs). *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009, p.131).

ensaiados durante o processo de construção e consolidação do sarau e, como um roteiro, narra a experiência de uma edição do evento. Na primeira estrofe, “as águas rolaram/e lavaram a encruzilhada da cachaça/ inundando a lapa de poesia”, pode-se afirmar que se refere à parte inicial do sarau, onde de forma ritualizada<sup>2</sup> o grupo encena a “intervenção poética-funcional As águas vão rolar”, um ato “inspirado nos cantos de trabalho...que rediscute a questão da limpeza e ocupação de espaços públicos.”<sup>3</sup> Munidos de vassouras, mangueiras, defumador, sal grosso e acompanhados por uma percussionista, o coletivo de realizadores do sarau, mais os parceiros e moradores da região, cantam e lavam a encruzilhada da Lapa. É também um ato para “pedir licença, dar um carinho na vizinhança e abrir os trabalhos”.

No Sarau do Escritório, a encruzilhada se transforma em palco, as pessoas que ali estão assumem o papel de personagens, dificultando a identificação de quem é artista e quem é espectador. Formas de encenação, fabulação e encantamento povoam as edições, que apesar de um roteiro prévio, fazem com que o sarau se estabeleça em uma zona do inesperado, devido a uma série de atravessamentos que só são possíveis de acontecer na rua. A encruzilhada também é um lugar de possibilidades, de produção de outras memórias, de cruzamentos, do encontro do diferente, daquele que não está enquadrado na sociedade. Como diz o poeta, “no sarau se encontra a cidade/a rua se encontra no sarau/artista travesti/poeta morador de rua/ambulante dançarina”.

Mas, a encruzilhada onde ocorre o Sarau do Escritório também é um lugar de trabalho. Não somente pelo que tange a labuta desempenhada pelos realizadores para erguer a ação cultural, os pequenos empreendedores que comercializam produtos artesanais em cada edição do evento ou pelos trabalhadores que vão ao microfone, como o caso de um mototaxista da Rocinha que frequentemente participa do palco aberto recitando poemas, justificando a

---

<sup>2</sup> Nesta pesquisa, utilizaremos a noção de “ritual” a partir do entendimento de Schechner, no qual propõe uma ligação entre performance e ritualidade. O autor define ritual como “memórias em ação”, corporificada para além das lembranças, mas também presentes no corpo, nos símbolos, uma memória viva (SCHECHNER 2002, p.49).

<sup>3</sup> Disponível em <https://medium.com/@queimandoamufa/o-sarau-do-escritorio-a0f8fbe59c0d>. Acesso: 22/06/2021

máxima do evento de que “quem bate cartão também faz poesia”. Este lugar também é o principal ponto de prostituição das travestis da Lapa.

Não raro, elas integram a programação artística do evento, como por exemplo, Luana Muniz, homenageada no segundo aniversário do Sarau do Escritório, conhecida pelo bordão “Travesti não é bagunça!”, fundadora de uma associação que abriga travestis e mulheres trans de diversos estados brasileiros, atriz, profissional do sexo, a gente de saúde. Em uma entrevista que concedeu para os produtores do sarau contou que, apesar dos 40 anos de Lapa, todos eles fazendo ponto na encruzilhada, nunca havia se apresentado no bairro, o que ocorreu em uma das edições, onde realizou uma performance vestida de malandro, que ao dançar ia se despiando até se transformar numa passista de escola de samba. A artista, falecida em 2017, era uma importante mediadora entre a ordem e a desordem da Lapa. Em entrevista ao jornal chileno *The Clinic*, afirmou: “Sou considerada e respeitada pelas pessoas. Creio que 70% gostam de mim, 20% fingem que gostam e 10% não gostam. Sou considerada a Rainha da Lapa.” (*apud* LIMA, 2019, p.2).

O Sarau do Escritório e o grupo Peneira, realizador da intervenção, também precisaram elaborar estratégias de mediação para se estabelecer no território da Lapa. Foram incorporando durante o processo de construção do evento ações como: distribuição de cartas aos moradores e comerciantes, como forma de comunicar data e horário das edições; inserções na mídia através de assessoria de imprensa; forte atuação na redes sociais; reuniões abertas mensais; convites para coprodução direcionados a agentes culturais e coletivos de diferentes localidades da região metropolitana e pesquisas para compreender sobre aquisição de alvarás para liberação de eventos em espaço público junto às instituições públicas.

Em artigo “A saga de quem faz cultura nas ruas do Rio”, publicado na plataforma multimídia *vozerio* pelos artistas-produtores do Sarau do Escritório, podemos acompanhar o passo-a-passo com as onze etapas que percorrem para conseguirem o “alvará transitório” da prefeitura do Rio de Janeiro, o salvo-conduto para vencer “a ordem/ a polícia”. Ainda sobre a experiência gerada pelo Baile do Escritório, acrescento um depoimento de Eduardo Pereira de Carvalho, em arte Dudu Pererê, poeta da mesma geração dos realizadores do Sarau do

Escritório e um dos criadores do sarau Ratos Di Versos, que ocorre há 15 anos também na Lapa.

No sábado o Sarau do Escritório fez 1 ano e teve festa de gala. A galera esbanjou! O sarau geralmente ocorre numa das esquinas da encruzilhada da Rua Gomes Freire com a Av. Mem de Sá, na Lapa. Dessa vez, ocupamos as 4 esquinas. Abriu-se a encruzilhada para a passagem da poesia e suas diversas vertentes. Os coletivos artísticos da cidade foram convocados para tramar a coisa e cada qual se responsabilizou por uma esquina. Muita gente boa. Muita coisa acontecendo, não dava pra ver tudo. Importantíssimo que seja na rua, no espaço público, porque as cidades sofrem um movimento de enclausuramento. Um movimento como esse é muito mais eficaz para a segurança pública do que policiamento ostensivo. (CARVALHO, Eduardo Pereira de, 2014, depoimento)<sup>4</sup>

A partir do caminho traçado a partir de 2010, os capítulos a seguir apontam que essas formas de atuação na Lapa, por meio de ações e relações praticadas pelo Sarau do Escritório, na perspectiva de Milton Santos, constroem e reconstroem o território. Utilizando a noção de “território usado”, interessa para o geógrafo o conteúdo do território, ou seja, o processo histórico de uso do território pelos homens, que revela os diferentes interesses dos diversos agentes sociais que atuam nesse uso. “A cultura se faz no território”, como sinaliza Lia Calabre (CALABRE, 2018).

No sarau, a Lapa do passado e do futuro é atravessada por múltiplas operações realizadas pelo grupo de artistas-produtores. A encruzilhada foi transformada temporariamente em uma espécie de laboratório, um espaço onde são feitas experiências culturais de modo coletivo. É a partir dela que a própria ideia de sarau é reinventada, por meio de ações performáticas que produzem um processo social alternativo. Ao transar o cultural e o político, incorporando experimentos no modelo de produção e criação, o Sarau do Escritório propõe outra forma de vivenciar a cidade.

Apesar de dispor de uma “cultura de rua” efervescente, sobretudo após as Jornadas de Junho e anterior à pandemia da Covid-19, promover uma prática cultural em espaço público, em um cenário desestimulante pelo poder público,

---

<sup>4</sup> Depoimento publicado pelo próprio nas redes sociais do Sarau do Escritório no dia 24/11/2014. Disponível em [https://www.facebook.com/events/743774602363465/?active\\_tab=discussion](https://www.facebook.com/events/743774602363465/?active_tab=discussion)



torna-se não só um ato de resistência, mas também um gesto de criação de uma cidade possível.

Que rufem os tambores! Senhoras e senhores com vocês, Sarau do Escritório: um laboratório de experimentações culturais.

## 2. ESPAÇO LABORATÓRIO

No sétimo dia, Deus disse:  
Agora os poetas para cantarem essa obra tremenda.  
E foi descansar.

Os poetas olharam em volta e entoaram loas  
Era ali no meio do murundum ainda intacto  
Que iriam proliferar  
Apontaram suas penas  
Espadas de fogo, cálices de vinho  
E foram pra lapa dar voz à lira

Lá na encruza tinha um auê  
Sarau do Escritório *por supuesto*  
Os poetas eram do tempo em que  
Terra ar corpo palavra se amalgamavam.  
Se sentiram em casa

Como eram bonitas as pessoas  
Se alinhavando por ali  
O som o gesto a cena, traficantes de especiarias  
Se misturando  
Num entra e sai de ventríloquos do além

E cada um ao mesmo tempo disse uma canção  
E uma algaravia celestial iluminou o bruhaha  
Explorando o que Deus não soube fazer  
E inaugurando o carnaval

Chacal. 22.07.2020

### 2.1 UM COMEÇO

Toda terceira quinta-feira do mês, desde 2013, a Praça Luana Muniz, antiga Praça João Pessoa, na região central do Rio de Janeiro, onde está localizada a encruzilhada mais poética da Lapa - como se refere um grupo de frequentadores do lugar -, se transforma em palco do Sarau do Escritório. Ao amanhecer, aparenta uma calçada qualquer. Até pouco tempo atrás, poderíamos dizer que realmente aquele espaço tratava-se de uma praça similar às outras, apesar das avenidas Gomes Freire e Mem de Sá cruzarem a sua extensão.

Os amplos bancos de concreto, que formavam parte do mobiliário urbano do bairro, e as árvores que compunham a sua paisagem foram gradativamente removidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Em 2015 retiraram os bancos com a justificativa de que o mobiliário “acumulava” pessoas em situação de rua<sup>5</sup>. Nos anos seguintes, as árvores se converteram em pedras no meio do caminho de uma cidade espetacularizada e também foram extraídas.

Os dois atos de violência somam-se às transformações físicas que os espaços públicos dos grandes centros urbanos vivenciam desde o regime colonial mas que vem se intensificando nos últimos anos com o crescimento da população mundial, causando novos arranjos sociais provocados pela violência. Em consequência disso, a arquitetura e a paisagem urbana se transformam, gerando o termo arquitetura da violência ou arquitetura do medo, como aponta a professora e pesquisadora Sonia Maria Taddei Ferraz (FERRAZ, 2014).

A arquitetura da violência está ligada primeiramente a um contexto material de mudanças físicas na arquitetura como as grades, os muros, as cercas elétricas, as concertinas, porém, a concepção de arquitetura da violência aborda, principalmente, as relações desses métodos de proteção com a sociedade e explicita que há uma ligação direta entre a segregação social e a cultura da violência.

A ação de retirada das árvores e dos bancos não é um fato isolado no bairro da Lapa. A região historicamente sofreu modificações na sua estrutura, sobretudo por meio do Estado utilizando palavras de ordem como sanear, higienizar, ordenar, demolir, civilizar. Como é o exemplo do aterramento da Lagoa do Boqueirão da Ajuda, onde hoje está localizado o Passeio Público, a derrubada de casebres e cortiços, no processo de reforma urbanística, a partir 1903, pelo então prefeito Pereira Passos, a demolição do chafariz próximo aos Arcos da Lapa, o projeto de reordenamento urbano denominado Lapa Legal, que envolvia a Secretaria Municipal de Obras e outros órgãos da prefeitura, responsáveis pela demolição do anfiteatro em 2012, localizado na Praça Cardeal

---

<sup>5</sup> A retirada dos bancos foi determinada pela Subprefeitura do Centro e Centro Histórico do Rio. A ação foi solicitada pelo Movimento de Síndicos, Comerciantes e Moradores da Avenida Gomes Freire, Praça João Pessoa e Adjacências, que recolheu mil assinaturas, alegando que o banco estaria acumulando pessoas em situação de rua, o que tornaria o local perigoso.

Câmara, e construído em 1992, com projeto do arquiteto Augusto Ivan, e até mesmo os bancos da praça Luana Muniz.

A praça que, com a retirada dos bancos, poderia perder sua complexidade de usos e frequências e portanto, a sua função social de lugar de diferentes convivências na cidade, ou se distanciar de um de seus principais atributos como um espaço público, que é o estabelecimento da copresença de indivíduos, ganha uma espécie de sobrevida nas noites do Sarau do Escritório.

### Antes

*Imagem 1: Antigos bancos da praça* Fonte: Autor (2022)



*Imagem 2: Os bancos em uma edição do Sarau do Escritório*



### Depois

*Imagem 3: Retirada dos bancos pela prefeitura do Rio* Fonte: Autor (2022)



*Imagem 4: Mesas e cadeiras dos bares* Fonte: Autor (2022)



Por volta das três da tarde<sup>6</sup>, uma movimentação rompe com o cotidiano do lugar que até então se estabelece como um espaço de passagem e de consumo nos bares e outros comércios que rodeiam a praça, vez ou outra, é também ocupada por pessoas em situação de rua. Um pequeno caminhão estaciona em uma de suas margens em cerca de cinco pessoas descarregam quase uma dezena de baús com equipamentos de som, iluminação, cenário, gerador de energia e outros materiais. Nem sempre foi assim, nos anos anteriores, a quantidade de itens era bem menor e não havia caminhão.

Tudo vinha de diferentes localidades, em sacolas, mochilas e carrinhos de mão. Houve também um período em que o Sarau do Escritório armazenava seus equipamentos na antiga boate Carrossel e no Sindicato dos Médicos, ambos na Lapa, o que, por um lado, facilitava a logística. Apesar do espaço ser público, mediações são necessárias. Antes, uma série de idas e vindas em órgãos públicos resultava, quase sempre, na aquisição de um documento de liberação do uso do espaço.

Na terceira quinta-feira, a negociação se dá com o gerente do bar, que faz da praça extensão do seu comércio, e o supervisor da farmácia, que utiliza o espaço como estacionamento de motocicletas. Raramente o diálogo é amistoso, sobretudo com o gerente do bar que assumiu o cargo recentemente e desconhece a intervenção que ocorre na praça há algum tempo. Muitos passantes perguntam o que irá acontecer ali naquele espaço, uns acham que é roda de samba, os integrantes do grupo explicam de forma paciente sobre o que é o sarau.

Até 2016 o Sarau do Escritório acontecia em frente ao Bar da Cachaça, em um dos lados da praça Luana Muniz. Com o crescimento do evento e a retirada dos bancos, tornou-se necessário migrar para o lado oposto onde, teoricamente, havia mais espaço disponível.

---

<sup>6</sup> Essa parte da escrita narra a memória do Sarau do Escritório experienciada por mim, sobretudo no período correspondente aos anos de 2016 e 2017.

O Sarau do Escritório é marcado para começar às sete horas da noite. Assim que o material chega à praça, Priscila<sup>7</sup>, Larissa<sup>8</sup>, Michele<sup>9</sup>, Luiz<sup>10</sup> e Alex<sup>11</sup> iniciam a organização da montagem da estrutura do dia. Em seguida, chegam Jon<sup>12</sup> e Marquinhos<sup>13</sup>, responsáveis pela montagem da iluminação e do equipamento de som respectivamente.

Durante os oito anos de projeto, existiram outros personagens centrais para a encenação do Sarau do Escritório na cidade, alguns fizeram parte da equipe por mais tempo e outros colaboraram apenas em uma edição.<sup>14</sup> Todos sabem o que precisam fazer. Certos moradores e comerciantes também colaboram. Luana Muniz por exemplo, concede a escada para a montagem da iluminação e do cenário. Sérgio, proprietário do Bar da Cachaça, empresta algumas mesas e cadeiras. Nas primeiras edições, também cedia o ponto de energia para ligar os equipamentos, e o ponto de água, para a execução da “performance-poética-funcional” chamada “às águas vão rolar”, um ato ritualizado de lavagem da praça “inspirado nos cantos de trabalho [...], que rediscute a questão da limpeza e ocupação de espaços públicos.”<sup>15</sup>

Munidos de vassouras, baldes, mangueiras, defumador, sal grosso e acompanhados por uma percussionista, o coletivo de realizadores do

---

<sup>7</sup> Priscila Bittencourt, cientista social, cineclubista e atuante nos grupos de maracatu. Começou a se aproximar do Sarau do Escritório em 2015. Em 2016 passou a compor a Peneira e a colaborar continuamente no evento.

<sup>8</sup> Larissa Amorim, jornalista. Começou a colaborar no Sarau do Escritório como fotógrafa em 2014, em 2015 passa a integrar a Peneira e assume a elaboração do cenário do evento junto de Michele Lima.

<sup>9</sup> Michele Lima, atriz. Atuou no espetáculo Urucuia Grande Sertão da Peneira em 2011. Uma das fundadoras do Sarau do Escritório, integrou o grupo até 2019.

<sup>10</sup> Luiz Fernando Pinto, ator. Fundou a Peneira em 2010 e o Sarau do Escritório em 2013. Atualmente segue na coordenação da Peneira junto de Priscila Bittencourt.

<sup>11</sup> Alex Teixeira, jornalista. Fundou a Peneira junto de Luiz. Fez parte do grupo até 2021.

<sup>12</sup> Jon Thomaz, iluminador. Passou a integrar o Sarau do Escritório em 2015.

<sup>13</sup> Marcus Ferreira, técnico de som. Passou a integrar o Sarau do Escritório em 2016.

<sup>14</sup> Destaque para Rebeca Brandão, produtora cultural que atuou na realização do Sarau do Escritório em 2014 e 2015. Rebeca foi fundamental na contribuição para a sistematização das atividades que compõem o Sarau do Escritório, compunha com Luiz e Alex o coletivo Mufa Produções. Tatiana Maria, produtora cultural que colaborou nas primeiras edições do Sarau do Escritório. DJ Pimpolho, foi responsável por operar o equipamento de som em 2014. E, Alessandra Teixeira, responsável pelo Lookbook (um dos dispositivos do Sarau do Escritório) em 2014.

<sup>15</sup> Retirado da página do Sarau do Escritório na plataforma Medium. Disponível em <https://medium.com/@queimandoamufa/o-sarau-do-escritorio-a0f8fbe59c0d>. Acesso 22/06/2021. O ato performático faz parte da série de dispositivos desenvolvidos pelo grupo, como apontaremos no fim deste capítulo.

sarau, junto aos parceiros e moradores da região, antes da montagem do evento, cantam e lavam a encruzilhada da Lapa. É também um ato para “pedir licença, dar um carinho na vizinhança e abrir os trabalhos”, como refere-se um dos idealizadores do Sarau do Escritório. Segundo Simas e Rufino,

a encruzilhada é o lugar das incertezas... há que se praticar o rito; pedimos licença ao invisível e seguimos como herdeiros miúdos do espírito humano, fazendo do espanto o fio condutor da sorte. Nós que somos das encruzilhadas desconfiamos é daqueles do caminho reto. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 24)

Essa foi a forma que os integrantes do Sarau do Escritório descobriram para ir a campo, inventar um modo de atuação na Lapa e disputar um território tensionado pelo uso individual e coletivo, onde, na maioria das vezes, o capital é que dimensiona o modo de ocupação do espaço público. No ritual do Escritório, o manuseio dos Cantos de Trabalho, uma prática antiga e tradicional da história brasileira, principalmente no espaço rural, oriundos de tradições musicais indígenas mescladas com as influências europeias e africanas, no qual marcavam os ritmos de trabalho, unificando ainda a ocupação coletiva e contribuindo para que se diminuísse o esgotamento físico e emocional decorrente das longas jornadas de atividades, adquire outros significados simbólicos e estéticos.

O ato é uma apresentação antes da atração principal, uma encenação antes do espetáculo. A performance começou a ser executada em maio de 2014, na quarta edição do Sarau do Escritório. Um dos motivos de sua realização, além do pedido de licença, era literalmente a limpeza do espaço público. “Há meses fazemos o sarau nesse espaço, e o lugar está sempre imundo. Já contatamos a Comlurb, e nada. Então dessa vez resolvemos arregaçar as mangas. A ideia é seguir com o sarau itinerante, lavando outras praças da cidade”, conta Alex Teixeira um dos organizadores do evento.

A ideia de lavar outras praças da cidade não foi adiante e com a crise hídrica e a dificuldade de liberação do ponto de água com o dono do bar, a performance ritualizada seguiu sendo executada sem água e sabão,

apenas com incenso, sal grosso e uma varredura para retirar o excesso de sujeira.

Segundo a pesquisadora Silvana Bahia, na sua dissertação sobre as disputas do Sarau do Escritório no bairro da Lapa, o ritual da lavagem pressupõe “uma ideia de preparação e vínculo com o território, já que tal relação está em constante construção” (BAHIA, 2016. p. 56). Ainda sobre a “as águas vão rolar”, Bahia prossegue pontuando que “é relevante criar rituais, formas para legitimar a ação, e a noção de limpeza pode ser vista com bons olhos se associada ao cuidado e à preservação do espaço.” (*ibidem*). Porém, podemos pensar que além de realizar uma política da boa vizinhança, o ato pode se inserir em uma perspectiva de reordenamento das relações e dos espaços, no qual, por intermédio de uma ação performática, o fazer junto prepara na verdade uma transformação do espaço, criando a abertura para um outro lugar, não mais aquele estimulado pelo comércio local, onde a praça é utilizada como extensão dos bares, mas sim um novo ambiente, o da encenação, distanciando de uma ideia “do caminho reto”, para o lugar do encantamento, como apontam Rufino e Simas.

A performance poética-funcional, como o próprio nome sugere, reúne corpos em ação poética que funciona como um gesto que poderia dizer: “olha, isso aqui não é uma calçada, não faz parte do bar. É sim, uma praça e hoje vai se transformar em um lugar de encenação, de criação. Para isso pedimos licença a todos que nela habitam.”. Assim sendo, é importante enfatizar que não podemos ler a performance deslocada da encenação do Sarau do Escritório como um todo, assim como de suas operações de expansão dos sentidos e tensionamentos. Torna-se perceptível, ao acompanhar o Sarau do Escritório, o modo como se estabelece no bairro da Lapa, e que a ação propõe um debate sobre o uso dos espaços públicos na cidade por intermédio da cultura.





Imagem 5, 6 e 7: Performance-poética-funcional “As águas vão rolar”  
Imagem 8: Peça de divulgação da performance Fonte: Autor (2022)

Além das múltiplas contaminações presentes na composição do Escritório, há também o manuseio das palavras e dos imaginários enquanto produtores de sentido, como por exemplo o gesto de reposicionamento da expressão “escritório”, comumente conhecido por ser um lugar de trabalho, para dar nome a um sarau de poesia, que ocorre em uma encruzilhada no bairro da Lapa, em frente a um estabelecimento chamado de Bar da Cachaça. E ainda, ao utilizar a máxima “quem bate cartão também faz poesia” e nomear os participantes da ação como “funcionários da firma”, pode ser considerado uma espécie de jogo que tensiona as expressões, capaz de produzir novos significados e ensaiar outras subjetividades.

Um jogo lúdico e político em que o escritório se torna um laboratório de invenções e descobertas para se pensar a cidade. O laboratório se

instaura como um lugar de trabalho, o trabalho se estende para além de sua forma da remuneração financeira, passando a adquirir também uma qualidade de pulsão de vida criativa. Assim sendo, o uso das palavras, assim como dos cantos de trabalho na performance que antecede o sarau, pode ser visto também como uma operação de expansão do sentido e uma disputa de cidade pelo campo cultural e artístico do Rio de Janeiro.

A praça descaracterizada retoma seu lugar de praça, volta a operar uma atividade pública e transforma-se em palco, não só por meio dos integrantes do Sarau do Escritório, mas por uma junção de indivíduos presentes na encenação. O lugar do trabalho também é lugar de fazer arte. E mais, o trabalhador, não só o da cultura, também é artista. Por outro lado, nos interessa também, para seguir o curso da reflexão sobre o Sarau, justamente a origem da palavra “escritório”, do latim *scriptorium*, que significa o “lugar da escrita”, o que nos leva às seguintes perguntas: quais são as escritas realizadas pelo Sarau do Escritório na Lapa? E que tipo de escritas são essas?

Desde que migraram para o outro lado da Praça Luana Muniz, um gerador de energia, disponibilizado pelo Sarau do Velho, que acontece na Zona Oeste da cidade, substituiu o ponto cedido por Sérgio, dono do Bar da Cachaça. Após abrirem os trabalhos com a lavagem da praça, uma força tarefa é executada para a montagem da estrutura do Sarau do Escritório. O cenário, construído exclusivamente para cada edição e que dialoga com a temática que dá forma e sentido ao sarau, a exposição de fotografias, que também está relacionada ao mote da edição, a projeção na fachada do prédio localizado ao fundo da praça, a iluminação, o equipamento de som, o bazar do evento, que comercializa souvenirs do Sarau do Escritório e as pequenas armações do mini circuito de comida de rua e expositores que vendem produtos no evento, são dispostos de forma organizada no espaço da praça de maneira que não atrapalhe a passagem dos transeuntes, o comércio local, o trânsito dos automóveis e o público do evento que começa a chegar assim que o sol se põe.



*Imagem 9: Exposição de artes visuais Imagem 10: Projeção  
Imagem 11: Exposição de artes visuais Imagem 12: Pepeia performando  
no Sarau do Escritório Fonte: Autor (2022)*

Tendo em vista que a maioria das pessoas que compõem o acontecimento do Sarau do Escritório residem em lugares distantes da Lapa, os realizadores, na medida do possível, cumprem com o horário combinado para o início do evento. A encenação sempre se inicia com a música “O Motoboy e Maria Clara”, de Tom Zé, do álbum "Tropicália Lixo Lógico" (2012). Em um ponto da canção, a letra que narra a vivência de um trabalhador, destaca que “o escritório funciona”. Essa é a deixa para a dupla de MC’s Alex e eu assumir o microfone e dar as boas-vindas aos presentes.

Alô povão agora é sério! Muito boa noite, senhoras e senhores! Mais uma edição do Sarau do Escritório na encruzilhada mais poética da Lapa. Hoje o bagulho vai ficar doido! A programação está estonteante e vamos mostrar que a firma segue na sua labuta diária ensaiando formas de criar outras maneiras de vivenciar a cidade. Para quem não sabe, o Escritório funciona desde novembro de 2013 com edições temáticas e uma série de

dispositivos que fomos desenvolvendo ao longo dos anos<sup>16</sup>.

O discurso de abertura varia a cada edição, mas o tom de humor e as tiradas de improviso da dupla são características permanentes. Além da fala de boas-vindas, a abertura conta com a apresentação da temática, informações sobre os micros empreendedores que estão comercializando produtos no dia, a exposição de fotografias, a projeção e a abertura da lista do palco aberto, que é administrada por Priscila. Em seguida, começam a chamar os artistas que estão na programação desenhada previamente, nada é aleatório, há uma ordem estabelecida pelos realizadores que reflete uma curadoria e uma espécie de linha dramática da encenação. Introdução, clímax, nuances e desfecho são pontos considerados para a criação do roteiro. Eu, que também sou ator e dramaturgo, sou o responsável por realizar o esboço, já a definição é feita de maneira coletiva entre a equipe de produtores do evento.

O silêncio é algo raro no Escritório, diferente de outros saraus, como por exemplo no sarau Cooperifa, realizado no Bar do Zé Batidão, no bairro de Piraporinha, na periferia de São Paulo, cuja faixa com o escrito “o silêncio é uma prece” dá o recado aos participantes. Isso se dá não somente por acontecer em um bairro boêmio e repleto de atravessamentos como a Lapa, mas pela característica própria do evento. Além de ser um ponto de encontro de pessoas distintas, o sarau possui um tom festivo e uma gama de acontecimentos ocorrendo ao mesmo tempo. Isso não quer dizer que o público não dê a devida atenção para as apresentações realizadas no palco, pelo contrário, tanto que o silêncio quando surge, é uma espécie de suspensão que captura todos os participantes, que de alguma forma estão atentos às apresentações. Em entrevista para esta pesquisa, a poeta Rainha do Verso, integrante do coletivo *Slam* das Minas, conta que:

Um dos momentos mais marcantes para mim foi quando eu recitei uma poesia da Dina Di que fala sobre mãe solo. Não lembro se foi na primeira ou na segunda vez que recitei no Sarau do Escritório. Era uma edição que estava

---

<sup>16</sup> Descrição de um registro em vídeo realizado na abertura do Sarau do Escritório no dia 25/08/2016, na edição Mandingas. Arquivo pessoal.



chovendo muito. Estava todo mundo falando e conforme fui recitando... o silêncio... foi colocando assim aquele silêncio. Aí eu vi que os homens foram para trás e as mulheres foram vindo pra frente. (VERSO, Rainha do. 2021, entrevista)

Momentos de suspensão como esse acontecem, por exemplo, na hora da homenagem do Sarau do Escritório, um “dispositivo” presente desde a primeira edição da intervenção. O homenageado é sempre uma pessoa anônima que circula pelas ruas da região central do Rio, cuja história de vida é geralmente pouco conhecida. Uma foto do celebrado estampa o cartaz, também utilizado para a divulgação do evento, que é afixado em diversos pontos da cidade. No dia do Escritório, a figura recebe a homenagem. É feita uma leitura do texto desenvolvido a partir de uma entrevista elaborada com o homenageado antes do sarau, e depois a pessoa assume o microfone performando suas próprias histórias, narrando sobre si e sobre a Lapa.



*Imagem 13: Tia Lúcia recebendo a homenagem Imagem 14: Tia Lúcia ao microfone performando Imagem 15 e 16: Tia Lúcia* Fonte: Autor (2022)

A ação na praça Luana Muniz tem a duração de cerca de quatro horas, sem intervalo, com apresentações de poesia, números circenses, performances, atrações musicais, dança, teatro, lançamento de livros, dentre outras. Cada linguagem possui uma minutagem específica no roteiro do Sarau do Escritório, poesia até cinco minutos, performance até dez minutos, música solo até quinze minutos, banda até trinta minutos, teatro até quinze minutos. Cabe aos MC's o controle do tempo. Em situações em que o artista não cumpra o combinado, há um direcionamento para concluir a apresentação. Não há passagem de som, ensaio ou qualquer tipo de preparação para as apresentações de quem está na lista da programação. Apesar da diversidade de linguagens, a poesia ganha lugar de destaque no evento, havendo sempre mais poetas na programação do que artistas de outras expressões.

Como dizem os MC's ao microfone, "pode de tudo no Sarau do Escritório", mas não é bem assim, apesar de não haver uma avaliação da qualidade de cada apresentação, se o poeta esquece parte do poema que está recitando, por exemplo, é permitido reiniciar sua apresentação sem que não haja problema, entretanto apresentações com discursos racistas, homofóbicos e antidemocráticos não são tolerados. Na programação desenvolvida previamente, quando se trata dos artistas que solicitaram, nas redes sociais do evento, participação na edição, o controle do que será apresentado na praça é mínimo, as únicas informações que possuem sobre as performances a serem executadas, são por meio de uma pequena biografia e foto, que os realizadores solicitam aos artistas para a divulgação nas redes sociais.

O que difere no caso de artistas convidados diretamente pelos realizadores do Sarau do Escritório, pois geralmente são apresentações já conhecidas pelo grupo. Assim, podemos compreender que a programação do evento é composta por três elementos: artistas que solicitam participação por intermédio das redes sociais; artistas convidados diretamente pela equipe do Sarau e artistas que se inscrevem no palco aberto na hora do acontecimento. Há casos pontuais em que os artistas-produtores do SDE cancelaram a participação de atrações, todas devido a um posicionamento dito antidemocrático ou preconceituoso por parte da

atração, verificado a partir de pesquisas na internet ou até mesmo pelo conteúdo enviado pelo artista. Já no palco aberto o controle é inexistente, quando há inscrição de pessoas desconhecidas do grupo, a equipe fica em alerta e cabe a responsável pela lista do palco aberto e os MC's a mediação desse momento. Neste paradoxo entre liberação e controle das participações no sarau é importante destacar que, no Sarau do Escritório, todos que comparecem ao microfone são tratados como artistas e se reconhecem como tal.

Abaixo o roteiro de uma edição do Sarau do Escritório:

<p>-----  Programação:  -----  18:00 - Abertura do Sarau do Escritório  19:00 - Palco aberto  19:05 - Leonardo Lopes (poesia)  19:10 - Rejane Barcelos (poesia)  19:15 - Igor Kappler (música)  19:30- Palco aberto  19:40 - Edmilson Santini Santini (poesia)  19:45 - Igor Gonçalves (poesia)  19:50 - Thais Nascimento (poesia)  19:55 - A Dita + Musttache (performance)  20:05 - Palco aberto  20:10 - Negotrio (música)  20:40 - Thiago Diniz (poesia)  20:45 - Raquel De Oliveira (poesia)  20:50 - Biancka Fernandes (performance)  21:00 - Geise Gênesis Gomes (poesia)  21:05 - Melodica Vibezz (música)  21:20 - Palco aberto  21:25 - Manas Juanas (performance)  21:35 - Pedras Pilotáveis (música)  22:05 - Aron Costa (performance)  22:15 - Ingra da Rosa (poesia)  22:20 - Virótica (música)  + </p>	<p>+  VJ Pri Bittencourt  +  Exposições  Mapeamento Comércio de Segunda Mão (Arthures Garcia e Filippo Martucci)  +  Expositores:  Deize Lanches  Lançamento do livro Poemas de Versos - Thiago Diniz  Lançamento da Revista Acre - Rômulo Ferreira  Brechó da Biroška Da Pepeia Mariosa  Ricardo Mendes - Galeria da Estante  +  Estação de recarga de celular - GeraSol  -----  BarZar do Sarau do Escritório:  -----  Kit Natalino do Escritório (pra você presentear aquela pessoa especial ❤️), contendo Camisa Poeme-se Sarau do Escritório, adesivo Sarau do Escritório, cachacinha artesanal do Escritório e lambe-lambe de colecionador do Sarau do Escritório;  Bircoticos com o melhor custo benefício da região.  ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO!  -----</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

*Imagem 17: Roteiro do Sarau do Escritório Fonte: Facebook (2021)*

Durante a edição a equipe se divide em diversas funções, como já dito, os MC's, Alex e eu comandamos o palco do Sarau chamam as atrações ao microfone, comunicam os informes do dia, controlam a minutagem das apresentações e dão um dinamismo para o evento. Priscila fica responsável pela lista do palco aberto e a projeção visual na fachada do prédio. Jon opera o equipamento de iluminação e colabora na parte técnica do evento, é a pessoa que corre para comprar gasolina, no meio do sarau, para abastecer o gerador, por exemplo. Marquinho opera todo o equipamento de som, montagem dos instrumentos e assume o papel de DJ antes do evento começar de fato.

Michele e Larissa ficam responsáveis pelo “BarZar do Sarau do Escritório” - às vezes contam com a colaboração de algumas pessoas parceiras da intervenção -, a mediação com os empreendedores que estão comercializando produtos no evento e por acompanhar a permanência das exposições e do cenário, desenvolvido por elas, até o final do sarau. O registro fotográfico fica a cargo de Victor.

Outra função da equipe de organizadores é recepcionar os artistas e estabelecer parcerias com potenciais participantes, tendo em vista outros projetos realizados pela Peneira e até mesmo o próprio Sarau do Escritório. O evento é frequentado por pessoas de diferentes atuações e lugares. Ali é possível encontrar, por exemplo, funcionários da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, pesquisadores acadêmicos, produtores de outros eventos, administradores de espaços de cultura, etc.

Em muitas edições do Sarau do Escritório existe a presença do “produtor convidado”, uma figura que compõe a produção do evento naquele mês. Basicamente essa pessoa tem o papel de expandir o alcance do evento, sugerindo artistas para a programação e compartilhando experiências que possam acrescentar na encenação do sarau.

Produtor convidado é um projeto que nasce da vontade de desconstruir e reconstruir o Sarau do Escritório mensalmente, através da troca de expertises entre artistas/produtores/agentes de cultura da metrópole do Rio de Janeiro.

Entendendo que produção cultural é mais do que um ofício prático de execução de demandas, e sim a gênese e realização de projetos, o grupo convida produtores atuantes em trabalhos que conversam diretamente com a proposta do projeto.

Nesse período, o Sarau do Escritório vem se firmando como um local de encontros entre atores da cena independente do Grande Rio. Isso acontece muito pela proposta radicalmente coprodutiva do evento.<sup>17</sup>

Seguindo uma perspectiva relacionada à descoberta de novas formas de atuação performática no espaço público e na criação de uma espécie de metodologia criativa e compartilhada, o “produtor convidado”

---

<sup>17</sup> Post do dia 10 de agosto de 2015. Vem em [www.facebook.com/saraudoescritorio](http://www.facebook.com/saraudoescritorio). Acesso 14/12/2021



torna-se também um invento desse espaço-laboratório desenvolvido de forma contínua pelo Sarau do Escritório.

Nomes relevantes da produção cultural do Rio de Janeiro participaram como produtores convidados do evento, como: Veruska Delfino (edição setembro de 2014); Diego Bion e Luana Pinheiro (edição outubro de 2014); “Movimento Nefelista”, “Leão Etíope do Méier”, “Balalaica”, “Ratos di Versos” e “Rádio Rua” (edição novembro de 2014); Écio Salles (edição dezembro de 2014); Viviane Sales (edição março de 2015); “Ocupa Lapa” (edição abril de 2015), Bruno Eppinghaus e Bruna Messina (edição junho de 2015); Jorge Freire (edição julho de 2015); Marcelo Gularte (edição agosto de 2015); Jessé Andarilho (edição setembro de 2015); “Cineclube Buraco do Getúlio”, “Sarau RUA”, “FAZ NA PRAÇA”, “*etnohaus*”, “*Poliphonia*”, “Fábrica Nômade Sonora”, “Centro Cultural Donana”, “LAENCASA”, “Espaço Cultural Viaduto de Realengo” e “Maneh Produções e Eventos” (edição novembro de 2015); Poeta Xandu (edição dezembro de 2015); Julinho Barroso (edição janeiro de 2016); Tatiana Maria (edição maio de 2016); Jeferson Plácido (edição junho de 2016); Bia Pimenta (edição agosto de 2016); Bruno Duarte (edição setembro de 2016); “Sarau Tá no Ponto”, “Marginow”, “Facção Feminista Cineclube”, “Festival de Música e Cultura de Rua de Bangu” e “Sarau do Velho” (edição dezembro de 2016); Bianca Miranda (edição abril de 2017); DJ Lencinho (edição de maio de 2017); Paulo Sérgio (edição junho de 2017); Santiago Perlingeiro (edição julho de 2017) e Jon Pires (edição dezembro de 2017).

O "produtor convidado", assim como outros elementos da composição da encenação do Escritório, contribuem para a criação de novas experiências possíveis de serem vivenciadas a cada evento, e que juntos, possibilitam também novas escritas na Lapa. O “produtor convidado”, “a temática do mês”, dentre outros, são elementos chamados pelo Sarau do Escritório de “dispositivos” e que considero como um conjunto de procedimentos que dão forma ao esquema de encenação do Sarau desenvolvidos nesse ambiente laboratório em que a ação se estabelece.

A última atração do evento sempre é musical, o sarau termina quase pontualmente às onze da noite em tom festivo, dançante. O argumento de terminar no horário vem do cuidado com os moradores do entorno. Vez ou outra alguém do prédio próximo à praça Luana Muniz reclama do barulho. Mas geralmente o volume do som que incomoda a vizinhança caseira não é proveniente do sarau. Quando o Escritório aquieta, a Lapa desperta, os bares estão lotados e assim que a firma “fecha suas portas”, o público se desfaz entre as ruas do bairro boêmio ou continuam os trabalhos no Bar da Cachaça, que permanece aberto até o amanhecer. Enquanto isso, os organizadores do Sarau do Escritório iniciam a etapa de desmontagem do evento. A cena inicial se repete com um pequeno caminhão estacionado em uma das margens da praça ou com os realizadores do evento carregando caixas de som pelas ruas da Lapa.

## 2.2 OUTROS COMEÇOS

### ***Sarau do Escritório - edição dia do levante***

*Quando? Quinta-feira, dia 09 de agosto 2018*

*Que horas? Das 18h às 23h*

*Praça Luana Muniz (antiga João Pessoa), s/nº - Lapa / Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro / Brasil / Planeta Terra / Via Láctea*

Por meio de estratégias criativas e inovadoras, a Peneira vinha conseguindo dar visibilidade para as ações realizadas na região central da cidade. Uma série de artistas, agentes e coletivos culturais, ativistas, professores, empreendedores e estudantes universitários, de diferentes localidades e classes sociais, além de moradores e frequentadores da Lapa, se reuniam pelo menos uma vez por mês no sarau, transformando o Escritório em um ambiente de encontros, de trocas, de aprendizados e também de experimentações culturais no espaço público.

Muitos realizadores de outros eventos que ocorriam na Região Metropolitana frequentavam o sarau, era uma forma da rede se encontrar, pensar estratégias de atuação, trocar informações e recarregar as energias para prosseguir com as ações culturais em seus territórios. Sem exagero, podemos dizer que o circuito da poesia de rua do Rio de Janeiro, sobretudo

composto por poetas das zonas norte e oeste da capital e da baixada fluminense, encontrava no Sarau do Escritório um ponto de confluência. Em entrevista para o desenvolvimento desta pesquisa, o poeta Xandu, produtor do sarau “Ratos di Versos”, que ocorre há 15 anos na região central do Rio de Janeiro, e também uma figura presente no circuito da poesia urbana da cidade, aponta o esquema de combinação elaborado pelos realizadores do Sarau do Escritório como um dos aspectos sobre o estabelecimento do sarau como lugar de encontro.

A partir desta trinca de vetores de força (o lugar + o popular brilhante + artistas convidados) acredito que em mim selou um pacto de valor, somado ao afeto pessoal, as dinâmicas agregadoras propostas pela produção, conhecer muitos outros artistas, além de outros poetas, os circenses, músicos, performers, a cidade-em-arte passou pelo Sarau do Escritório e isso somou para sempre na minha existência cultural. (DURATOS, Xandu, 2021, entrevista)

Porém, a contar da edição “Já é Natal no Shopping Chão”, desenvolvida em 14 de dezembro de 2017, o Sarau do Escritório não era realizado no bairro da Lapa. A dificuldade presente e a por vir, não foram nenhuma surpresa para o grupo, que comumente se posicionava de maneira crítica, humorada e atenta ao cotidiano, como podemos verificar em uma das postagens nas redes sociais sobre a última edição de 2017.

Para aqueles que acham que o mês de dezembro é um eterno déjà vu ambientado pelos pisca-piscas nas fachadas das casas, panetone, chester, sidra Cereser e o som em looping da canção "Então é Natal" pela voz de Simone, o Sarau do Escritório - Já é Natal no Shopping Chão confirma essa tese mas vai além.

A firma chega de voadora, combina todas essas influências, prepara uma programação sinistra, renova os votos afetivos com a Lapa e faz o mês de dezembro ser uma possibilidade de (re)descobrir caminhos artísticos na cidade, e também um período para a busca de soluções para existirmos em 2018.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Post do dia 30 de novembro de 2017, divulgado na página do Sarau do Escritório no Facebook. ver em <https://www.facebook.com/SarauDoEscritorio/photos/a.379818935491406/1021966981276595> Acesso: 09/11/2021

Desde as primeiras edições em 2013 o Sarau do Escritório precisou descobrir táticas para superar o contexto desfavorável em que estava inserido. Mas, referindo-se a essa edição de dezembro de 2017, outra postagem nas redes sociais do grupo, dessa vez para anunciar a escolha da temática que indicaria o caminho estético a ser percorrido na encenação, pontua o trânsito entre a resistência e a existência de uma ação performática que reúne corpos no espaço público em função de uma outra experiência urbana, elaborando “formas corporificadas em ação” (BUTLER. 2018. p.14) e, imprimindo no processo, um procedimento de descobertas e ensaios de novos modos de fazer.

Quanta coisa rolou desde a nossa última incursão na Praça Luana Muniz, em agosto... a firma realizou edições itinerantes em Portugal, completamos quatro anos de re-existência, o presidente da Alerj foi e voltou para o xilindró, dois ex-governadores chegaram para engrossar o pagode do Cabral no Palácio Benfica (ou se preferirem, na Cadeia Pública José Frederico Marques) e por aí vai...

O clima no país, e quiçá no mundo, não é nada amistoso, mas cá estamos, ocupando a encruza, e declarando: Já é Natal no Shopping Chão!

Antiguidades, quinquilharias, trecos, troços, achados, bagulhos e cacarecos são comercializados diariamente no tradicional Shopping Chão da Rua da Lapa, que segundo estudiosos, remete sua origem a Feira de Antiguidades da Praça XV. Ele é o comércio informal que trata, basicamente, da venda de objetos descartados, expostos em lençóis e toalhas nas calçadas.

O Shopping Chão é o próprio evento, a feira ilegal; o brechó é a prática, o tipo de comércio feito com as peças, sejam elas lixo ou antiguidades. De obras de arte a escova de dente usada, passando por discos de vinil, roupas e eletroeletrônicos. Tem de um tudo no Shopping Chão... e nesses tempos de austeridade, que tal se debruçar no garimpo?

Para o cientista social Douglas de Souza Evangelista, “No Shopping Chão há condições para permuta e solidariedade, e antes de ser um “evento” fixo – apesar de acontecer regularmente em alguns pontos da cidade -, trata-se de uma prática móvel e dinâmica, autogestionada, que atua de acordo com o acirramento ou relaxamento da fiscalização por parte da administração pública. Portanto, este tipo de feira alternativa subverte os valores e estatutos conferidos pelas feiras oficiais e as narrativas produzidas por seus organizadores”.

Diante disso, certamente temos muito a aprender com quem faz o Shopping Chão acontecer!<sup>19</sup>

Ao convite de Veruska Delfino, a primeira produtora convidada do Sarau do Escritório e coordenadora da “Agência de Redes para a Juventude”, a Peneira havia feito apenas uma versão reduzida do Sarau em uma lanchonete na cidade de São João de Meriti, no distrito de Coelho da Rocha, na Baixada Fluminense.

O ano de 2018 estava se configurando para a descontinuidade do que foi acumulado durante as experiências desenvolvidas e os aprendizados adquiridos nos anos anteriores. Um sintoma observado não apenas na Lapa, mas também em diversas outras ações ocorridas no espaço público e que ganharam forças significativas durante as transformações conceituais e programáticas das políticas culturais implementadas na gestão de Gilberto Gil e Juca Ferreira, no Ministério da Cultura no governo Lula (2003-2010) e parcialmente continuadas no governo de Dilma Rousseff (2011-2016), e que tomaram as ruas a partir de um arroubo criativo impulsionado pelas manifestações populares de 2013.

Uma série de acontecimentos externos e internos, como a intervenção federal no Rio de Janeiro, o assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a greve nacional dos caminhoneiros, o incêndio de grandes proporções no Museu Nacional, o segundo ano de governo do prefeito do Rio de Janeiro e bispo Marcelo Crivella, dentre outras ocorrências abalaram a produção de cultura urbana da cidade, afetando em cheio a Peneira e suas atividades na rua, um ensaio da grave crise que o setor viveria poucos anos depois com a pandemia da Covid-19, iniciada no início de 2020. Somado a isso, tornava-se cada vez mais difícil realizar o Sarau do Escritório sem recursos financeiros, sobretudo devido ao tamanho grandioso - em comparação às edições iniciais - que a intervenção adquiriu. O ano se iniciava e um novo começo também.

---

<sup>19</sup> Texto postado na página do Facebook do Sarau do Escritório para anunciar a edição do dia 14 de dezembro de 2017. Vem em <https://www.facebook.com/events/147616275864845/>. Acesso em 09/11/2021

No planejamento do grupo Peneira havia a execução de outras atividades durante o ano de 2018, como a primeira edição do “Cultura em Pauta”, um ciclo de debates com candidatas, candidatos e candidates ao legislativo que tinham a cultura como um dos eixos prioritários de seu projeto político, o “Cine Vila” com a sessão “As minas narram”, um espaço contínuo de exibição do audiovisual nacional, debate e exposições, desenvolvido em 2016, na praça Tobias Barreto, em Vila Isabel, e o início da execução do projeto “Fabulações do Território”, uma construção teatral participativa com artistas convidados e moradores do território da Lapa.

Cumprindo a previsão, apesar dos obstáculos inerentes à produção de cultura no país, sobretudo naquele período, a Peneira conseguiu realizar tais atividades. Na contramão da conjuntura, o grupo criava propostas para manter-se ativo na cidade. Se o espaço público se tornou inviável, era preciso desenvolver novos começos.

Não sabemos se todo mundo tá ligado, mas a Peneira está em processo de reconstrução. Um fluxo mais que necessário para assimilar quanta coisa bacana realizamos juntos há oito anos. Reduzimos o ritmo e a quantidade de ações nos territórios para repensar nossa estrutura, modelo de negócio e elaborar novos projetos para os próximos semestres. Estamos de cara nova, com novas propostas e grandes expectativas.<sup>20</sup>

A reconstrução referida não era apenas um desejo criativo do grupo, mesmo que esse sentimento tenha percorrido todo o processo de desenvolvimentos de seus projetos, mas a urgência por novas ações estava sendo intensificada pelas inúmeras dificuldades em colocar o Sarau do Escritório na rua.

Os dois canais principais de comunicação com o público do Sarau do Escritório são por meio das redes sociais e de forma presencial, este último na ocasião do acontecimento das ações culturais e na circulação dos artistas-produtores que integram a Peneira pelas ações culturais da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O cenário não era nada favorável, a rua se transformava em um lugar hostil, o movimento cultural na Lapa se dava

---

<sup>20</sup> Postagem na página do Facebook do Sarau do Escritório no dia 28 de junho de 2018. Ver em <https://www.facebook.com/SarauDoEscritorio/videos/1146286332177992> . Acesso 10/11/2021

apenas em lugares fechados, como bares e casas de show. Longe da rua, a atuação nas redes sociais precisou ser intensificada. Após o hiato do período de carnaval, passaram-se os meses de março e abril sem expectativas concretas do retorno da intervenção na encruzilhada. No início de maio, o Sarau do Escritório anunciou nas redes sociais que faria a primeira edição de 2018, na Lapa, dentro da programação da “4ª edição do Festival O Passeio é Público”, que estava prevista para acontecer no dia 27 de maio de 2018. O Escritório havia participado da produção do festival nas duas primeiras edições (2015 e 2016), com a realização do “Arraiá do Sarau do Escritório”<sup>21</sup>.

Dessa vez, diante dos acontecimentos políticos, sociais e culturais, e da ausência por tantos meses do bairro boêmio, o posicionamento do Escritório se deu também pela substituição do tradicional “Arraiá” pela edição intitulada “O dia do levante”.

Atenção, senhorxs!

A firma anuncia que apesar do STF ter dado o aval para a reforma trabalhista, a nossa labuta continua, e dessa vez, de volta ao Festival O Passeio é Público, com a edição O dia do levante.

Iniciamos os trabalhos do Escritório em 2013, o ano que ainda não terminou, e que muitos tentam decifrá-lo. De lá pra cá, em meio a essa hecatombe que tomou o país, parece que vivemos 50 anos em 5 (faça um exercício mental e reflita em tudo o que rolou...). O povo foi pro revide, fez das ruas o seu lugar de resistência, e segue na disputa por uma vida mais justa.

Em um momento em que nossos corpos estão sendo atacados, aprisionados, marcados, executados, é preciso estarmos cada vez mais juntos, e nos cuidando. Não temos dúvidas de que a cultura tem um papel fundamental nesse processo, e por isso, o Sarau do Escritório se propõe - desde o início - a ser um lugar de encontro, de juntar pessoas de diversos territórios e idades, de confluência de linguagens artísticas, em uma ação que acredita na coletividade dos corpos como instrumento de transformação social.

Esses 50 anos em 5 (que não é o do JK) nos deram muito em termos de fazimentos artísticos politizados, e é isso que queremos celebrar no Passeio.

Portanto, venham de todos os cantos, dos becos e vielas, de trem, metrô, Kombi, mototáxi, Uber, bike ou qualquer

---

<sup>21</sup> A temática de São João é a única repetida ao longo dos anos do Sarau do Escritório. Foram três edições do Arraiá do Sarau do Escritório.

outro meio de deslocamento, que o nosso palquinho de Peter Brook aguarda geral num braço só!  
A gerência.<sup>22</sup>

Podemos perceber que novamente o Sarau do Escritório enfatiza criticamente o contexto político em que está inserido e coloca a cultura como uma resposta de enfrentamento a “hecatombe”, expressão utilizada pelo grupo, em que o país se encontrava. A partir de uma ação performática, festiva, lúdica, poética e até certo ponto ainda autônoma, o Sarau do Escritório se insere na disputa do processo social e ensaia coletivamente formas de se movimentar dentro do cenário vigente. Mas não foi dessa vez que a ação cultural retomou as atividades no bairro da Lapa.

Dois dias antes da data prevista para acontecer a edição, a Peneira recebeu dos produtores do festival “O Passeio é Público” a informação de que o evento seria adiado devido ao “processo burocrático próprio da autorização para a realização do evento”<sup>23</sup>, como descrito em nota oficial compartilhada pelos produtores na rede social do Facebook. No artigo “A saga de quem faz cultura nas ruas do Rio”, publicado na plataforma multimídia *vozerio* pelos artistas-produtores do Sarau do Escritório, podemos acompanhar o passo-a-passo com as onze etapas que percorrem para conseguirem o “alvará transitório” da prefeitura do Rio de Janeiro, o salvo-conduto para vencer “a ordem/ a polícia”.

Realizamos todo mês o Sarau do Escritório com produção de guerrilha: sem patrocínio, sem financiamento, sem nada. E com muita burocracia: precisamos passar por 11 fases e perder várias vidas até chegar ao chefe — o Cartório da Prefeitura — e zerar o jogo, conseguindo o Alvará Transitório. [...] A real é que nós do Sarau do Escritório — e a grande maioria dos projetos de rua que acontecem no Rio de maneira independente — estamos num limbo entre os eventos de pequeno porte (aqueles contemplados pela Lei do Artista de Rua) e os megaeventos milionários.

Não existe meio-termo. É um não-lugar. Um não-lugar que nos leva ao cumprimento das mesmas exigências que um

---

<sup>22</sup> Texto de divulgação postado na página do Sarau do Escritório no Facebook para anunciar a edição “O dia do levante”. Ver em

[https://www.facebook.com/events/1984341488561100/?active\\_tab=about](https://www.facebook.com/events/1984341488561100/?active_tab=about)

Acesso: 09/11/2021

<sup>23</sup> Nota sobre o adiamento da 4ª edição do Festival O Passeio é Público. <https://www.facebook.com/opasseioepublico/photos/a.1150581841672205.1073741833.91397630923961/1905993062797742/?type=3&theater> Acesso 09/11/2021



Rock in Rio, ou de um Réveillon de Copacabana para dois milhões de pessoas.<sup>24</sup>

A Lei do Artista de Rua a que o trecho se refere, é a lei do município do Rio de Janeiro 5.429/2012, de autoria do vereador Reimont (PT). Em seu escopo, o artigo primeiro aponta que as manifestações culturais de artistas de rua que sejam gratuitas, que não obstruam o trânsito e a circulação dos pedestres, que não prescindem de estrutura de palco, que utilizem fonte de energia para alimentação de som com potência máxima de trinta KVAs, que tenham duração máxima de 4 horas e que não tenham patrocínio privado, “independentemente de prévia autorização dos órgãos públicos municipais”. Porém, na prática, mesmo cumprindo os requisitos da lei, o Sarau do Escritório frequentemente recebia repressão por parte do Estado em nome da “ordem pública”. Em entrevista para o site Brasil de Fato, o vereador Reimont aponta que:

Sabemos que ainda existe uma resistência a alguns tipos de arte porque o Rio foi desenhado para ser uma cidade negócio. Há pessoas que não conseguem conviver com a organização do povo nas ruas, acham que é uma desordem. A lei não é totalmente madura porque existe muita negligência e uma concepção de que não há espaço para a arte na cidade.<sup>25</sup>

Devido ao extenso processo para conseguir o alvará e os gastos financeiros para cumprir as onze fases da liberação do evento, e nas primeiras edições por desconhecimento das dinâmicas da ocupação do espaço público com ações culturais, o Sarau do Escritório ocorreu em diferentes ocasiões sem a autorização dos órgãos do poder público, algumas vezes portando somente uma cópia da Lei do Artista de Rua. Porém, na maioria das edições na Lapa, com ou sem alvará, os agentes de segurança do Estado, principalmente guardas municipais, policiais militares e funcionários da Secretaria Municipal de Ordem Pública, a SEOP,

---

<sup>24</sup> “A saga de quem faz cultura nas ruas do Rio”, artigo desenvolvido pelos integrantes do Sarau do Escritório e publicado no site vozerio.org.br. Ver em <http://vozerio.org.br/A-saga-de-quem-faz-cultura-nas>. Acesso: 14/12/2021

<sup>25</sup> Ver mais em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2019/06/17/lei-do-artista-de-rua-completa-sete-anos-no-rio-de-janeiro>. Acesso: 29/04/2022

realizavam interferências durante o acontecimento do evento, obrigando o encerramento das atividades antes do previsto.

Esses episódios causaram grande alvoroço e mudanças no posicionamento do Sarau do Escritório. Em alguns casos específicos, a situação ganhou dimensões mais adensadas do que de costume, como a vez em que um policial militar, armado de fuzil, me retirou do palco e o colocou dentro de uma viatura. Na sequência, após a paralisação do evento, o guarda aparentemente fez uma ligação, tirou uma foto do documento de identidade do realizador do evento e o liberou. Esse tipo de situação, durante o processo de construção do Sarau do Escritório, acarretou na descoberta de outras táticas de desvio utilizadas para romper os entraves relativos à execução do projeto no espaço público.

A legislação vigente, em sua formulação, deixava escapar uma ação como o Sarau do Escritório<sup>26</sup>. A atividade não possui características de um grande evento, capaz de interferir por exemplo na logística da cidade. Sem grande repercussão nas mídias e qualquer tipo de patrocínio privado, mas que, ao mesmo tempo, modifica temporariamente e de maneira pontual a dinâmica das quatro esquinas de uma avenida movimentada na região da Lapa, uma espécie de Zona Autônoma Temporária, como propõe Hakim Bey, promovendo outras interações que não obedecem aos padrões de circulação e do consumo comuns a uma cidade negócio, como se referiu o vereador Reimont.

A inserção neste não-lugar ou melhor dizendo: um “lugar não capturável”, pois podemos observar que o Sarau do Escritório constrói a cada edição na encruzilhada um ambiente múltiplo e poroso, permitiu que a produção do Sarau do Escritório encontrasse outras brechas para seguir com suas práticas performáticas recorrendo por exemplo à constituição brasileira, no qual em seu artigo 5º, em um dos seus incisos, refere-se que “todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra

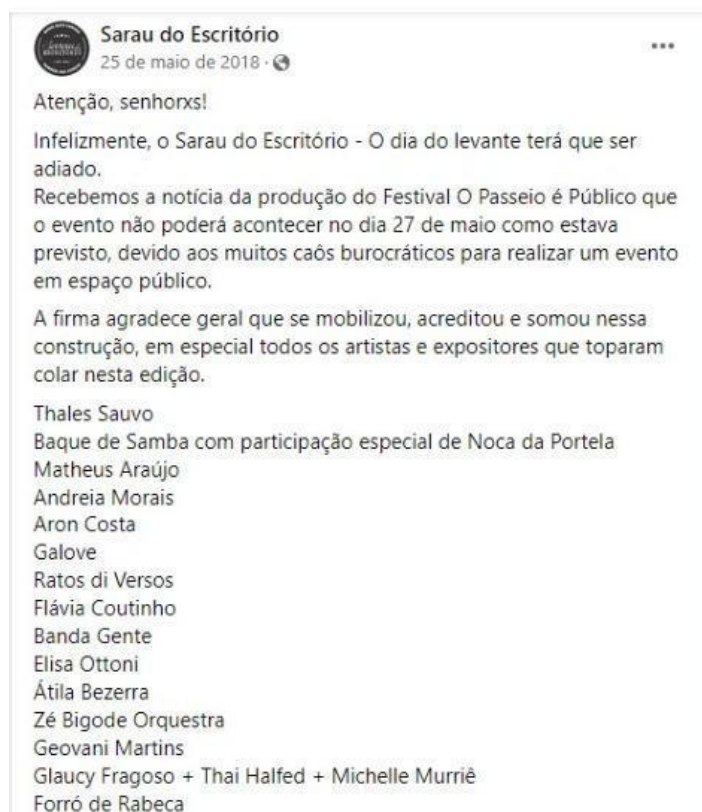
---

<sup>26</sup>O Sarau do Escritório se estabeleceu em uma espécie de “lugar não capturável”, não era considerado nem uma ação enquadrável na Lei do Artista de Rua e nem um grande evento. Entretanto, os órgãos de segurança insistiam em posicionar o evento em um desses lados.

reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente”<sup>27</sup>.

Assim sendo, o grupo de artistas-produtores passou a usar desta brecha para notificar a prefeitura sobre a realização do evento usando o cognome “Ocupa Sarau do Escritório”.

Quando receberam a notícia do festival Passeio Público, a programação do Sarau do Escritório estava fechada, mas o dia do levante precisou ser adiado. A forma de comunicar o adiamento ao público, novamente, se deu através das redes sociais, dessa vez de maneira lacônica.



<sup>27</sup> Ver a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988.  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em 29/04/2022.

Diva  
Eu Amo Baile Funk - Tributo ao Marcão Cash Box e Dj Grandmaster  
Raphael  
Yassu Noguchi  
Quintal Romã  
Bendita Gambiarra  
Brecho O Kazulo  
Aromas de Quintal

Em breve sabemos a nova data do Festival O Passeio é Público.  
Sigamos juntos!

Segue a nota oficial do Festival - > <https://goo.gl/TzFYyt>

*Imagem 18: Comunicado no Facebook Fonte: Autor (2021)*

Lembro-me que naquele 25 de maio de 2018 estávamos exaustos. A produção do Sarau do Escritório no Passeio Público se apresentava mais complexa do que as edições comuns na praça Luana Muniz, local em que geralmente batíamos cartão. Além de idealizar e executar o cenário, encontrar a pessoa que seria homenageada, realizar a entrevista, fazer as fotos, confeccionar os cartazes - com todas as etapas que isso significa (relação com a designer, compra do papel, realização das impressões, colar os cartazes em lugares estratégicos da cidade e etc.) -, administrar as redes sociais, ir nas visitas técnicas, contatar a equipe, dialogar com a produção do festival, correr atrás de apoios e divulgar o evento, o mais intenso foi curar os artistas que se apresentariam em um período entre 14:00 e 22:00, em um domingo e sem cachê. Não que isso tenha sido algo novo, mas realizar o Sarau do Escritório fora do seu lugar habitual, sem a possibilidade de oferecer, ao menos, uma ajuda de custo para os artistas e profissionais que trabalham no dia, é algo, além de difícil, incômodo.

Como a maioria dos eventos de rua de pequeno e médio porte, de atuação continuada, os micro eventos - de acordo com Cíntia SanMartin Fernandes e Michael Herschmann (2014, 2016, 2021), ocorrem de maneira colaborativa, sem patrocínio ou com poucos recursos. Portanto, oferecer cachê não é uma realidade cotidiana de eventos como o Escritório, sendo possível, na maioria das vezes, através de recursos de editais ou campanhas de *crowdfunding*. Mas se o país vai mal, é na base que a coisa aperta. Isso ficou visível quando se iniciou o processo de composição da programação.

Mesmo os artistas que de forma espontânea se voluntariaram para se apresentar no evento em outras edições, desta vez disseram não ser possível participar. Um informou que não poderia pois estava sem dinheiro do transporte, outro disse não ter disponibilidade pois estaria em um trabalho temporário e houve pessoas que estavam mal de saúde devido à pressão psicológica causada pelo contexto político e social do país<sup>28</sup>.

Quando liguei para o Noca da Portela, por exemplo, o chamado foi feito de maneira que apresentasse a importância e singularidade do Sarau do Escritório, como uma prática cultural continuada, no qual o fazer junto, a relação com o território e o desejo de criar um espaço democrático e de resposta ao momento presente, constituíam um alicerce prático que sustenta a ação, mas também de modo a demonstrar a relevância de tê-lo no evento, valorizando, sem requinte excessivo, o seu trabalho. “Não temos cachê, mas passamos o chapéu e você pode comercializar o seu CD”, informei. Nós falamos umas cinco vezes ao telefone, em longas ligações conversamos a respeito da sua apresentação, mas também sobre sua família, projetos, causos vividos e outras amenidades. Muitas das vezes o Sarau do Escritório só foi possível na base do afeto. Como diz o slogan de um sarau de rua em Nilópolis, “o amor que a rua dá, só quem é da rua sente”<sup>29</sup>.

Das vezes que pagamos cachês para os artistas, foi somente quando o Sarau do Escritório recebeu convites para realizar edições em outros espaços. Mesmo que miúdo, o valor sempre foi compartilhado com a equipe e os artistas da programação.

Ao mesmo tempo em que o grupo assimilava o fracasso referente ao não retorno das atividades do Sarau do Escritório na Lapa, os desdobramentos causados pelo adiamento da edição vinham como uma avalanche. A produção do festival não apresentou uma nova data para a realização do evento, com isso, houve o cancelamento da participação da maioria dos artistas que haviam confirmado presença, incluindo o Noca da

---

<sup>28</sup> Tal situação intensificou-se no período da pandemia da Covid-19. Nas duas edições realizadas (agosto de 2020 e outubro de 2021), muitos artistas relataram não ter condições de participar devido aos efeitos psicológicos causados em decorrência do vírus.

<sup>29</sup> Slogan do Sarau Rua, da cidade de Nilópolis, Baixada Fluminense.

Portela. Parte do trabalho de produção do sarau foi perdida. A urgência e a pressão por estar na rua era progressivamente maior. Apesar de não ser a primeira vez em que o Sarau do Escritório precisou postergar a sua edição, pois em outras ocasiões houve a necessidade do adiamento devido às questões climáticas e também pelo mesmo motivo relacionado à liberação do evento por parte dos órgãos públicos, a frustração agora tinha elementos além da medida.

Na Lapa, algumas pessoas perguntavam se o Sarau do Escritório tinha acabado, outras questionavam uma data para a próxima edição, mas o grupo não tinha respostas.

Passaram os meses de maio e junho de 2018, e a Peneira se envolveu em outras atividades, nenhuma no espaço público, lançou um site com a organização dos projetos realizados desde 2010<sup>30</sup>, um teaser com uma pequena amostra sobre essas ações, incluindo o Sarau do Escritório, e realizou um evento intitulado Abre-Alas da Peneira, exclusivo para parceiros, na Casa de Estudos Urbanos, um *coworking* onde o grupo se reunia diariamente. Na ocasião, os integrantes da Peneira apresentaram para um pequeno público convidado, os projetos que seriam realizados no próximo semestre, sendo eles: o “Fabulações do Território”, a “Nuvem Poética”, uma plataforma online de mapeamento dos saraus e *Slams Poetry* da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e a mostra “Encontros em Fluxos” que segundo a apresentação, visava ser uma atuação de acolhimento aos refugiados no Rio de Janeiro, com debates, atividades culturais e feira de economia criativa na *BiblioMaison*, na região central da cidade, o Escritório não foi citado.

Independentemente de o Sarau do Escritório ser o projeto de maior visibilidade da Peneira, realizá-lo na Lapa atingia camadas e situações para além das que o grupo tinha possibilidade de mediar naquele momento. Talvez fosse mesmo necessário um recuo e uma reconstrução do modo de estar na cidade. No início de julho, Michelle Lima, atriz do grupo e uma das responsáveis por pensar e desenvolver o cenário do Sarau do Escritório, decide deixar de compor a equipe da Peneira e por consequência, se

---

<sup>30</sup> Site institucional do grupo [www.peneira.org](http://www.peneira.org).

ausenta da produção do sarau. Neste período, a produção do “Passeio é Público” comunica que o festival ocorrerá no mês de agosto. Ao mesmo tempo, as outras atividades da Peneira ganham amplitude, como a realização de mais uma temporada do espetáculo “Urucuia Grande Sertão”, na rede do SESC RJ, a execução da série de debates “Cultura em Pauta”, a sessão do “Cine Vila”, em Vila Isabel, e o início da produção do “Fabulações do Território”.

Uma sobrevida e um novo começo estava se desenhando. Então, à vista das questões político-sociais do país, das circunstâncias e movimentações internas e de um luzeiro em meio a escuridão, o grupo decide pôr em prática o Sarau do Escritório e anuncia “O dia do levante” para 09 de agosto de 2018, na praça Luana Muniz, não mais dentro da programação do festival “Passeio é Público” como anteriormente. Finalmente o dia do levante chegou!

A última edição do Sarau do Escritório na praça Luana Muniz aconteceu com a seguinte programação:

Programação:	Expositores:
18:00 - Abertura do Sarau do Escritório	Tropicalize
18:30 - Palco aberto	Rango Veggie
19:00 - Sarauzeiras Oníricas (poesia)	Empreendedorismo Frito
19:05 - Matheus de Araujo (poesia)	Brigadeiros Literários
19:10 - Marco Alexandre de Oliveira (poesia)	+
19:15 - Edilson Ernesto Ernestornesto (música)	VJ Priscila Bittencourt
19:25 - Palco aberto	+
19:30 - Ratos Di Versos (poesia)	Relançamento do livro “Manifestos & manifestações” do Gringo Carioca
19:40 - Yassu Noguchi (poesia)	Lançamento do livro “Maré Cheia” de Matheus de Araujo
19:45 - Elisa Otonni (poesia)	Lançamento do zine “Você é poeta? Legal. Mas trabalha com o quê?” de Yassu Noguchi
19:50 - Palco aberto	Pré-Lançamento nacional da Revista Literária Porno-Erótica Libero
19:55 - Emissário Interno (poesia)	Delirium
20:05 - Andreia Morais (poesia)	Exposição
20:10 - Taslim (música)	Fábio Caffé
20:30 - Átila Bezerra (teatro)	Ellan Lustosa
20:45 - Palco aberto	
20:50 - Galove(música)	
21:05 - Biroška Pepeia Mariosa (performance)	
21:30 - Palco aberto	
22:15 - Jenny Jinx (performance)	
22:20 - Palco aberto	

*Imagem 19: Programação da última edição Fonte: Facebook (2021)*

Foi a última edição do Sarau do Escritório na encruzilhada mais poética da Lapa, mas não o seu fim, na verdade, uma abertura para novos começos do grupo, que desde 2010 se reinventa em busca de dar continuidade aos seus fazeres na cidade.

## 2.3 UM LABORATÓRIO NA ENCRUZILHADA

Antes de nos dedicarmos aos dispositivos que compõem as edições do Sarau do Escritório, cabe uma pequena paragem na expressão laboratório. Em seu significado etimológico, laboratório é o lugar do trabalho, usado comumente no sentido científico como “local ou sala especial de trabalho, experimentação e investigações científicas, equipada com aparelhagem específica para pesquisa e experimentos”<sup>31</sup>.

Amplamente utilizada em diferentes áreas do conhecimento, “laboratório” tornou-se a palavra do dia devido à pandemia da Covid-19 e a corrente busca pela descoberta de medicamentos imunizantes. O termo é utilizado com frequência no meio acadêmico para designar grupos de pesquisadores que se organizam a partir de determinado contexto ou tema para o desenvolvimento de estudos.

No campo das artes da cena, sobretudo no teatro, a noção de laboratório sofreu uma apropriação e expansão adquirindo uma perspectiva de criação e experimentação artística, aproximando-se da noção de “ensaio”. O professor Patrice Pavis, em seu *Dicionário de Teatro (2008)*, identifica o ensaio como um lugar do “trabalho de aprendizagem”, sinalizando que “apesar no francês (*répétition*) a palavra evocar um trabalho quase mecânico, para o encenador Peter Brook, ensaio possui um caráter criativo”. Mas é na língua alemã *Probe* (“amostra”) ou no espanhol *Ensayo* (“tentativa”) que Pavis aponta a melhor tradução de ensaio para uma ideia de experimentação (PAVIS, 2008).

Logo, ao aproximar o Sarau do Escritório da ideia de laboratório, estamos propondo uma leitura que o configura enquanto uma prática de investigação, de experimentação, de descobertas, de processo e de aprendizagem que reordena as relações, os espaços e, sobretudo, possibilita a criação de novas escritas na cidade. Em artigo intitulado “Mais de cem saraus no Rio”, publicado no Jornal *O Globo*, no dia 07 de abril de 2015, Marcus Vinicius Faustini relaciona brevemente a noção de laboratório ao Sarau do Escritório.

---

<sup>31</sup> Segundo o dicionário online Michaelis. Ver em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/labor%C3%A1t%C3%B3rio/>. Acesso 11/11/2021



Um evento que poderia apenas se tornar pitoresco, confundir-se com parte da fauna caricata que mimetiza uma Lapa que não existe mais, virou um local síntese aglutinador — centro nevrálgico de uma geração que mistura linguagens artísticas para se expressar, não cabe num único grupo específico, circula a cidade, e em sua maioria superou as dificuldades de uma origem social que afastava, na luta pela sobrevivência cotidiana, a possibilidade de viver de arte e cultura. Estão firmes em dar sentido às suas vidas pensando a cidade como suporte de suas ações. Além disso, incorporam experimentos no modelo de produção e criação que os posicionam como um laboratório real de formas colaborativas - sem excesso de retórica e pouca ação que percebemos em outros casos. “Vale lembrar que o Sarau possui um código aberto que permite a construção coletiva, através de dispositivos como a reunião aberta, o produtor convidado, etc.” — é o que diz um dos posts da comunidade do Sarau do Escritório no Facebook. (FAUSTINI, 2015)

Podemos perceber no trecho destacado que Faustini identifica o Sarau do Escritório como um espaço laboratório justamente pelo viés da experimentação e criação, sendo as formas colaborativas para ele, presente nos dispositivos elaborados pela ação cultural, o aprendizado desenvolvido no espaço do sarau.

A pesquisadora Ana Teasca, no artigo “O Sarau do Escritório: Arte e Resistência na Cidade Espetáculo”, também de maneira concisa, ao sugerir uma aproximação do Sarau do Escritório às práticas situacionistas, devido as suas formas de intervenção no cotidiano, e por intermédio do uso do dispositivo “palco aberto” como ferramenta de participação, e a utilização do espaço urbano como lugar de encontro, também aponta o Sarau como um espaço laboratório.

O movimento de saraus no Rio de Janeiro vem nos mostrando que é possível construir suas próprias referências, tanto práticas quanto teóricas, num processo “*learning by doing*”. Nesse sentido, o sarau pode se entender como um laboratório, onde se experimentam novos formatos, metodologias, estéticas e conteúdo. O Sarau do Escritório particularmente desenvolveu uma metodologia própria ao longo do tempo. (TEASCA, 2017, p.9)

Os “novos formatos, metodologias, estéticas e conteúdo” que Teasca aponta, são o que chamamos de configurações performáticas,

desenvolvidas por intermédio de um processo de atuação no espaço público, ensaios desenvolvidos no território em tensão constante com o poder público, com as experiências e trajetórias pessoais dos integrantes do Escritório, com a relação entre os indivíduos que frequentam o mesmo espaço, com a própria ideia comum de sarau e, sobretudo, na busca por construir e reconstruir o território da Lapa, na perspectiva de Milton Santos.

Utilizando a noção de “território usado”, interessa para o geógrafo o conteúdo do território, ou seja, o processo histórico de uso do território pelos homens, que revela os diferentes interesses dos diversos agentes sociais que atuam nesse uso. “A cultura se faz no território”, como sinaliza Lia Calabre (CALABRE, 2018).

Para finalizar esta primeira amostragem, queremos justamente identificar essas características que configuram o Sarau do Escritório enquanto um espaço-laboratório - e como vimos, um lugar do trabalho, da experimentação - analisando alguns dispositivos que constituem uma edição. O que são essas configurações performáticas desenvolvidas dentro do Escritório durante o percurso de desenvolvimento da prática cultural? Como o seu caráter provedor de dinâmicas integradoras, incentivam novas produções culturais e produzem espaços de sociabilidade? Cabe desde já, salientar que outros eventos contemporâneos ao Sarau do Escritório, passaram a fazer uso desses dispositivos em suas realizações na cidade, como é o caso do Sarau da Maneh, no Morro da Babilônia e do Cineclube Buraco do Getúlio, em Nova Iguaçu. O Sarau do Escritório fez da encruzilhada na Lapa o seu laboratório.

## 2.4 ABRINDO O CÓDIGO

Ode ao Sarau do Escritório  
Ode ao Sarau do Escritório  
O zine substrato encontra a rua  
Algumas palavras nuas beijam o vento  
Versos querem foder gostoso com a mente  
A lua chama os loucos da cidade  
É Lapa, Lapa, Rio de Janeiro  
Na esquina que também é praça  
Novos santos, catecismos e orações  
Profanam a noite, afanam atenções  
Destilam canções no Bar da Cachaça

Missão utópica numa missa urbana  
Colocar as ideias na topia dos encontros  
Burilar frases na tupia da gramática  
Ressuscitar verbetes, renomear as cores  
Aparar arestas, desvendar florestas  
Dar à poesia a melhor das festas  
Eu, em voz e verso, me expresso  
Café, trem, velocidade, poesia, excesso,  
Acendo  
E ascendo  
excelso

Henrique Santos

Ao analisarmos a comunicação do Sarau do Escritório nas redes sociais podemos perceber que o uso do termo dispositivo é bastante frequente, sobretudo para discriminar o conjunto de táticas que compõem o modo como a ação se posiciona no espaço público e constrói um ambiente para a encenação das edições na encruzilhada. Em agosto de 2015, o Escritório completava quase dois anos de atividades na Lapa, tempo suficiente para formularem, a partir de diversas tentativas e ensaios, um modo de fazer o Sarau do Escritório. Diante disso, os organizadores resolveram compartilhar uma espécie de modelo do que vinha dando certo, mesmo que o processo de construção da ação ainda estivesse em permanente desenvolvimento.

Você conhece todos os dispositivos do Sarau do Escritório?

Desde 2013 temos feito da Praça João Pessoa nosso escritório aberto de artes integradas. Idealizado pelo Coletivo Peneira e realizado pela Mufa Produções (Movimento das Utopias e Fricções Artísticas) o Sarau nasce da vontade de disputar o território e um novo imaginário cultural da região central do Rio de Janeiro. Pouco mais de um ano e meio após a estreia, já passaram pelo palco do Sarau do Escritório mais de 800 artistas, e 10 mil espectadores, sem falar do palco aberto, onde o público é convidado a interagir com o espetáculo do começo ao fim. Além disso, acontecem intervenções, performances, poesias, música, cinema, lançamentos de livros, circo, teatro, exposições e libertações de livros.

"Tá gente, isso eu já sei, e daí?"

E daí, caro web-espectador, para que isso tudo acontecesse, foi necessário desenvolver uma metodologia

que garantisse a autonomia e espontaneidade do projeto. Desde a temática, passando pelo palco aberto, até o produtor convidado, são ao todo 10 dispositivos atuando conjuntamente para que cada edição do Sarau do Escritório seja uma experiência única.

São eles:

- . Reapropriação do Espaço público (Intervenção "As águas vão rolar")
- . Homenageado do mês
- . Palco Aberto
- . Temática do mês
- . Produtor Convidado
- . Reunião Aberta
- . Exposições
- . LookBook
- . Sarau Itinerante
- + Baile de Gala

Nós acreditamos na cultura do compartilhamento, na criação conjunta, na coprodução e por isso, a partir de hoje iremos (como de costume) abrir o código e apresentar todos eles para você. Vale questionar, replicar e sugerir.<sup>32</sup>

Em conferência intitulada "O que é um dispositivo?", realizada no Brasil, em setembro de 2005, o pensador Giorgio Agamben traça um percurso genealógico do conceito "dispositivo" a partir de uma entrevista, dada por Foucault, e que compõe o livro *A Microfísica do Poder* (1979). Para o filósofo italiano, "dispositivo" é um termo técnico essencial no pensamento foucaultiano, "um conceito operativo de caráter geral" (AGAMBEN, 2009. p.9). Na entrevista, analisada por Agamben, Michel Foucault formula o dispositivo como:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244)

Assim sendo, segundo a investigação de Agamben, dispositivo é um conjunto de táticas de controle dos corpos, "no uso comum como no

---

<sup>32</sup>Texto publicado nas redes sociais do Sarau do Escritório. Ver em <https://www.facebook.com/SarauDoEscritorio/photos/gm.387197924799464/600544946752136/>. Acesso 09/06/2022.

foucaultiano, parece se referir a disposição de uma série de práticas e de mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito.”(AGAMBEN, 2009 p.11). Logo, o dispositivo coloca em funcionamento determinadas formas de relação do poder e do saber, criando espaços que circulam os enunciados dos discursos que compreendem o objeto do dispositivo, gerando maneiras de subjetividade que emergem dessa relação. Mais adiante Agamben amplia as perspectivas foucaultianas.

Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder e em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiram - teve a inconsciência de se deixar capturar. (*ibidem*, p.13)

Para Agamben vivemos um momento de proliferação dos dispositivos, a todo instante estamos em contato com os dispositivos que nos constituem como sujeitos. “O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e só enquanto tal é uma máquina de governo” (*Ibidem*, p.15). Para o pensador italiano não basta fazer um “bom uso” dos dispositivos, muito menos “destruí-los”. Logo, isso “significa que a estratégia que devemos adotar no nosso corpo-a-corpo com os dispositivos não pode ser simples, já que se trata de nada menos que liberar o que foi capturado e separado pelos dispositivos para restituí-los a um possível uso comum.” (*Ibidem*, p.14).

No caso do Sarau do Escritório, o dispositivo é conduzido para uma operação que imprime mecanismos de modos de fazer por meio de um espaço laboratório, capturando a ideia de sarau, invertendo, torcendo e

assim criando uma outra coisa de maneira coletiva, deixando de ser sarau mesmo ainda sendo, tornando-se um falso mentiroso, em uma praça que é encruzilhada, em um escritório que é um sarau, na região do centro que é periférica, uma ação performática que é feita e refeita, repetida e compartilhada.

O que os realizadores do Sarau chamam de “dispositivo” é justamente um conjunto de ações organizadas que gera um deslocamento da sacralização do formato sarau. Agamben utiliza o conceito de “profanação”, uma espécie de “contradispositivo”, que justamente opera nesse gesto de violação, de transgressão, que restitui as coisas “ao livre uso dos homens”. Logo, faz sentido quando os organizadores decidem compartilhar com qualquer um os modos de fazer do Sarau do Escritório, em uma espécie de código aberto que dá acesso aos meios de produção. Assim, qualquer um pode também realizar o seu começo, recriar o que foi desenvolvido e experimentado no Escritório.

### **3. ENSAIOS E AMOSTRAGENS**

A Peneira, grupo que realiza o Sarau do Escritório, quando surge na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro em 2010, com uma formação composta por pessoas de diferentes territórios da região metropolitana, se articula em torno do fazer teatral devido as minhas atuações individuais como coordenador do curso de teatro do Centro Cultural A História Que eu Conto (CCHC), uma organização não-governamental que desenvolvia projetos sociais em uma escola desativada pela Secretaria Municipal de Educação. Foi ele que convidou Alex para desenvolver um projeto de espetáculo a partir da obra de Luís da Câmara Cascudo, que havia escrito com Eridiana Rosa, um pretexto inicial para a formação do grupo. Alex e eu, ambos atores, se conheceram no mesmo ano de 2010, no projeto “Apalpe - a palavra da periferia”, coordenado por Heloísa Buarque de Hollanda e Marcus Faustini.

O projeto foi financiado por intermédio do Programa Petrobras Cultural (PPC), que naquele ano investiu uma verba total de R\$ 52,9

milhões, destinada à seleção pública de projetos em 19 áreas culturais, dentro das três linhas de atuação do PPC: Formação; Preservação e Memória; e Produção e Difusão. Para o Apalpe foram convidados artistas, intelectuais e atores sociais para mediar a primeira etapa do processo, com dez encontros, de oito horas cada, aos sábados, que aconteceram na sala vermelha do Instituto Brasileiro de Administração Municipal, no bairro do Humaitá. Dentre eles Ecio Salles, que anos mais tarde, junto com o escritor Julio Ludemir, viria a criar a Festa Literária das Periferias (Flup), Béa Meira, professora e artista visual, um ano depois assumiria a coordenação pedagógica do laboratório de tecnologias sociais Universidade das Quebradas, que também tinha a coordenação de Heloisa Buarque de Hollanda, Jailson Souza e Silva, um dos fundadores do Observatório de Favelas, o escritor e antropólogo Luiz Eduardo Soares, a pesquisadora em Segurança Pública Silvia Ramos, Cadu Cinelli, membro do grupo Tapetes Contadores de Histórias e o professor de literatura Eduardo dos Santos Coelho.

Foram selecionados 44 participantes entre professores, estudantes, artistas plásticos, vendedores, jornalistas, atores, ativistas sociais, rappers, designers gráficos, terapeutas corporais, publicitários, aposentados e outros, de diversas localidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Eu era um desses. O encerramento da primeira etapa do projeto ocorreu na UFRJ, na Praia Vermelha, e no bairro da Lapa, com ações na Sede das Cias, na Escola Livre da Palavra e também nas ruas próximas à Escadaria Selarón.

A programação contou com uma palestra do rapper Mano Brown, outra do escritor Ronaldo Correia de Brito, intervenções sonoras com o DJ Saens Peña, pocket show com a artista Numa Ciro, oficina de cordel com o professor Aderaldo Luciano, um sarau e os debates "Subúrbio - Palavra de Origem", com Cecília Gianetti, Marcelo Moutinho e Vinícius Reis, com mediação de Érica Peçanha e "A palavra como militância no território", com Cannibal, Heraldo HB e Alessandro Buzo, com mediação de Écio Salles. As obras desenvolvidas pelos participantes durante o processo resultaram na publicação da Revista Apalpe, com 35 contos, intervenções visuais a partir do uso de palavras, revestindo a parede lateral da Sala Cecília

Meirelles e um happening nas ruas da Lapa com criações elaboradas através dos textos desenvolvidos nas oficinas.

Em 2017, em uma série de entrevistas para a pesquisadora Juliana Lopes, para o desenvolvimento da tese de doutorado intitulada “Um ciclo de políticas culturais e a centralidade da produção cultural das favelas e periferias do Rio de Janeiro 2013 – 2016”, comentei sobre o período inicial de formação do grupo e a importância do Apalpe e do Centro Cultural A História Que Eu Conto enquanto projetos que ampliaram as possibilidades de conexão e atuação na cidade, consequentemente contribuindo também para a constituição do que seria a Peneira. Tanto o Apalpe quanto o Centro Cultural A História Que Eu Conto foram práticas incentivadas por políticas públicas de cultura no período de gestão de Gilberto Gil e Juca Ferreira no Ministério da Cultura no governo Lula (2003-2010)<sup>33</sup>

Quando saio da escola, eu encontro uma ONG, que é o Centro Cultural A História Que Eu Conto, lá do Binho Cultura, que ficava bem próxima da minha casa. Eu falei que trabalhava com teatro na escola e eles me convidaram para começar um movimento de teatro naquele espaço e abrir uma oficina. Nisso percebi que eu tinha que adquirir conhecimento, já que ia dar oficina. Comecei a ler Augusto Boal e também ia para a Lanhouse, porque não tinha nem computador, nessa época, no centro cultural. Comecei a estudar e o Binho falava assim para mim: “cara, tem que circular a cidade. Tem que conhecer gente. Porque, pô, para dar oficina tem que conhecer gente”. Esse lugar, de estar no centro cultural, fez com que eu circulasse e conhecesse pessoas. Começo a circular. Tudo quanto é evento eu ia, vernissage de exposição do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), abertura de curso de produção cultural na Baixada Fluminense... Isso fez com que tivesse um olhar, para além do que eu tinha anteriormente, porque não saía de Senador Camará. Abriu uma oficina do Faustini, o Apalpe - A Palavra da Periferia, eram três meses de encontro de criações a partir da palavra, todo sábado, lá no Humaitá. Cidade, corpo e palavra, era o que ele falava. Lá eu conheço gente, que trabalhava com cultura, de tudo quanto é canto da metrópole. Tinha gente da Zona Sul, do Centro, de São Gonçalo, da Baixada Fluminense, da Zona Oeste. Aquilo ali abriu um leque para mim, de poder combinar linguagens artísticas. Até hoje, a

---

<sup>33</sup> Uma das políticas públicas mais significativas deste período foi a criação do Programa Cultura Viva, elaborado pelo secretário da Secretaria da Cidadania Cultural Celio Turino. O programa marcou uma mudança de paradigma na criação de políticas públicas para a cultura no Brasil, viabilizando, por exemplo, a criação de 2500 Pontos de Cultura, o Centro Cultural A História Que Eu Conto foi um deles.



galera que fez o Apalpe está aí, produzindo coisas (*apud*, LOPES, 2017, p. 125).

A pesquisadora Juliana Lopes compreende esse “circular pela cidade” ou a busca pela formação de redes e a conexão entre pessoas de diferentes localidades, como uma das táticas utilizadas ao longo do tempo pelo grupo para se inserir no campo artístico e cultural do Rio de Janeiro. Foi combinando a atuação no Centro Cultural A História Que Eu Conto, a rede estabelecida com a circulação por outros espaços da cidade e o interesse em atuar com teatro, mas não só teatro, é que se forma inicialmente a “Cia Teatral A História Que Eu Conto”, a primeira versão da Peneira.

Analisando as primeiras apresentações da companhia, podemos perceber que, mesmo de maneira embrionária, havia uma tentativa de aproximar o teatro de outras linguagens e do uso de espaços alternativos como possibilidade de atuação. A primeira intervenção aberta ao público ocorreu no restaurante Salsa & Cebolinha, na Lapa, por intermédio de um convite feito pelo ator Marcondes Mesqueu, que mensalmente recitava poemas nas noites de quinta-feira nos estreitos corredores do restaurante. Enquanto as refeições eram servidas, algumas pequenas situações do cotidiano foram encenadas pelo recente grupo, misturando teatro e poesia.

Em entrevista gravada em 2012 para o cineasta Victor Magrath, Alex e eu dizemos que o desejo pela mistura de linguagens do grupo se dava por “compreenderem que o teatro não dava conta de dizer tudo que queriam para a cidade”, além do mais, aproximar as outras linguagens poderia “juntar cada vez mais pessoas”, assim como foi com a primeira formação do grupo, que além dos dois atores, havia a junção de Eridiana Rosa, estudante de direito, Felipe Araújo, poeta, Cintia Guimarães, estudante de química, Fábio Alcoforado, psicopedagogo, Desiree Mattos, estudante de pedagogia, Douglas Cristóvão, aluno do curso de teatro do CCHC e Emilia Alcoforado e Ruben, dois jovens estudantes do ensino médio que conheci nas oficinas livres de teatro da Lona Cultural Municipal Hermeto Pascoal, em Bangu, todos com interesse no campo da arte e da cultura.

Além da realização de pequenas cenas em eventos alternativos, no primeiro semestre de formação, o grupo convidou o ator Michel Robim para supervisionar a criação de um espetáculo que misturava dança, teatro e poesia. A estreia do trabalho nunca aconteceu. Durante o período de ensaios, decidi não mais dar aula e coordenar o curso de teatro do Centro Cultural A História Que Eu Conto porque:

Eu não reconhecia aquilo ali, como um projeto social, falei: “estou aqui para fazer teatro. E já que eu vou fazer teatro, vou fazer teatro de verdade”. Não tem esse lugar, de pegar o espaço ocioso das crianças, para poder fazer com que elas saiam da rua. Lá tinha um olhar, muito mais para o assistencialismo, do que para a área cultural em si, mesmo que naquela ocasião, já era um Ponto de Cultura. Neste lugar, a gente ganhou um edital, da Casa da Moeda, lá na A História Que Eu Conto, que era um edital de teatro, a gente monta um espetáculo. O espetáculo bomba e a gente começa a fazer em outros lugares. A molecada também começa a circular. Aí eu começo a ter um olhar diferenciado para esse espaço. Que enquanto a galera ali, estava com um olhar muito nesse lugar, do projeto social, de tirar as pessoas do tráfico, eu queria fazer teatro, e tratava os alunos como atores. (*apud*, LOPES, 2017, p. 125)

Com a minha saída da organização A História Que Eu Conto, o grupo perde o local de referência para os ensaios e acaba se dispersando. Antes, os integrantes se reuniram para a inscrição de um projeto de montagem do espetáculo sobre a obra de Luís da Câmara Cascudo, no edital Microprojetos Mais Cultura para Territórios de Paz, do governo federal (2010-2011). Meses depois, com aprovação do edital, parte do grupo se reencontra para a execução do projeto. A Cia Teatral A História Que Eu Conto é rebatizada de Cia Teatral Peneira, outras pessoas são convidadas a integrar o grupo<sup>34</sup> e os ensaios passaram a acontecer na quadra do CIEP Maestrina Chiquinha Gonzaga em Vila Aliança.

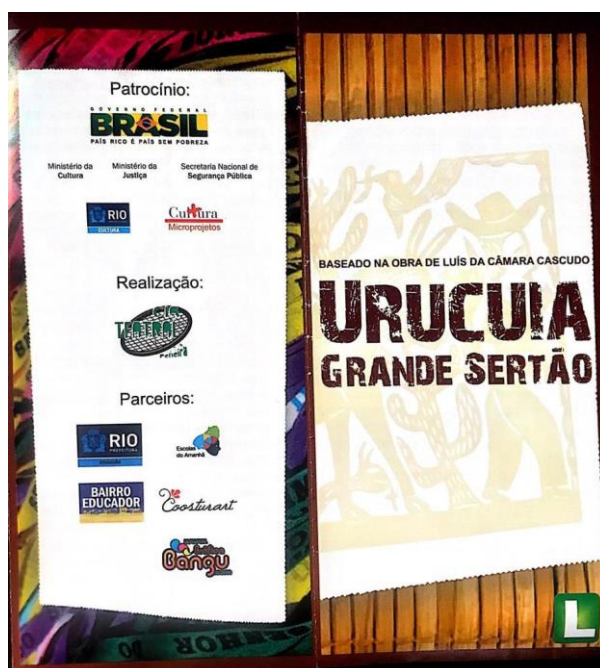
O nome Peneira surge a partir de uma sugestão de anos atrás, na garagem de minha casa em Senador Camará, junto do também ator Tiago Borges, entre a montagem de parte de um cenário da peça de teatro *Quem Matou o Leão?* de Maria Clara Machado e que seria encenada pelas

---

<sup>34</sup> Na ocasião, a formação do grupo contava com a atriz Michele Lima, Rogério Lisil, Moises Salazar, Marcelo Antônio, Pierre Montet, Marcos Gessinger, Thaianne Leal, Alex e Luiz.

crianças e adolescentes do Centro Cultural, onde passamos horas elucubrando sobre a criação de um grupo de teatro autônomo, na busca por um nome para essa imaginada companhia, olhei para uma peneira velha de obra pendurada na parede da garagem, e gritei: Peneira!

Com o recurso do edital, o grupo montou o espetáculo “Urucua Grande Sertão”, inspirado no conto popular “A Princesa Adivinhona”, coletado por Luís da Câmara Cascudo, com apresentações em praças e escolas municipais da Zona Oeste e também na Lona Cultural Hermeto



Pascoal, em Bangu, e no Teatro Mário Lago, na Vila Kennedy. Este é considerado oficialmente o primeiro trabalho da Peneira.

*Imagem 20: Divulgação da primeira versão do espetáculo Urucua Grande Sertão Fonte: Autor (2022)*

Após o cumprimento do plano de trabalho do edital, a Cia Teatral Peneira decide aprimorar e profissionalizar o espetáculo. Para tal, convida para dirigir a peça, a diretora Marcia do Vale, que também participou do projeto “Apalpe - A palavra da periferia”. Para reconstruir o cenário, Karine Drummond, designer e cenógrafa que Alex e eu conheceram em uma reunião sobre a construção da Lei do Artista de Rua no gabinete do então prefeito Eduardo Paes. Para atuar na produção convidaram Tatiana Maria, produtora cultural indicada por uma amiga que trabalhava comigo. E para

compor o elenco, Pedro Yudi, ator que na ocasião cursava graduação em teatro na mesma universidade em que eu estava. Com a entrada de novas pessoas, os encontros e ensaios passaram a acontecer no Aterro do Flamengo e na Escola de Teatro Martins Pena, localidades mais acessíveis para a maioria do grupo.

O espetáculo *Urucua Grande Sertão* foi fundamental para a consolidação da companhia enquanto um grupo de artistas-produtores que começava a compreender as dinâmicas, disputas e possibilidades de atuação no campo da cultura no Rio de Janeiro. Em uma perspectiva de aprender fazendo, a Cia Teatral Peneira produziu temporadas em teatros públicos e privados, fez apresentações no circuito SESC do Rio de Janeiro, em museus, parques, praças e outros espaços. Ganhou prêmios, foi aclamada por parte da crítica teatral carioca, compreendeu os instrumentos de fomento à cultura em âmbito municipal, estadual e federal, e também começou a participar ativamente de encontros e debates sobre políticas culturais, como o *Reage, Artista*<sup>35</sup>, a *Teia* (Encontros Nacional de Ponto de Cultura)<sup>36</sup> e o *Curto Circuito da Juventude*<sup>37</sup>.

### 3.1 SARAU

O sarau não é mais somente aquele recital de poesia que acontecia no período da tarde nos salões da belle-époque do Rio de Janeiro, na antessala dos palacetes, onde as elites, em silêncio absoluto, postavam-se

---

<sup>35</sup> No início de 2013, o incêndio da boate Kiss, em Santa Maria (RS) levou a prefeitura do Rio de Janeiro a fechar as portas dos teatros da rede municipal por 50 dias, alegando problemas de segurança. Cancelaram estreias e temporadas causando prejuízos significativos, sobretudo na área teatral. No dia 06 de fevereiro uma manifestação reuniu cerca de 300 pessoas na porta da prefeitura. Um flyer que circulou nas redes sociais trazia uma tarja preta e o escrito que daria o nome ao movimento “Reage, Artista!”. Ver mais em <https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/reage-artista-UND-0660> Acesso 08/06/2022.

<sup>36</sup> A *Teia* foi o encontro nacional dos Pontos de Cultura, e também encontros regionais das entidades que integram o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva, do extinto Ministério da Cultura. O encontro nacional tinha como objetivo reunir representantes e integrantes dos Pontos de Cultura em uma grande comunhão. Ver mais em

<http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/culturaviva/cultura-viva/index.html>

<sup>37</sup> Representei o grupo no Curto Circuito da Juventude em Brasília no ano de 2014, o evento reuniu 70 jovens de diferentes regiões do país. A partir das práticas culturais e artísticas, o objetivo do evento realizado pelo Ministério da Cultura (MINC) foi construir o Programa Nacional de Cultura e Juventude.

atentos aos sonetos, apresentações musicais e confabulações sobre o cotidiano da aristocracia e burguesia carioca.

As representações, nesse sentido, eram duplas. Havia um interesse artístico, que corria paralelo à intenção de oferecer capitais simbólicos necessários a fim de legitimar as obras frente aos representantes da sociedade aristocrática e da intelectualidade da época. Ao mesmo tempo, havia um interesse em exibir a posição de classe. (TENINNA, 2013, p.11)

Então privilégio de seletos públicos, esse tipo de encontro chegou ao Brasil em 1808, com D. João VI, e seguia os moldes dos salões franceses. Deslocado dos espaços ostentosos, o recital também se fez presente no âmbito familiar, sem utilizar o cognome sarau, porém também com enfoque na palavra falada. Famílias obtinham acesso à literatura através de crianças alfabetizadas que assumiam o cargo de leitores, como descreve José de Alencar em *Como e porque sou um romancista*, texto publicado em formato de carta em 1893. “Era eu quem lia para minha boa mãe não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo”.

Segundo a pesquisadora Lucía Teninna, “os saraus foram desaparecendo à medida que avançava o século XX” (TENINNA, 2017, p. 115), entretanto, ações pontuais em torno da poesia foram importantes para a construção do pensamento sobre a poesia brasileira produzida longe dos holofotes e das grandes editoras. Na zona sul do Rio de Janeiro, em meados dos anos de 1970, um grupo formado por poetas e agitadores culturais, entre eles Chacal, Cláudio Lobato, Cafi, Dionísio Oliveira e Lúcia Lobo, criou a Nuvem Cigana, uma editora de poesia e arte que logo depois se desdobrou em encenações e ambientações desenvolvidas em torno da palavra falada, as chamadas “Artimanhas”.

Em 1982, ano do fim da Nuvem Cigana, no subúrbio do Rio, poetas, cartunistas, músicos e atores, entre eles Éle Semog, Deley de Acari, Conceição Evaristo, José Jorge Siqueira, Eustáquio Lawa e Hélio de Assis, formaram o Grupo Negrícia Poesia e Arte de Crioulo, coletivo de literatura negra que organizou saraus e antologias empenhados em encarar a poesia enquanto gesto político. Neste período, despontam

ações como a Feira da Poesia Independente, na Cinelândia, e o Passa-na-raça-que-a-poesia-te-abraça, com realização de recitais aos domingos em praças públicas do subúrbio.

Em 1990, Chacal, junto de Guilherme Zarvos, inaugurou o CEP 20.000 – Centro de Experimentações Poéticas, pouco tempo depois, surge na Baixada Fluminense o fanzine Desmaio Público, um dos principais articuladores do movimento literário alternativo que circulou em Nova Iguaçu e influenciou o nascimento de outras ações poéticas no Rio de Janeiro.

No início do século XXI, o sarau ganhou outros protagonistas e formatos, “uma apropriação livre que mantém apenas o rótulo sarau e a arte como palavra de ordem central” (TENINNA, 2013, p.12). Esse deslocamento com novos atores, com novas formas de fazer artístico, ambientado nos territórios populares, com ênfase em espaços públicos como ruas e praças, assumindo uma responsabilidade política, com intencionalidade para a democratização do acesso à literatura, se estabelecendo por intermédio de redes colaborativas e tornando-se marcante para a arte contemporânea brasileira, ocorre, sobretudo, após a visibilidade conquistada pelos saraus das periferias paulistanas e também por artistas frequentadores desses encontros, como Ferréz, Allan da Rosa e Sérgio Vaz, que desde o final dos anos 1980, mas principalmente durante a década seguinte, iniciam um movimento de circulação de uma grande quantidade de autopublicações assinadas por escritores que se apresentavam, tanto por suas biografias, como pelo formato e pelos temas de suas escritas, a partir do vínculo com seu território de origem, localizado na maioria das vezes em regiões periféricas. Figuras estas que contribuíram para o transbordamento da noção de marginal, fixando a noção de Literatura Marginal Periférica como um gênero literário produzido por escritores que narram em suas obras a vida na periferia.

Na dissertação “Um estudo sobre os saraus da periferia de São Paulo: espaços para “aprender na amizade e na liberdade”, a socióloga Aline Chamone ressalta que o termo *marginal*, associado à literatura aparece na década de 1970, conectado aos movimentos de

contracultura, no contexto político de ditadura militar no Brasil. Os escritores que fizeram parte dessa geração estavam ligados, sobretudo, a circuitos alternativos e em geral pertenciam à classe média intelectualizada e alta, principalmente no meio universitário público, como por exemplo os integrantes da Nuvem Cigana.

Heloisa Buarque de Hollanda, na antologia *26 Poetas Hoje* (Aeroplano, 2021) apresenta testemunhos da geração A15, e suas dicções coloquiais, irreverentes e bem humoradas. Participam desta edição, Ana Cristina César, Torquato Neto, Geraldo Carneiro, Waly Salomão, Chacal, Bernardo Vilhena, Capinan e outros. No texto introdutório da obra, já é possível compreender o que Heloisa Buarque entende por *marginal* naquele período. Ao referir-se à produção poética presente na antologia, afirma: “Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem que não se confunde com o antigo leitor de poesia” (HOLLANDA, 2021, p. 9).

Atualmente, com uma certa consolidação marcada a partir dos anos 2000<sup>38</sup>, o contexto *marginal* continua relacionado ao alternativo, só que agora pulverizado nas regiões mais populares das cidades. Além da quantidade de saraus, a crescente produção literária independente - através de zines, cartoneras, livros artesanais, páginas de *Facebook* e vídeos no *Youtube* - legitima a ideia de que definitivamente, as margens transbordaram. Com o crescimento de uma nova geração de poetas que também se auto intitulam marginais e que compõem diferentes grupos e coletivos que buscam ressignificar o lugar e o rosto da poesia marginal, como é o caso dos saraus em questão.

Embora Heloisa Buarque de Hollanda proponha novas terminologias para falar desse outro tipo de literatura produzida a partir do século XX como, por exemplo, *literatura de compromisso*, a produção poética dos saraus está conectada à sua vivência marginal cotidiana no espaço urbano.

---

<sup>38</sup>Em 2001, por exemplo, o escritor Ferréz (Reginaldo Ferreira da Silva), idealiza uma edição especial da revista *Caros Amigos*, com a publicação de textos de escritores provenientes principalmente das regiões suburbanas de São Paulo. O título que Ferréz escolheu para a edição (posteriormente foi publicada mais duas edições, uma em 2002 e outra em 2004), foi “Literatura Marginal. A cultura da Periferia”.

A pesquisadora Érica Peçanha, no livro *Vozes marginais na literatura* destaca uma fala do poeta Allan da Rosa, no lançamento do seu primeiro livro *Vão*, em que é possível percebermos como a ideia de sarau foi transformada, “sarau é o que se fazia na Casa-Grande, era uma arma das sinhazinhas para caçar marido. Mas, com o tempo, fomos dando a nossa cara, dando substância à poesia” (*apud* PEÇANHA, 2009, p.102).

Em comparação a São Paulo, a consolidação dos saraus no Rio de Janeiro com esse perfil é recente, vide a escassez de pesquisas, acadêmicas ou não, sobre a cena que vem ganhando novas camadas no decorrer dos últimos anos. Fato este que das poucas análises sobre os saraus fluminenses, frequentemente olhamos como se esses fossem desdobramentos da cena vizinha e acabamos correndo o risco de homogeneizar um conjunto de manifestações que é tão diverso.

A importância de saraus como o do Binho ou a Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) em São Paulo, são inegáveis, além de encorajar realizadores de diversos territórios brasileiros, com ênfase em ações nas periferias, são responsáveis por visibilizar essa ideia de sarau que se desloca do imaginário elitizado. No entanto, importante destacarmos que há um trânsito entre os saraus do eixo Rio x São Paulo, como por exemplo a realização do “Sarau Com Sérgio Vaz”, em alguns equipamentos culturais da cidade do Rio de Janeiro, no Circo Crescer e Viver (2019) e no Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (2017).

Assim como, na XVII Bienal Internacional do Livro no Rio de Janeiro, por intermédio de Écio Salles, ocorreu o *SarAll*, uma conexão entre realizadores de saraus de diferentes cidades brasileiras. Na ocasião estiveram presentes, eu do Sarau do Escritório, Sérgio Vaz da Cooperifa, Janaina Tavares do Sarau V, de Nova Iguaçu, Viviane Sales do Poesia de Esquina, da Cidade de Deus, Bernardo Vilhena, um dos criadores do Nuvem Cigana, Edgar Borges do Lona Poética, de Roraima, Binho Padial do Sarau do Binho, Alessandro Buzo do Sarau Suburbano Convicto e Rodrigo Ciríaco, do Sarau Mesquiteiros, estes últimos também de São Paulo, dentre outros realizadores.

Mas, assim como há distinção entre os saraus paulistanos, existem diferenças entre um sarau na Zona Oeste do Rio e outro na



Baixada Fluminense. Justamente o que interessa para esta pesquisa é a singularidade de cada sarau, suas diferenças e pontos de contato, seguindo a perspectiva de que não há uma teoria única que homogeneíze essa prática cultural.

### 3.2 COLETIVO PENEIRA

Sem sede, o grupo de artistas-produtores passa a realizar reuniões para lazer e trabalho no Bar da Cachaça, na Lapa, local frequentado, na sua maioria, por artistas e universitários de diferentes localidades da região metropolitana do Rio de Janeiro. Em entrevista para esta pesquisa, o poeta Xandu, realizador do sarau Ratos di Versos que ocorre desde 2006 na Lapa, comenta que

o Bar da Cachaça é um local de grande esbarramento, interação, trocas gigantes com o mega público da boemia. Ali se concentra o “ferro da noite”, pessoas vindas de geografia ampla, desde locais próximos, da zona sul, mas principalmente é uma opção para quem vem de longe, dos subúrbios, da baixada, das favelas. (DURATOS, Xandu, 2021, entrevista)

Em pouco tempo o bar foi rebatizado por eles de Escritório<sup>39</sup> e assim o cumprimento do expediente no local passou a ser quase que diário. Reuniões de planejamento, encontros com possíveis parceiros, fechamento de pautas para as apresentações da peça, se davam nas mesas do Bar da Cachaça de maneira frequente. Em 2010 se expandiu pelas capitais brasileiras uma quantidade significativa de coletivos artísticos, culturais e políticos. Após 2013, esse formato de organização de grupos tornou-se ainda mais presente nos espaços públicos das cidades.

---

<sup>39</sup>Priscila Bittencourt, que em 2016 passou a integrar o grupo Peneira, conta que os grupos de Maracatu, frequentadores do Bar da Cachaça à época, também chamavam o Bar da Cachaça de Escritório. Logo, o Bar da Cachaça era uma espécie de *coworking* na Lapa. O que dialoga com algumas comunicações do Sarau do Escritório em que se referem ao evento como o “maior *coworking* artístico do Rio de Janeiro”, como por exemplo na divulgação do aniversário de um ano do Sarau do Escritório na página do Facebook <https://www.facebook.com/events/743774602363465/?ref=newsfeed> . Acesso 04/06/2022.

Com a necessidade de desenvolver uma ação artística e política permanente na cidade e em local fixo, e a não identificação naquele momento com o modelo de companhia de teatro, os integrantes então passam a se autodeclarar como Coletivo Peneira. O formato de *Coletivo de Cultura* é, segundo aponta o professor e pesquisador Cezar Migliorin,

uma formação não dê certo número de pessoas com ideais comuns, mas de um bloco de interesses, afetos, diálogos, experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco. (MIGLIORIN, 2012, p.2)

Deste modo, os Coletivos “se efetivam em atos, nas atualizações dos encontros que podem se dar das mais diversas formas...” (*ibidem*). No caso do Coletivo Peneira, o bloco de interesses vinha sendo ensaiado desde 2010 e se intensificou com os arroubos populares advindo das ruas. Desta forma, o coletivo desenvolve a proposta do Sarau do Escritório. Sarau pela possibilidade de combinar múltiplas linguagens artísticas. Escritório por acontecer nas bordas do Bar da Cachaça. Fazer na Lapa, justamente pela possibilidade de mobilizar mais pessoas e também por causa da relação afetiva com o território que já vinha sendo construída durante a jornada de trabalho sob as mesas do bar. Além disso, no espaço público, naquele momento na Praça João Pessoa, pelo caráter político configurado a partir da perspectiva da arte pública, da realização de atividades gratuitas na rua e pela inconformidade da restrição do acesso à cultura.

No dia 07 de novembro de 2013 foi inaugurado o Sarau do Escritório, tendo como homenageado Sérgio Contreiras, morador da “Mansão dos Horrores” - prédio onde está localizado o Bar da Cachaça. A estrutura somava uma pequena caixa de som adquirida de empréstimo, um microfone, um estandarte, um pano de chita - parte do cenário da peça *Urucuia Grande Sertão* realizada pelo Coletivo Peneira - e uma velha máquina de escrever de uma das integrantes do grupo. Autonomia e colaboratividade foram palavras estruturantes neste primeiro momento do Sarau do Escritório.



*Imagem 21: Artista recitando poesia no palco aberto Imagem 22: Cartazes da primeira edição do Sarau do Escritório Fonte: Autor (2022)*

Em entrevista para o programa Estúdio Móvel do canal TV Brasil, em uma edição com o tema “Faça Você Mesmo: Coletivos artísticos se movimentam e realizam seus projetos por conta própria”, os artistas-produtores do Sarau do Escritório destacam o evento como um lugar de encontro em uma encruzilhada com seus múltiplos atravessamentos concretos e místicos. Além da dinâmica cotidiana para construir um evento no espaço público, torna-se necessário um alinhamento energético para conduzir as edições. Afinal, não só corre no imaginário popular histórias como a de Madame Satã que matou ali, com um só soco, o sambista Geraldo Pereira, mas também se faz fortemente presente na região, causos malditos protagonizados por malandros e mulheres dos cabarés.

Segundo Millôr Fernandes, “tudo é lenda!”, entretanto, como nos lembra o poeta das ignoranças, só não é falso aquilo que o homem inventa. Além do mais, a encruzilhada por si só é um lugar de cruzamento, de alargamento, de encontro com o mundo dos espíritos, de subversão, terreno de Exu. Logo, um sarau na Lapa necessariamente precisava atender aos múltiplos contextos em que estava inserido.

### 3.3 PALQUINHO DE PETER BROOK

O Sarau do Escritório acontecia mensalmente na Lapa, a cada edição o grupo de artistas-produtores buscava novas maneiras para

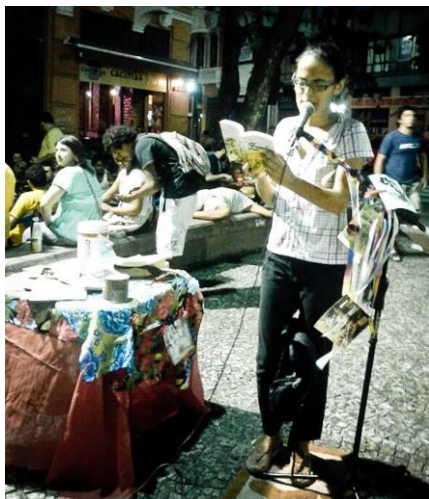
aprimorar a encenação que recebia um público cada vez maior. Justamente os dispositivos como o “produtor convidado”, a “reunião aberta” e o “homenageado do mês” foram criados como forma de ampliar o impacto da intervenção e dar uma vivacidade para um formato de evento visto por parte das pessoas com certa ausência de variedades.

Para fugir da monotonia, foi necessário inventar uma variedade de tons para a ação. Neste sentido, Felipe Bustamante, outro poeta frequentador do sarau, destaca o que chama atenção no evento é

sobretudo o aspecto de Cultura Popular, mambembe. O jeito de apresentar também. Com dois mestres de cerimônia com tiradas bacanas, bem humoradas, trazendo textos preparados com antecedência. Sempre amei esse formato. Isso dá um ritmo legal. Por que o sarau, sabe como é. Pra cair na chatice é muito fácil. Acho que os MC's fazem toda a diferença e dão um acabamento de entretenimento de primeira linha pro evento. Sem deixar o improvisado de lado, claro. (BUSTAMANTE, Felipe, entrevista, 2021)

Na segunda edição, em dezembro de 2013, além da estrutura utilizada na inauguração do sarau, o coletivo criou o “palquinho de Peter Brook”, um tapete para delimitar o espaço de apresentação e destacar a encenação performada pelos artísticas no microfone. O grupo faz uma alusão ao diretor britânico Peter Brook que a partir da montagem de Rei Lear, em 1962, tem em seus espetáculos um atravessamento pela noção de espaço vazio.

O tapete passa a ser a forma material mais evidente do conceito, tornando-se símbolo material da ideia. Uma forma que ganhou o estatuto não de cenário, mas de lugar de representação. No caso do Sarau do Escritório, era também uma forma de dialogar com a linguagem do teatro, além de descobrir operações na precariedade, de maneira bem humorada. No início, o palquinho de Peter Brook era um tapete de banheiro da casa da Michele, integrante do coletivo, com o passar das edições, tiveram versões com carpete, linóleo até que resolveram descartar o tapete e delimitar o “palquinho de Peter Brook” com equipamentos de iluminação.



*Imagem 23: Segunda edição do Sarau do Escritório, o tapete de banheiro delimitando a área do artista Imagem 24: Segunda versão do “palquinho de Peter Brook” Imagem 25 e 26: O “palquinho de Peter Brook” sendo delimitado com a iluminação e cenário. Fonte: Autor (2022)*

### 3.4 BAILE DE GALA DO SARAU DO ESCRITÓRIO

São as 4 esquinas, as fronteiras imaginárias dessa praça João Pessoa que o Baile de Gala do Sarau do Escritório propôs como reconstrução e/ou reordenamento urbano. Acompanhei de perto. Para estar efetivo na ocupação do espaço público, foi um colecionar sem fim de permissões, mesmo que dividissem o fazer-produção com outros coletivos, ainda eram pontos de luz, cabeamentos, acordos com os bares e restaurantes ao redor, para chegar naquele sábado e... uma bruta ameaça de chuva!! Aff! Então nós pusemos em estado de dança do sol, riscamos mandingas no chão, orações fervorosas, tambores, axé - o céu se abriu! Hahahaha! Daí em diante foi o trivial ligeiro, ou seja, cada grupo artístico fazendo o seu fulgurar, aqui poesias, ali muita música, lá outras danças e mágicas e fanzines e brilhar como deve brilhar

um aniversário de artista - evoééé! (DURATOS, Xandu, entrevista, 2021)

Eu havia me mudado para Lapa em Agosto de 2014. Então já como frequentador assíduo da Praça João Pessoa, atual praça Luana Muniz (com muito prazer em escrever e falar esse nome), em algum certo dia de novembro, não me lembro se chegando em casa ou saindo. Quando cheguei na praça, vi palcos montados nos quatro cantos da praça. Me deparei com uma galera animada e alguns poetas ao microfone. Quando me aproximei de um dos palcos, ao lado do Bar do Cachaça, perguntei a alguém que evento era, e uma resposta veio rápida: "O Sarau do Escritório".(BRAYNER, Rodrigo, entrevista, 2021)

Em novembro de 2014, aniversário de um ano do evento, o Coletivo Peneira desenvolveu o Baile de Gala do Sarau do Escritório com a proposta de promover uma maratona cultural gratuita com mais de 100 artistas na programação, em oito horas de duração e quatro palcos. A organização dos palcos ficou por conta dos coletivos artísticos coprodutores que foram convidados para gerir esses espaços. Já no ano seguinte, o Baile recebeu 200 atrações de diversas regiões do Brasil, em 12 horas de programação, distribuídas também em quatro palcos, atingindo cerca de seis mil espectadores nessas duas edições<sup>40</sup>.

Os grupos e coletivos que participaram como coprodutores do Baile de Gala foram: Leão Etíope do Meier (Meier), Movimento Nefelista (Campo Grande), Ratos Di Versos (Lapa), Balalaica (Catete), Rádio Rua (Centro), Espaço Cultural Viaduto de Realengo (Realengo), Espaço Cultural Laencasa (Sulacap), Centro Cultural Donana (Belford Roxo), Cineclube Buraco do Getúlio (Nova Iguaçu), Sarau RUA (Nilópolis), FAZ na Praça (Tijuca), Ethnohaus (Botafogo), Fábrica Nômade Sonora (Centro), Poliphonia (Lapa), Facção Feminista Cineclube (São João de Meriti), Festival de Música e Cultura de Rua de Bangu (Bangu), Sarau do Velho (Senador Camará), Sarau Tá no Ponto (Madureira), Marginow (Santa Cruz) e Maneh Produções (Chapéu Mangueira).

---

<sup>40</sup> Segundo dados informados pelos organizadores e publicado em [www.peneira.org](http://www.peneira.org). Acesso 04/06/2022.





*Imagem 27: Baile de Gala Fonte: Autor (2022)*

Além da poesia, que dá o tom da festa, a programação é composta com apresentações musicais, projeção de filmes, circo, performances, intervenções, teatro, instalações, exposições, lançamento de livros, debates, oficinas, bazar de roupas, editorial de moda, libertação de livros, vídeo mapping, palco aberto e um circuito gastronômico de comidas artesanais produzidas por coletivos que vendem seus artigos em eventos de rua.

Três anos, né? Quem diria... parece que foi ontem que arrumávamos nosso tapetinho de Peter Brook exatamente na porta do Bar da Cachaça. O baluarte Sérgio Contreiras, nosso primeiro homenageado, ainda encantava as multidões do boteco com o seu cancionero que variava entre Cartola e Louis Armstrong. Com o passar dos meses, migramos para a Pracinha João Pessoa, que à época, ainda conservava seus bancos. Veio o primeiro aniversário, e com ele o Baile de Gala do Sarau do Escritório, um festival poético que reuniu artistas e espectadores dos mais diversos cantos do globo terrestre. No ano seguinte repetimos a dose, e em 2016, não poderia ser diferente.

Preparem-se! Sábado, dia 3 de dezembro, das 15h às 0h, a Lapa vai tremer!

Serão 4 palcos, 5 coletivos coprodutores, 9 horas de programação, 9 homenageados e dezenas de atrações, entre poetas, músicos, performers, circenses, VJ's,

expositores, um circuito gastronômico de comidas artesanais e o tradicional palco aberto.<sup>41</sup>

O trecho acima corresponde a divulgação nas redes sociais da terceira edição do Baile de Gala do Sarau do Escritório em 2016. Dessa vez com uma estrutura mais robusta, porém ainda sem nenhum tipo de patrocínio. A lógica de operação por meio de pequenos apoios, empréstimos de equipamentos e passar o chapéu a cada edição, permanecia sendo a fonte de recurso principal do Sarau do Escritório. Mesmo com o crescimento do evento, ninguém recebia salário ou cachê.

Neste sentido, o Coletivo Peneira criou formas de sensibilizar o público frequentador do evento que ainda não tinha o hábito de contribuir com alguma quantia no chapéu. Além de narrar ao microfone a importância da colaboração do público, o Sarau do Escritório passou a realizar uma prestação de contas pública em cada edição e também desenvolveu, junto da artista Lívia Frias, uma peça de divulgação que viralizou nas redes sociais.

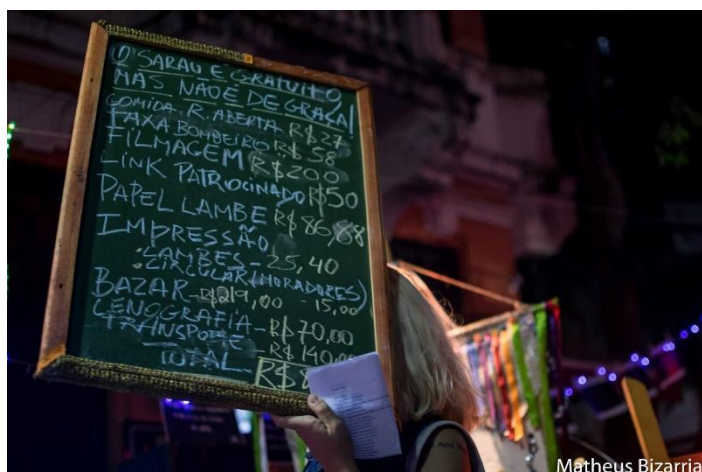


Imagem 28: Divulgação do Sarau do Escritório Fonte: Facebook (2021)

<sup>41</sup> Postagem no Facebook da divulgação da terceira edição do Baile de Gala do Sarau do Escritório. Ver em [https://www.facebook.com/events/197047140749129/?acontext=%7B%22event\\_action\\_history%22%3A\[%7B%22surface%22%3A%22page%22%7D\]%7D](https://www.facebook.com/events/197047140749129/?acontext=%7B%22event_action_history%22%3A[%7B%22surface%22%3A%22page%22%7D]%7D). Acesso 08/06/2022.



# SÓ O CHAPÉU EXPULSA A DÍVIDA DOS COLETIVOS

Imagem 29: Divulgação Fonte: Facebook (2021)

Expulsa! Expulsa, irmãos!

Assim como a maioria dos eventos realizados nas ruas, o Sarau do Escritório também é feito na base da guerrilha. Não possuímos nenhum tipo de apoio financeiro, e pra colocar o bloco na praça, temos um custo. São quatro estruturas de som (três delas pagas), banheiros químicos, impressões (de lambes, zines, santinhos e banners), elementos cenográficos, transportes, cobertura de vídeo, taxas das autorizações, aluguel de instrumentos, y muchas cositas más...

Assim sendo, lançamos a campanha "Só o chapéu expulsa a dívida dos coletivos", uma vez que não queremos ficar com o nome sujo na praça, com o perdão do trocadilho.<sup>42</sup>

## 3.5 CARTONERA DO ESCRITÓRIO

Em 2004 o Sarau Cooperifa lançou a antologia *O rastilho da pólvora*, uma forma de materializar em livro a efervescência de poemas autorais que estava sendo produzida no sarau paulistano. A publicação reuniu 43 autores e a tiragem contou com 1000 exemplares, sendo viabilizada a partir do patrocínio do Itaú Cultural. Sérgio Vaz, um dos organizadores da antologia poética, no prefácio ressalta que:

Muita gente começou a escrever poemas por causa do sarau. Muita gente começou a ler por causa do sarau. Muita gente voltou a estudar por causa do sarau, e essa antologia é resultado dessa luta incansável do ser humano simples contra as complexidades do dia-a-dia. Mas que ninguém se engane com a nossa aparente simpatia, tiramos o "R" da palavra revolução, mas em compensação, servimos consciência e atitude enquanto a noite

---

<sup>42</sup> Texto da postagem no Facebook do Sarau do Escritório. Ver mais em <https://www.facebook.com/SarauDoEscritorio/photos/gm.932743370114910/639594899513807/>. Acesso em 08/06/2022.

simplesmente se esconde do dia. E saibam vocês que, entre a capa e a contracapa deste livro, este rio que nos exprime, a poesia é o esconderijo do açúcar e da pólvora. Um doce, uma bomba, depende de quem devora. (VAZ, 2004, p.14)

De forma independente ou não, por meio de fanzines, modelos alternativos ou em formato de livro tradicional, os saraus brasileiros enxergaram na antologia um meio para concretizar a produção poética realizada em suas ações e, além disso, um modo de registro, uma espécie de emergência por se arquivar.

No Rio de Janeiro, por exemplo, o sarau Poesia de Esquina, inaugurado em 2011 na Cidade de Deus, reuniu 38 poetas na antologia *Poesia de Esquina*, organizado pela socióloga e fundadora do sarau Viviane Salles. Na divulgação da publicação no site da editora, Salles sinaliza que “toda boa ideia cresce. O movimento [o sarau Poesia de Esquina] rompeu barreiras e agora lança uma coletânea para registrar um pouco da história.”<sup>43</sup>. Já no CEP. 20.000, em 2017 deu início a série mensal de publicações independentes chamada *Cadernos do CEP*, a cada edição trazia um grupo de poetas e um “posfácio crítico”. No caso do Sarau do Escritório, também em 2017, o grupo de artistas-produtores lança a *Cartonera do Escritório*, antologia com 10 poetas que frequentavam ativamente o sarau.

Produzida com a técnica de cartonagem, a curadoria dos poetas ficou a cargo de minha pessoa, a capa foi desenvolvida pela artista visual Lívia Frias, a execução - cortar o papelão e reproduzir a imagem da capa - contou com a colaboração de toda equipe do Sarau do Escritório, a diagramação foi elaborada por Eduardo Barves com concepção de Larissa Amorim. A primeira edição contou com os poetas Chacal, Tom Grito, Xandu Duratos, Ivone Landim, Nelson Neto, Marcio Rufino, Mery Onírica, Bruna Mitrano, Monique Nix e Paulo Sérgio.

Em 2020, durante a pandemia da Covid-19, para se manter em movimento, o grupo realiza um evento online em comemoração aos 10 anos da Peneira, e na ocasião lança o segundo volume da *Cartonera do*

---

<sup>43</sup>Ver em <https://www.esquinaeditorial.com.br/product-page/poesia-de-esquina>. Acesso 10/06/2022.

*Escritório*, dessa vez com capa e diagramação assinada por Alessandra Teixeira, coordenação editorial e prefácio assinado por mim e com poemas de Bruno Borja, Sabrina Azevedo, Maui, Yassu Noguchi, Valeska Torres, Josi de Paula, Nathalia D'lira, Valentine, Livia Araújo e Escurinho.

Este segundo volume da *Cartonera do Escritório* reúne poetas que, em seus locais de atuação e investigação, revelam outras possibilidades de atuação com a palavra, expandindo, em suas performances, a ideia de poesia. A palavra é corpo, falada na rua, na praça, nos transportes públicos. A palavra dita, comunica, transforma, expurga, contesta e cobra o que lhe foi surrupiado. Como título de um dos poemas desta publicação, chegou a hora da retomada. Seja através do *slam*, do *stand-up*, do teatro, da música, das manifestações populares ou do espaço de ensino formal, a palavra torna-se um brinquedo com variadas capacidades de manuseio. Aqui estão xs brincantes do hoje e do futuro! Leia, escute e movimente-se. Este livro é um convite a ação! (PINTO, 2020, p.9)

As duas edições da *Cartonera do Escritório* estão disponíveis gratuitamente no site da Peneira. A maioria dos poetas presentes não havia publicado seus poemas em livro, alguns, como é o caso de Valeska Torres, Tom Grito e Bruna Mitrano, atualmente possuem publicações em médias e grandes editoras. Valeska Torres, por exemplo, é uma das poetas presentes na publicação *As 29 poetas hoje* de Heloisa Buarque de Hollanda.

### 3.6 PRAÇA JOÃO PESSOA X PRAÇA LUANA MUNIZ

A trigésima edição do Sarau do Escritório na Lapa aconteceu no dia 25 de maio de 2017. Neste momento o evento já havia se consolidado na agenda cultural da região metropolitana do Rio de Janeiro e o público frequentador podia acompanhar o ritual do sarau que iniciava semanas antes nas redes sociais. Com antecedência de cerca de vinte dias, os realizadores anunciaram na fanpage a temática que iria conduzir a narrativa do sarau:

É de arrepiar! Imbuídos de todo os mistérios que nos cercam, do sobrenatural ao extraordinário, do lobisomem

a loira do banheiro, do Pipeiro da Lapa ao Opala preto, a história de Neide, a Fera da Penha, que matou a menina Taninha, Sérgio Cardoso, que teria sido enterrado vivo e a Kombi branca, que sequestrava crianças para roubar seus órgãos, o Sarau do Escritório lança a edição Mistérios da Meia Noite! [...] A encruzilhada mais poética da Lapa tem os seus mistérios, qualquer encruza que se preze tem uma série de coisas que perpassam pelo campo do sinistro. Ela, em todo o seu híbrido, é uma mistura de praça/calçada/esquina, com suas histórias reais e fictícias, personagens folclóricos e macabros. Uns dizem que é a esquina do pecado, outros que é um antro de perdição, tem aqueles que preferem nem pisar nas suas pedras portuguesas, poucos afirmam que nem praça é. Para nós, não é um espaço qualquer, todo mês a gente pede licença para colocar o nosso bloco na praça, sempre com muito respeito ao local que nos acolhe[...] A praça, que hoje se chama João Pessoa, é por muitos desvalorizada. Já sofreu a retirada dos seus bancos e atualmente serve como extensão dos bares do seu entorno. A firma propõe uma mudança de alcunha, um rebatismo do recinto. De João Pessoa, para Luana Muniz, a Rainha da Lapa, que nos deixou no último dia 07. A intervenção será feita durante o Sarau do Escritório, quando o relógio bater às meia noite do dia 25 de maio...<sup>44</sup>

O texto divulgado nas redes sociais do Sarau do Escritório evidencia desde o início o posicionamento político do grupo e a proposta de ampliar o imaginário afetivo da Lapa. A perspectiva mística está presente, entretanto sem abordar o comumente discurso utilizado por quem faz da memória da região comércio. O “pipeiro da Lapa”, personagem que há décadas vive nas ruas da Lapa, é conhecido pelos moradores e frequentadores por estar diariamente na praça Luana Muniz movimentando-se como se estivesse soltando pipa.

Destaca-se também os atravessamentos propostos pelo grupo, cruzando histórias de outras localidades com as da Lapa, como a “Fera da Penha”, a “Kombi branca” e os outros citados, afinal a Lapa é um local ocupado por pessoas de diversos territórios da região metropolitana que também colaboram para a construção de suas memórias. Apesar da ação acontecer no que oficialmente é uma praça, como apontamos, a mesma foi descaracterizada durante o tempo, com a retirada dos bancos de concreto

---

<sup>44</sup> Texto presente na postagem de divulgação do Sarau do Escritório no Facebook. Ver mais em <https://www.facebook.com/SarauDoEscritorio/photos/gm.464619813887543/921570701316224/>. Acesso 08/06/2022.

e a derrubada das árvores, com suas calçadas tornando-se uma aparente extensão dos bares. Atravessada pelas ruas Mem de Sá e Gomes Freire, a praça é dividida em quatro partes como podemos observar na imagem abaixo.



*Imagem 30: Praça João Pessoa (identificada como Praça Luana Muniz). É possível ver os bancos de concreto e as árvores, ambos atualmente não existem mais. Fonte: Google Maps*

Retornando ao texto de divulgação da edição de maio de 2017 do Sarau do Escritório, o grupo propõe um gesto revisionista e simbólico com a mudança de nome de João Pessoa para Praça Luana Muniz. João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1878 - 1930) foi um político brasileiro, sobrinho de Epitácio Pessoa, nascido na Paraíba e assassinado, com dois tiros, em Recife. Não encontramos nenhum registro de qualquer relação entre João Pessoa e o território da Lapa, mas mesmo assim foi homenageado dando nome ao logradouro. Novamente na fanpage do Sarau do Escritório no Facebook, o grupo argumenta o motivo da mudança.

Mas afinal, quem foi o tal João Pessoa, que dá nome a nossa pracinha?

Advogado, ex-governador da Paraíba, sobrinho do presidente Epitácio Pessoa, auditor-geral da Marinha, ministro da Junta de Justiça Militar, ministro do Superior

Tribunal Militar (durante o governo de seu tio Epitácio), e candidato a vice presidente da República na chapa de Vargas, derrotada por Júlio Prestes.

Por alguns anos o aristocrata chegou a viver no Rio de Janeiro, e em 1930 foi assassinado no Recife por um adversário político. Em setembro do mesmo ano, a capital da Paraíba deixou de se chamar Parahyba, para ter o seu nome.

Versa a lenda que a morte de Pessoa foi o estopim para que as forças revolucionárias deflagrassem o levante que depôs o presidente Washington Luís, e pôs no Palácio do Catete o advogado Getúlio Vargas.

CORTE SECO

Rio de Janeiro, maio de 2017.

Nós, brasileiros, vivemos um momento de total falta de representatividade.

Diariamente nossa memória é simplesmente apagada.

Já o conservadorismo. Esse aumento de maneira avassaladora.

E os nossos direitos?

6 de maio de 2017, morre no Rio Luana Muniz, atriz, ativista do movimento LGBT, profissional do sexo, travesti e RAINHA DA LAPA.

A morte de Luana não significa somente a saída de cena de uma artista, mas o fim de uma era, uma era iniciada lá atrás pelo povo da luta, da resistência.

A região central do Rio de Janeiro deixa de ter um de seus mais representativos personagens, e para que essa perda não fique somente em nossas memórias, nós, do Sarau do Escritório, lançamos hoje uma campanha pela preservação da memória da Rainha da Lapa, e de suas lutas.

Quantas ruas ou praças do Rio de Janeiro homenageiam travestis? Porque a imprensa ao noticiar a sua morte diz que ela ficou famosa por uma foto tirada com um padre, e não pela sua militância?

Com quantos direitistas, torturadores da ditadura e políticos de má índole se forma o mapa das ruas da nossa cidade?

É hora de falarmos por nós mesmos. É hora das pessoas que nos representam darem nomes aos espaços que orbitamos. É hora da Praça João Pessoa se chamar Praça Luana Muniz!<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Texto postado nas redes sociais do Sarau do Escritório. Ver mais em <https://www.facebook.com/SaraudoEscritorio/photos/pcb.922603071212987/922596904546937/>. Acesso 08/06/2022.

Luana Muniz foi “homenageada do mês” do Sarau do Escritório, na edição de aniversário de dois anos da intervenção cultural, em novembro de 2015.



*Imagem 31: Luana Muniz no Sarau do Escritório 2015. Fonte: Autor (2022)*

“Homenageado do mês” é um dispositivo que acompanha o evento desde a primeira edição, quando o grupo resolveu apostar no resgate da memória afetiva da região central do Rio de Janeiro através de personalidades anônimas que compõem essa parte da cidade. O homenageado do mês “surge da vontade de descobrir e desvendar um outro centro, como confluência e convergência de atores de toda metrópole. A disputa de um imaginário da rua, em um espaço de efervescência cultural como a Lapa, é algo que não faz sentido sem que os protagonistas estejam envolvidos.”. Uma das características que compõe o dispositivo é a elaboração de cartazes com o rosto do homenageado estampado, e que, em formato lambe-lambe, são afixados em espaços públicos da cidade. Somam-se na trajetória do evento a participação de 34 personagens, sendo um a cada edição.

Quando o relógio bateu à meia noite do dia 25 de maio, os apresentadores do Escritório lembraram ao microfone a entrevista feita com Luana Muniz, o número artístico realizado na edição de aniversário



onde ela se caracterizou de malandro e se transformou numa passista de escola de samba e por fim, afixaram uma placa, similar a essas de rua utilizadas pela prefeitura, com o escrito “Praça Luana Muniz - Rainha da Lapa”.



*Imagem 32: QR Code do Vídeo da Colocação da Placa. Fonte: Autor (2022)*

Desde de então, todas as divulgações do Sarau do Escritório sinalizam o local do evento: Praça Luana Muniz (antiga praça João Pessoa). Além disso, fizeram também a mudança no Google Maps, literalmente colocaram a Luana Muniz presente no mapa da Lapa. Paralelo a esse movimento, o grupo iniciou um diálogo com alguns parlamentares da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro para oficializar a modificação do nome da praça, porém há uma lei na cidade que proíbe a mudança da denominação de logradouros do Rio de Janeiro, cujo o nome esteja oficialmente reconhecido há mais de 20 anos. Além disso, foi sinalizado por alguns vereadores que provavelmente o prefeito em exercício na ocasião, o Bispo Marcelo Crivella, iria vetar o projeto de lei.

As tensões que o Sarau do Escritório causou ao disputar um outro imaginário de Lapa não seriam possíveis sem a mobilização de uma rede de parceiros e a presença assídua do público em cada edição do evento. Segundo o site do grupo, que no final de 2017 se formaliza como organização sem fins lucrativos, deixando de se intitular como Coletivo



Peneira, e passando a se chamar somente Peneira<sup>46</sup>, o Sarau do Escritório recebeu cerca de 30 mil espectadores e 1300 artistas em sua programação durante esses anos de atuação. Tal mobilização foi fundamental quando realizaram uma manifestação contra a retirada dos bancos que compunham o mobiliário da praça onde ocorre o evento.

No último dia 6, por volta das 7h30, a Prefeitura do Rio de Janeiro deu início às obras de retirada dos quatro bancos que faziam parte do mobiliário urbano da Praça João Pessoa, na Lapa, região central da cidade. A ação foi solicitada pelo Movimento de Síndicos, Comerciantes e Moradores da Avenida Gomes Freire, Praça João Pessoa e Adjacências, que recolheu mil assinaturas, alegando que o banco estaria acumulando pessoas em situação de rua, o que tornaria o local perigoso.

Apesar de ter sido solicitada pelos moradores, essa não foi uma atitude isolada das políticas públicas para o bairro mais boêmio do município. Podemos lembrar, sem muito esforço, do aterramento do Anfiteatro da Praça dos Arcos, das obras em torno dos bares SoKana, Leviano e Sarau Rio (que hoje ocupam as calçadas com mesas e utilizam uma grade para delimitar o espaço que seria comum) e da política absurdamente violenta e arbitrária do Lapa Presente, que contribuiu para o esvaziamento da Escadaria Selarón, hoje cercada por correntes. São ações mobilizadas pelo discurso da violência e do abandono do espaço. Aqui vale a lógica: pagar para sentar no espaço público pode. Sentar de graça não. [...] A Lapa há muito foi deixando de ser o antro da malandragem carioca, para se tornar o mercado que vende a imagem da malandragem carioca.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> A formalização como associação sem fins lucrativos pode ser lida como mais uma ação do grupo na busca contínua por permanecer atuante na cidade, mais uma tática de sobrevivência no campo cultural e atento ao tempo presente. Assim como foi a passagem de “companhia teatral” para “coletivo”.

<sup>47</sup> Texto postado nas redes sociais do Sarau do Escritório. Ver mais em <https://www.facebook.com/SaraudoEscritorio/photos/gm.1386441041674677/536500756489889/>. Acesso em 08/06/2022.



*Imagem 33: Arte de divulgação do ato contra a retirada dos bancos da praça. Fonte: Facebook (2021)*

As intervenções urbanísticas realizadas na praça são um retrato da persistência durante décadas de um urbanismo dedicado à especulação imobiliária e à segregação socioespacial na Lapa, como descrito no próprio texto do Sarau do Escritório. Os bancos que atraem pessoas em situação de rua não condizem com a Lapa do consumo. Retiram-se os bancos liberando o espaço para os bares disporem mesas e cadeiras. O imaginário de Lapa em que o Sarau do Escritório disputa não é de interesse, pelo menos por enquanto, para os que utilizam o discurso da malandragem carioca que foi apropriado na contemporaneidade pelo setor público e privado, onde tratam a Lapa como um produto, esgarçando seu imaginário em propagandas, logotipos, souvenirs e cartões postais. As ações do sarau ampliam a noção de Lapa, revelando outras narrativas, memórias subterrâneas a contrapelo da história oficial da cidade.

Percebe-se no conjunto experiências desenvolvidas neste espaço-laboratório, uma espécie de ritual atravessado por uma emergência que se coloca “sempre em um lugar de enfrentamento e afrontamento, de embates entre forças dominantes e forças dominadas” (CUNHA, 2009), mas também

em um estreito diálogo com o território, com as pessoas que cotidianamente constroem a região, com o público participante do sarau, podendo ser compreendido como um “efeito de deslocamentos, reposicionamentos ou inversões” (*ibidem*). Por ser uma intervenção cultural realizada no espaço público, as disputas e conflitos estão intensamente presentificadas, visto que a rua, sobretudo na Lapa, é um território nivelado por quem detém algum tipo de poder. Seja o dono do bar que desfila mesas e cadeiras pela praça, impedindo que pessoas que não estejam consumindo no estabelecimento permaneçam no local ou o agente do Lapa Presente que impõe o término do evento, mesmo que este esteja amparado na Lei do Artista de Rua, ou até mesmo um morador que reclama do “barulho” causado por quem recita poemas ao microfone.

Ao mesmo tempo, para além das disputas, há no Sarau do Escritório um gesto de retribuir para a Lapa o que a Lapa legou para a cidade. É notório o quanto esta região forjou uma série de movimentos e cenas culturais significativas para o Rio de Janeiro, vide a Batalha do Real com ações ligadas ao hip-hop<sup>48</sup> ou até mesmo a consolidação de uma cena musical<sup>49</sup>.

### 3.7 A COEXISTÊNCIA DE MÚLTIPLAS CAMADAS NA ENCRUZILHADA

Em agosto de 2017 o Sarau do Escritório realizou a edição Avenida Brasil, em referência à via expressa mais popular da cidade. Como de costume, nas redes sociais, os produtores-realizadores apresentaram a temática para o público com um texto que antecedeu as postagens sobre a programação da edição e outras informações relacionadas ao evento daquele mês.

Atenção, atenção! Vem aí mais um encontro da firma, e dessa vez tão quente como ônibus sem ar-condicionado em dias de verão. Com vocês, o Sarau do Escritório - Avenida Brasil  
Em 1906, o então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, ensaiou a primeira tentativa de construção de um

<sup>48</sup> Ver em “L.A.P.A.” filme de 2017 dirigido por Cavi Borges e Emílio Domingos (2007)..

<sup>49</sup> Ver mais em *Lapa, Cidade da Música*, de Micael Herschamann, Rio de Janeiro, editora Muad, 2007.

dos mais simbólicos logradouros da cidade, mas o projeto só saiu do papel no final da década de 1940, na Era Vargas. De lá pra cá muitas águas já rolaram - literalmente, basta um chuvisco para inundar boa parte de sua extensão - obras foram iniciadas, nem sempre finalizadas, mas continua sendo protagonista de um tantão de histórias do cotidiano fluminense.

Raro as pessoas que circulam pelo Rio e não tenham uma memória afetiva com a Avenida Brasil. Suas passarelas, no maior estilo balança mas não cai, as pichações, os informes religiosos da Vovó Cambinda, as horas dentro do busão, o congestionamento quase 24h por dia, as idas para o trabalho, a ousadia de gastar 14,00 no frescão só para tirar aquele cochilo salvador, o CEASA-RJ, um dos maiores entrepostos hortifrutigranjeiros da América Latina, as fábricas e motéis que se transformaram em pontos de referência, as lutas - AMARÉCOMPLEXO, os territórios que margeiam todo seu comprimento, enfim, no expresso ou parador, passar pela Avenida Brasil é sempre uma experiência!

Vem no fluxo! Quer se apresentar? Mande mensagem pra gente, ou chegue cedo para o palco aberto!

A experiência de passar pela Avenida Brasil era bem conhecida pelos integrantes da Peneira, inclusive em dias de Sarau do Escritório. Mesmo o trem sendo a melhor opção para quem mora na Zona Oeste da cidade ou na Baixada Fluminense, ao término do evento, a maioria dos componentes voltava para suas casas de ônibus, devido à circulação dos trens ser interrompida em torno das 23h.

A proposta de trazer a Avenida Brasil enquanto temática para a edição pode ser lida como mais uma configuração que, por meios de símbolos do cotidiano, desloca as margens para o centro da narrativa, uma operação constante no processo de construção do Sarau do Escritório. A Avenida Brasil, enquanto uma via que cruza a cidade, conectando o subúrbio à região central, é também uma das protagonistas das modificações políticas, arquitetônicas e culturais na história do Rio de Janeiro.

Na encruzilhada da Lapa, esses múltiplos atravessamentos e fluxos de temporalidades, espaços, narrativas, linguagens artísticas, a conexão de pessoas de diferentes origens sem hierarquias pré-estabelecidas, guarda relação com a noção de *porosidade* apontada pelo pesquisador Bruno de Carvalho. No livro *Cidade Porosa*, Carvalho analisa dois séculos

de história cultural do Rio de Janeiro, por uma outra ótica, aquela que está distante das histórias mais visíveis sobre a cidade. Com o foco de pesquisa na Cidade Nova, região próxima da Lapa, o autor ressalta o protagonismo de grupos marginalizados e a recorrência de mediadores culturais na vida do Rio de Janeiro.

Destaco dois pontos presentes na leitura de Bruno de Carvalho que podem colaborar para o nosso percurso de aproximação do Sarau do Escritório e suas experiências no bairro da Lapa. Ao lançar luz para a região da Cidade Nova, sob “um olhar microscópico”, Carvalho parte do palimpsesto enquanto metáfora para “dar ideia das complexas camadas que constituem as cidades contemporâneas” (CARVALHO, 2019 p.29). Deste modo, apesar das constantes reformas urbanísticas nos espaços urbanos, o passado das cidades se mantém no presente por intermédio de marcas e resquícios, uma capacidade dos espaços urbanos de “absorver elementos do passado em meios às transformações, pelos mecanismos de registro e pela memória involuntária que permeia as práticas e linguagens do cotidiano. (*Ibidem*, p.34).

O pesquisador Renato Cordeiro Gomes, no livro *Todas as Cidades, a Cidade*, também recorre à metáfora para pensar a cidade. Ao analisar a obra *Ein Blatt aus dem Städtebuh* (Uma folha do livro de registro das cidades) de Paul Klee, Cordeiro Gomes sugere que a tela do pintor alemão seria como um palimpsesto “com registros de outras cidades que, por superposições sucessivas, embaralham os sentidos, dificultando a decifração de sua escrita.” (GOMES, 2008, p.38). Deste modo, o pesquisador propõe a leitura de que há cidades dentro da própria cidade, ou “a cidade como um texto se concretiza com fragmentos de uma cidade (um texto infinito)” (*Ibidem*, p.39).

A partir dessas visões sobre a cidade, ao mirar para o Sarau do Escritório na Lapa, podemos observar as múltiplas camadas coexistentes na intervenção e que são manuseadas pelos artistas-produtores do evento reescrevendo a Lapa a cada edição. Assim sendo, ao ler a Lapa como um texto, percebo a presença das transformações urbanísticas do período Pereira Passos, as experiências narradas e as escritas culturais relacionadas à vida boêmia da região e seus cabarés, assim como as

disputas do tempo presente, as recentes reformas, os atravessamentos advindos de outras territorialidades e as experiências de vida das pessoas. como elementos que sobrepostos, colaboram para o desenvolvimento do evento constituindo a prática do Sarau do Escritório.

Retornando ao livro de Bruno Carvalho, como dito, o autor volta sua atenção para a Cidade Nova. Entretanto, poderíamos aqui especular uma mudança de área, de Cidade Nova para a Lapa, que certamente o bairro iria amparar parte dos apontamentos realizados pelo pesquisador, sobretudo relacionado à ideia central da importância do território para a história cultural brasileira. Porém, diferente do estudo de caso de Carvalho, a Lapa, também enquanto uma territorialidade porosa, mesmo diante de múltiplos obstáculos, se apresenta na contemporaneidade como um lugar ativo na construção da história cultural da cidade, e considero o Sarau do Escritório, salvo os seus limites e proporções, uma ação que contribui para essa escrita.

Compreendo como porosas as próprias relações ambivalentes estabelecidas na construção do Sarau do Escritório na Lapa, “cheias de passagens, interpenetrações, limites movediços, resíduos e prelúdios” (CARVALHO, 2019, p.39). É o caso, por exemplo, da saída de parte dos integrantes do grupo no decorrer do processo de realização do evento. Ao mesmo tempo que há construções para mobilizar mais pessoas, estreitar o diálogo com os moradores do território e aproximar os participantes que compõem as encenações na encruzilhada, de certo modo, a composição do grupo não consegue se manter intacta durante a sua trajetória. A busca por uma sobrevivência financeira, questão que a ação até hoje não conseguiu resolver, é um possível motivo para que isso ocorra. É o que também acontece quando os artistas, que antes aceitavam participar da programação do Sarau sem receber cachê, e, em um certo período do percurso do evento, começam a solicitar algum tipo de ajuda de custo para viabilizar a sua presença.

Como resposta a parte deste revés financeiro, os produtores-realizadores do Escritório iniciaram uma mudança de narrativa do evento, uma espécie de reposicionamento de tática de atuação. Visando acessar recursos de editais de fomento às produções artísticas, públicos e privados,

as propostas desenvolvidas para disputar essas seleções apresentavam o Sarau do Escritório como um espetáculo de teatro ou de variedades, no sentido de que não havia linhas nos editais que contemplassem a categoria sarau com os recursos necessários para manter a estrutura e equipe do evento. Logo, ao se camuflar de peça de teatro, teoricamente, seria mais factível adquirir recursos para manter a ação na encruzilhada. Por outro lado, este giro de narrativa era possível na visão dos próprios realizadores do evento, que enxergavam a ação como uma grande encenação em espaço público. Porém, os avaliadores dos editais vinham a ação apenas como mais um sarau.

Mesmo que a gente tente apontar para o caráter artístico do evento, voltando nossa atenção para uma pesquisa de combinação de linguagens, operação da memória local e mais a criação de uma série de dispositivos que fizessem do Sarau do Escritório um acontecimento e uma experiência única a cada edição, ainda somos interpretados como um sarau em que a estrutura é apenas a leitura de poesias. Mas temos cenografia, exposição, projeção, figurino, roteiro, iluminação. É sarau, mas também é um espetáculo. Tem também esse limite da arte da rua e da arte da caixa preta, o que está na rua recorrentemente é visto como menos complexo .  
(BITTENCOURT, entrevista, 2021)

Apesar de que, essa visão do sarau como um espetáculo, mesmo que compartilhada com a maioria dos integrantes da Peneira, não era um consenso. Alex, na última edição do Sarau do Escritório, ocorrida em 2021 no Morro da Babilônia, por meio do convite feito pela Festa Literária das Periferias (FLUP), em ocasião das comemorações dos seus 10 anos de existência, comunicou a sua saída da Peneira, e por consequência do Sarau do Escritório, alegando que necessitava construir projetos no campo do teatro, e que o sarau não fazia mais sentido para ele. Deste modo, as fronteiras existentes entre as linguagens, lidas criticamente durante o desenvolvimento da atuação do grupo, tornando-se uma característica da Peneira, no sentido de focar em ações que pudessem diluir os limites entre as linguagens, desta vez são postas como um ponto indesejável por um integrante do grupo, ocasionando a sua saída. Desde modo é perceptível

dinâmicas e rearranjos de interesse que se refletem na constituição do coletivo.

O próprio limite entre o individual e o coletivo é posto também como uma das ambivalências presentes no Sarau do Escritório. Apesar de se propor a uma construção participativa e coletiva, parte considerável de atores externos a Peneira, identificam e colaboram para a construção de uma imagem que centraliza a realização do evento nas figuras dos MC's, como uma hierarquização das atuações no coletivo. Potencializando narrativas como: “acho que o Luiz e Alex, os *'front mans'* fazem toda a diferença e dão um acabamento de entretenimento de primeira linha pro evento.” (BUSTAMANTE, entrevista, 2021).

Em contraposição de apontamentos que percebem e creditam a construção coletiva na realização do Sarau do Escritório, acaba por homogeneizar a diversidade de integrantes que trazem diferentes tons e nuances para a ação. A leitura do Sarau do Escritório como um coletivo e não como uma dupla que conduz um show de diversidades, traduz-se na diferença orçamentária e nas propostas de realização do evento em outras territorialidades que não a Praça Luana Muniz. Por diferentes vezes, o Escritório foi convidado para realizar edições itinerantes com propostas de cachês cobrindo apenas a dupla de MC's.

O complexo arranjo entre construção coletiva, elaboração de estratégias de financiamento e compromissos assumidos na transformação de coletivo para associação cultural, somando-se a atmosfera política da cidade, são fatores que identifico como cruciais para compreender a intermitência nas edições na praça. Apesar do Sarau do Escritório ter uma estreita relação com a territorialidade da Lapa, com seus moradores e frequentadores, a ação que é construída a partir da participação desses atores, ao longo dos anos não encontrou no ecossistema local um suporte e engajamento, como apoios, patrocínios e participação de moradores, no sentido de contribuir para a continuidade do evento a longo prazo. Assim sendo, a atividade artística cultural do Sarau do Escritório que ao mesmo tempo faz uma operação de deslocar as margens para o centro, é comprimida entre as bordas do fazer artístico cultural já estabelecidos e outros jogos e arranjos propostos pela ação coletiva na cidade.



## 4. EXPERIMENTAÇÃO 1

Procurando ser notório  
Atravesso o território  
Desse Rio tão inglório  
E apresento o meu repertório  
No Sarau do Escritório  
E por favor, não minta  
A tristeza, não sinta  
Ouvindo poesia distinta  
Na Lapa, nesta quinta  
E por tudo que falares  
E tua mente imaginares  
Vai ouvir com seus pares  
E espalhar aos milhares  
Na rua, nos lares  
Poemas do Poeta de Antares

KZK

Melhor do que clássico carioca, mais emocionante do que Copa do Mundo, concentra mais pessoas do que o Engenhão, comes e bebes mais baratos do que no Maracanã, apresentadores mais chatos do que o Galvão Bueno, não cobra ingresso, mas aceita contribuição no chapéu e ainda por cima tem palco aberto. (Chamada para a edição de junho de 2016 do Sarau do Escritório)

### 4.1 O DISPOSITIVO PALCO ABERTO

De onde você vem? Foi a pergunta feita pelos realizadores do Sarau do Escritório ao público e artistas que chegavam na praça João Pessoa, na Lapa, para a edição “Ói, ói o trem!” do evento. A frase compunha uma ação interativa em formato de um painel que referenciava o mapa ferroviário da região metropolitana do Rio de Janeiro, no qual as pessoas eram convidadas a escrever o nome do território de onde vinham.



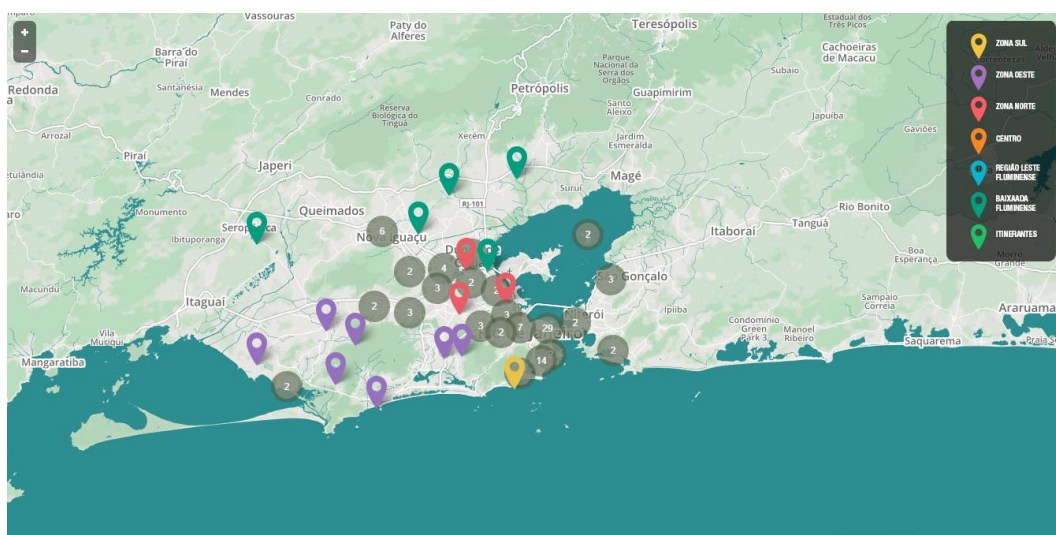
Imagem 34: Mapa “De onde você vem?” Fonte: Autor (2022)

Na sua décima sétima edição, o sarau propôs a possibilidade de que todos pudessem se ver no mapa, costurando uma cidade que muitos ainda insistem na legitimação da ideia de que ela é partida. Aglutinar pessoas de diferentes localidades, em uma quinta-feira à noite, em praça pública, no bairro da Lapa, região central do Rio de Janeiro, era uma missão a ser cumprida a cada edição do evento.

O Sarau do Escritório é uma intervenção performática que surgiu no bojo do crescente investimento nas políticas culturais durante o governo Lula. O período progressista foi fundamental para forjar, em 2010, o grupo de jovens<sup>50</sup> que, três anos depois, produziria o lançamento do evento com intuito de reunir pessoas de diversas regiões fluminenses em torno da poesia e disputar o território e um novo imaginário cultural e artístico da região central do Rio.

<sup>50</sup> Visto que, cada um (Luiz Fernando Pinto, Karine Drumond, Michele Lima, Alex Teixeira e Tatiana Pereira), em sua trajetória pessoal, teve passagem anteriormente por projetos de organizações sociais, Pontos de Cultura e outros projetos beneficiados pela lei 13.018, que institui a Política Nacional de Cultura Viva. Para saber mais sobre a Política Nacional de Cultura Viva ver em <http://culturaviva.gov.br/sobre-a-lei-cultura-viva/>. Acesso em 11.12.2020.

Outra influência para o surgimento da intervenção, como dito anteriormente, foram as Jornadas de Junho 2013, manifestações populares ocorridas em várias cidades do Brasil para, inicialmente, contestar o aumento das tarifas de transporte público. Um dos resquícios dos protestos no Rio de Janeiro, sobretudo até o período das ocupações da cultura contra o golpe, que gerou o impeachment da presidenta Dilma, foi a grande quantidade de coletivos culturais que passaram a utilizar a rua como local de apresentações artísticas e políticas. Como exemplo, cito os dados revelados pelo mapeamento dos Saraus da Região Metropolitana do Rio de Janeiro<sup>51</sup>, lançado em 2015 pela Peneira (grupo que realiza o Sarau do Escritório<sup>52</sup>), uma pesquisa de diagnóstico que visou dimensionar, quantificar, e estreitar os laços entre as ações de diversos saraus da metrópole do Rio de Janeiro.



*Imagem 35:* Mapa dos saraus da região metropolitana do Rio de Janeiro.

*Fonte:* Google Imagens (2022)

Com o mapeamento dos saraus da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, foram gerados: um banco de dados com informações dos saraus existentes, um mapa com a localização dos saraus e alguns infográficos com análises sobre as produções desse movimento, diagnosticando que:

<sup>51</sup> Ver mais em [http://peneira.org/portfolio\\_main/mapeamento/](http://peneira.org/portfolio_main/mapeamento/). Acesso em 10.12.2020.

<sup>52</sup> Anteriormente intitulado de Coletivo Peneira, após a formalização em 2017, passou a ser uma organização do terceiro setor. Mais informações em [www.peneira.org](http://www.peneira.org). Acesso em 10.12.2020.

dos 133 saraus ativos, 100 surgiram após as Jornadas de Junho de 2013 e 41 possuem o espaço público como local central de atuação. Outros dados importantes mostram que 28 saraus acontecem na Zona Norte da cidade do Rio, 27 no Centro, 13 na Zona Oeste, 27 na Zona Sul e 21 na Baixada Fluminense. Os realizadores do Sarau do Escritório foram criando estratégias de desconstruir e reconstruir o evento ao longo das edições, visando outros modos de relação com o bairro da Lapa, com os artistas e os espectadores, elaborando novas narrativas de cidade e incorporando em sua dinâmica uma série de dispositivos.

Foi necessário desenvolver uma metodologia que garantisse a autonomia e espontaneidade do projeto. Desde a temática, passando pelo palco aberto, até o produtor convidado, são ao todo 12 dispositivos atuando conjuntamente para que cada edição do Sarau do Escritório seja uma experiência única.<sup>53</sup>

Diante da perspectiva de que o Sarau do Escritório elaborou diversas estratégias para expandir a experiência dos participantes no evento, alcançando singularidades em relação aos outros saraus que fazem parte da cena poética fluminense, reunindo pessoas de diferentes vivências e lugares, pretendemos a seguir realizar um exercício de reflexão sobre uma das práticas do Escritório e apontar uma leitura sobre o dispositivo “palco aberto”, presente desde a primeira edição do sarau, que abre caminho para a performatividade de artistas que não fazem parte do sistema de legitimação da arte, mas que tecem uma trama constituída por outras vozes que encurtam as distâncias entre o espectador e a obra, que não é só a poesia recitada, mas também texto, corpo, presença, voz, vivência, memória, ação política, percurso na cidade e tomada de consciência.

Tal trama contribui para a constituição de um espaço laboratório que possibilita a outros realizadores replicar essas formas de fazer em sua realidade cotidiana. Ao centrarmos o nosso olhar para este dispositivo específico, destaco algumas questões que ajudarão a compor a escrita

---

<sup>53</sup> Texto publicado nas redes sociais do Sarau do Escritório. Ver mais em <https://www.facebook.com/SaraudoEscritorio/photos/gm.387197924799464/600544946752136/>. Acesso em 08/06/2022

deste trabalho. O que é o “palco aberto” e como ele se insere no Sarau do Escritório? Quem são os artistas que participam do dispositivo? Como esses artistas reivindicam a presentificação do seu corpo na cidade e como elaboram seu próprio arquivo? E por fim, que tipo de disputa o Sarau do Escritório provoca ao encorajar as pessoas a circularem pela cidade?

## 4.2 QUEM BATE CARTÃO TAMBÉM FAZ POESIA

A edição do Sarau do Escritório acontece de forma ritualizada:<sup>54</sup> há um processo anterior ao evento com a divulgação da temática; do homenageado do mês; do produtor convidado; a curadoria da programação, feita por meio de convites pontuais e uma seleção de artistas que entraram em contato por intermédio dos canais de comunicação do projeto com intuito de participar do evento; a reunião aberta, onde os realizadores do Escritório recebem sugestões e críticas do público em geral; o envio da circular, uma carta aos moradores do entorno da praça João Pessoa, comunicando a data da edição e informações básicas sobre o projeto; a limpeza da praça com água, sal grosso e cânticos de trabalho, através de uma performance-poética-funcional chamada “às águas vão rolar”, com intuito de rediscutir a questão da ocupação do espaço público, e a montagem do cenário, concebido de acordo com a temática de cada edição. O evento é iniciado com a música “Motoboy e Maria Clara”, do Tom Zé e a partir de então conduzido pelos mestres de cerimônia.

O primeiro anúncio, após as boas-vindas para os presentes, são as regras do palco aberto. Qualquer pessoa com desejo de apresentar qualquer tipo de intervenção artística pode colocar o nome na lista do palco aberto. Cada participante tem até cinco minutos para realizar a apresentação. Priscila Bittencourt, VJ que elabora durante o evento projeções visuais na fachada dos prédios localizados na praça em que ocorre o sarau, é uma das realizadoras do projeto e responsável por anotar

---

<sup>54</sup>Neste contexto, compreendemos “ritual” a partir do conceito de Schechner, no qual propõe uma ligação entre performance e ritualidade. O autor define ritual como “memórias em ação”, corporificada para além das lembranças, mas também presentes no corpo, nos símbolos, uma memória viva (SCHECHNER 2002, p.49).

o nome de cada interessado no dispositivo. Quando perguntada sobre como se dá a relação estabelecida entre o artista e o palco aberto, ela ressalta que,

Depende do artista, tem alguns que acham que é certo de chegar e se apresentar, seja por conhecer alguém da equipe do Sarau, sobretudo os MC'S, ou porque acha que é só uma apresentação curta que facilmente é encaixada na programação. O palco aberto é um espaço de tensão, entre aqueles que disputam um espaço para se apresentar e aqueles que acham que já tem todas as portas abertas. Por isso, sempre que administrei o palco aberto fiz lista por ordem de chegada, expliquei os critérios, e quando tem a possibilidade de não dar tempo de apresentar eu já aviso. Esse ritual chega a ser burocrático e repetitivo. No entanto, é uma forma de evitar que uns tenham mais espaço que outros. (BITTENCOURT, Priscila, 2020, entrevista)

A execução do ritual do palco aberto faz parte de um procedimento que é fruto de um processo de compreensão sobre o formato do evento sarau, e que a partir de uma apropriação - pois poderiam nomear o evento de outra, como fez por exemplo o CEP 20.000 -, os realizadores do Escritório propõem um conjunto de elementos que rompem com a perspectiva tradicional do formato, e também promovem um deslocamento que particulariza a ação perante outros saraus que ocorrem na cidade. Assim como os dispositivos, essa estratégia está alinhada à ação de desconstruir e reconstruir o evento, visto que o que sobra da ação de desconstrução da ideia de sarau, tanto da perspectiva tradicional como da contemporânea, em um sentido da ruína benjaminiana, é altamente significativo. É deste resíduo que o Sarau do Escritório elabora uma outra forma de se fazer sarau. É um abrir caminhos, criar espaços como aponta Walter Benjamin na reflexão sobre o *caráter destrutivo*, que

nem sempre [é] com força brutal, às vezes, com força refinada. Como vê caminhos por toda a parte, ele próprio [no nosso caso o sarau] se encontra sempre numa encruzilhada. Nenhum momento pode saber o que trará o próximo. Transforma o existente em ruínas, não pelas ruínas em si, mas pelo caminho que passa através delas” (BENJAMIN, 1986, p.188).

A experiência que se dá no momento presente do Sarau do Escritório é uma encruzilhada atravessada por fluxos de disputas de

narrativas, de imaginários e de cidade, tensionada tanto pelo local em que o evento ocorre, onde a repressão da guarda municipal e da polícia militar é constante, devido à extensa burocracia por causa da emissão de alvarás para realizar o evento, que muitas vezes é dificultado pelos órgãos públicos municipais e estaduais, assim como a não compreensão do agente de “segurança” sobre o que está ocorrendo naquele momento na praça, e também pela mediação entre o evento e os artistas, o evento e os bares do entorno, o evento e os moradores. Mesmo priorizando um diálogo horizontal com o ecossistema que compreende o Sarau do Escritório, a todo momento os realizadores do evento se veem em um lugar fora da zona de conforto, uma espécie de suspensão, em iminente conflito onde a qualquer instante tudo pode sair do controle. Portanto, justifica pensarmos o Sarau do Escritório enquanto um laboratório, justamente como uma estratégia de elaborar, ensaiar forças refinadas, como aponta Walter Benjamin, para intervir, esteticamente e politicamente, no território.

Destaco para este capítulo três artistas que participaram ativamente do palco aberto do Sarau do Escritório e que nos ajudam a fazer uma leitura de como o dispositivo possibilita um entrelaçamento de outras vozes, lugares e presenças. *Dona Nazareth*, 74 anos, moradora da Rua do Resende, na Lapa. Chegou em uma das edições com um pequeno recorte de jornal que anunciava a realização do evento perguntando se era ali que acontecia o Sarau do Escritório. Se inscreveu na lista do palco aberto e ao microfone, antes de recitar seu o poema, disse que havia mais de cinquenta anos que não recitava em público, e como sofria de Mal de Alzheimer, só conseguiu decorar um poema de autoria própria para apresentar naquela noite.





*Imagem 36: Dona Nazareth Fonte: Autor (2022)*

A edição homenageava Sérgio Luiz Santos das Dores<sup>55</sup>, 62 anos, popularmente conhecido como Presidente, aposentado, uma figura extremamente presente nas manifestações populares do centro do Rio. Sérgio residia nas ruas da Cinelândia, segundo ele por uma escolha de vida. Faleceu em dezembro de 2015, um ano após ser homenageado no Sarau do Escritório. Sérgio foi a primeira pessoa em situação de rua a ser velada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Com uma temática que invocava a liberdade aos 23 ativistas presos na véspera da final da Copa do Mundo de 2014<sup>56</sup>, o sarau contou com uma programação diversa, com lançamento do número três da Revista Acre, o livro *Despoesia e outros textos pós-poéticos*, de Rômulo Ferreira, apresentações de poetas, grupos de rap, teatro e performance. O poema de Dona Nazareth descrevia as brincadeiras de infância nas ruas da Lapa durante os anos de 1940. Enquanto a equipe de fotografia do Sarau do Escritório registrava aquele instante em que Dona Nazareth, iluminada pelos refletores da estrutura do evento, performava para um público atento na dispersão ruidosa da Lapa, se estabelecia naquele espaço uma relação

<sup>55</sup> Mais informações em <https://extra.globo.com/mulher/um-dedo-de-prosa/morre-presidente-um-homem-que-escolheu-lutar-18306473.html> acesso em 11.12.2020

<sup>56</sup> Sobre os 23 presos políticos ver mais em [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/20/politica/1405810378\\_758119.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/20/politica/1405810378_758119.html). Acesso em 10.12.2020



que transformava a pessoa comum de Dona Nazareth, para a categoria Dona Nazareth artista. Entre aplausos, contou de maneira breve sobre os seus escritos e agradeceu pela oportunidade. Tal agradecimento é uma fala constante dos artistas que passam pelo “palco” e microfone do Sarau do Escritório, devido à escassez de espaços artísticos com abertura para atores que não são reconhecidos pelo sistema de legitimação da arte, sobretudo aqueles oriundos de comunidades populares mais afastadas da região central da cidade.

Em entrevista para a constituição dessa pesquisa, Jon Thomaz, integrante da equipe de realizadores do Sarau do Escritório, responsável pela parte de iluminação do evento, aponta que:

O que me chama mais atenção no evento era a diversidade de público que abrangia, de pessoas que passavam pra curtir o evento e/ou se apresentar. O palco aberto era uma verdadeira surpresa, vi muita gente boa se apresentando ali. Vi pessoas em situação de rua que só queriam pegar o microfone e desabafar ou compartilhar sua subjetividade. Anônimos que eram visibilizados e ao fim aplaudidos. (THOMAZ, Jon, entrevista, 2021)

A atuação de Jon Thomaz contribui para a transformação da encruzilhada em palco e literalmente dá luz para que pessoas anônimas como Dona Nazareth possam assumir o lugar de protagonismo da ação performática realizada pelo Sarau do Escritório. Quando perguntado sobre a importância da iluminação para o sarau, Jon aponta que

Creio que a iluminação tinha um papel fundamental de atrair as pessoas, um chamariz, como também foi projeção depois de um tempo. As pessoas viam de longe que algo estava acontecendo e se aproximavam, curiosas e perguntavam: “O que tá acontecendo aqui?”. Por outro lado, muitos dos que participavam como artistas nunca tinham estado num palco com iluminação, muitos nem sonhavam em estar num palco, como era o caso daqueles que se apresentaram no palco aberto, e sentiam-se valorizados. Cheguei a ouvir de um senhor que recitou uma poesia durante o palco aberto que foi a primeira vez em que se sentiu um artista. Fiquei feliz porque a beleza e importância da luz, da iluminação, vem quando há algo ou alguém para se iluminar. (*ibidem*)

O segundo exemplo é *Jonas Oliveira*, mototaxista no bairro da Rocinha, estava passando pela Lapa durante o período de trabalho e quando avistou a aglomeração parou para ver o que era. Fez a sua inscrição no palco aberto e apresentou uma performance que misturava o cotidiano da Rocinha com a peça *Hamlet*, de William Shakespeare.



*Imagem 37: Jonas Oliveira Fonte: Autor (2022)*

Quando os realizadores do Sarau do Escritório propõem uma intervenção que questiona sobre o local de onde as pessoas vêm, é a partir de uma noção da importância de um espaço que pode aglutinar corpos com diversas experiências territoriais. Esse cruzamento de lugares no sarau torna-se potente no sentido de possíveis conexões que movimentam outros espaços, tecendo uma rede que sustenta os acontecimentos artísticos e políticos, fortalecendo a continuidade dessas intervenções. Em uma cidade que, segundo o Observatório das Metrópoles<sup>57</sup>, possui um dos piores sistemas de transporte público do mundo, o ato de circular, para além do deslocamento casa/trabalho, torna-se uma ação política de disputa pelo direito à cidade.

---

<sup>57</sup> Mais informações em <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/por-que-o-rio-tem-o-pior-sistema-de-transporte/>. Acessado em 10.12.2020

A presença de Jonas Oliveira no Sarau do Escritório é a justificação da máxima que o evento utiliza desde sua primeira edição, pois *quem bate cartão também faz poesia*.<sup>58</sup> Rancière, no livro *A partilha do sensível*, sinaliza que a dimensão política da arte está em desorganizar uma determinada *partilha do sensível* (o recorte do comum da comunidade) previamente dada. Assim, quando Jonas, um mototáxi que, a princípio, não teria tempo, educação, interesse em participar de um movimento de poesia, não somente assiste como também *faz poesia*, ele está desorganizando uma determinada partilha do sensível que estabelece por exemplo que deveria trabalhar e voltar para casa para descansar para o dia seguinte.

Por fim, apresentamos *KZK, o poeta de Antares*, auxiliar de serviços gerais e agente comunitário de Santa Cruz, atuou no Programa Guardiões do Rio, da prefeitura municipal do Rio de Janeiro<sup>59</sup>, se descobriu poeta aos 51 anos quando participou pela primeira vez do Sarau Marginow, que ocorreu em janeiro de 2015, na localidade chamada Larginho do Terreirão, em Antares. Período este em que retomou os estudos no ensino fundamental na Escola Municipal Aldebarã, na Zona Oeste do Rio. Antares, território que KZK carrega no nome, surgiu na década de 1960 a partir do processo de remoção da favela da Catacumba, que ficava à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do Rio de Janeiro. A comunidade faz parte do conjunto de favelas do bairro de Santa Cruz, ao lado de conjuntos habitacionais como Pistóia, Otacílio Camará (Cesarão), Olímpio dos Santos (Urucânia), Boa Esperança, João XXIII, Rolla, Guandu, Miécimo da Silva, São Fernando, Rio Grande, Novo Mundo e Alvorada. O professor Ricardo Pereira Lira, em palestra proferida no Fórum Permanente de Direito das Cidades da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, menciona que durante as remoções da Catacumba

---

<sup>58</sup> A frase, cunhada por Luiz Fernando Pinto, está presente em todos os materiais de divulgação do evento. Foi utilizada também por Silvana Bahia na dissertação de mestrado “Quem bate cartão também faz poesia”: o sarau do escritório, as disputas e os encontros nas esquinas da Lapa”.

<sup>59</sup> O programa foi criado em 2001 por Eduardo Paes, então secretário municipal de Meio Ambiente. Mais informações em <http://www.pcrj.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4113492>. Acessado em 10.12.2020

As famílias dos favelados se dividiram. As mulheres, com suas filhas, foram removidas para muito longe, para Antares e Santa Cruz. Os chefes de casal, operários que eram, ficaram nos canteiros de obra, onde trabalhavam, nos bairros de Ipanema e Leblon. Isso debilitou os orçamentos das pobres famílias, sendo que para a recuperação financeira do grupo, as meninas de 10, 11 e 12 anos de idade tiveram de prostituir-se. (LIRA, 2017, p.1389)

Com a presença dessas marcas na memória que o poeta KZK elaborou o que chamou de “Fantástica Fábrica de Criação”, uma constelação de personagens invocada no seu corpo e na construção de textos que abordam temáticas do cotidiano de Antares, nela saltam rimas que narram sobre saudade, violência contra mulher, sonhos, brincadeira de criança, trajetos na cidade, transporte público, violência policial, futebol, política partidária, dentre outros elementos ordinários capturados pelo artista.



Imagem 38: KZK de Antares Fonte: Autor (2022)

Quando se apresentou no palco aberto do Sarau do Escritório, KZK iniciava sua curta, porém intensa trajetória nos saraus do Rio de Janeiro. Com uma característica inventiva e lançando mão do humor, levou Antares para vários territórios através de suas apresentações. Fez parte da programação de edição do CEP 20.000, do Poesia de Esquina, Ocupação do Escritório no Castelhinho do Flamengo, Sarau do Velho, Ratos di Versos e frequentemente era visto no Sarau Tá no Ponto, realizado por Jessé Andarilho, em Madureira. Seus textos apresentam outras formas de ler o Rio de Janeiro, como aponta o poema *UPP*.

Um verdadeiro vexame, se tiver em perigo, a polícia não chame, exército na favela que se dane, e a fronteira, cercada de arame, o que passa vem em enxame, Brasil deixe o ou ame, ah e pede pra sair Beltrame.

E pra que UPP? se o médico não aparecer, numa consulta que não vai acontecer, numa data que ninguém vai saber, deixa pra lá, deixa morrer...

E pra que UPP? se na escola do saber, a criança passa sem querer, aprendendo ou não a ler, e o professor sem receber, nem quer aparecer.

E pra que UPP? se não tem emprego pra você, transporte nos enganam com o BRT, uma chuvinha o rio vai encher, deslizamento o barraco vai descer, doação, quem não precisa, vai receber...

E pra que UPP? se fez Amarildo desaparecer, fez virar traficante o bailarino DG, mata criança, faz família sofrer, altas patentes, corrupção no poder, a preço de banana, vai apodrecer, - Patricia Armiero, cadê?

Um Rio que turista não vê, propaganda enganando você...  
(SÉRGIO, KZK, 2015)<sup>60</sup>

KZK, o poeta de Antares, fazia uso de um procedimento bastante utilizado pelos artistas que participam do Sarau do Escritório, que é um exercício de arquivar a si mesmo. Com uma pequena máquina fotográfica, combinava com alguém do público ou outro artista que iria se apresentar no evento, para que registrasse o momento de sua performance. As imagens eram postadas nas redes sociais junto com as fotografias registradas pela equipe do evento. Nas mesmas redes sociais, KZK compartilhava os poemas que escrevia. Essa foi uma maneira que o poeta encontrou de guardar-se e ser lembrado na posteridade. Em uma outra perspectiva, o ato de constituir um arquivo se dá através do próprio ato da performance nos instantes em que se apresentou nos saraus.

Ao considerarmos, de acordo com Diana Taylor no livro *O arquivo e o repertório*, a performance como “um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento”, com foco na “cultura incorporada” que transmite “o conhecimento do movimento ritualizado e das práticas sociais cotidianas”, podemos dizer que a “Fantástica Fábrica

---

<sup>60</sup> Acervo do autor.

de Criação” do poeta constitui um repertório que expande a tentativa de guardar-se através de registros fotográficos e postagens na internet. Na performance ao vivo, diante de uma plateia heterogênea, que se modifica a cada apresentação, o repertório do artista, presente no corpo, na voz, na indumentária, nas vivências e marcas do cotidiano, transmite memória, experiência, conhecimento, e aquele momento presente da performance constitui-se como um arquivo que pode ser revisitado em um tempo outro. É justamente essa operação que a escrita desta pesquisa promove, realizando uma visita não só ao que foi registrado pelo poeta, em fotografias e postagens na internet, mas também da experiência que vivenciamos ao assistir às suas apresentações.

KZK faleceu em novembro de 2016, assim como Antares, que narrou em seus poemas, virou estrela. Escreveu a sua própria história na cena dos saraus em um país que comumente imprime práticas comuns dos colonizadores, como o apagamento da memória daqueles que não fazem parte da história hegemônica, a exclusão do diferente, a limitação da ocupação dos espaços para quem não domina as dinâmicas de linguagem estabelecidas, o não reconhecimento de práticas artísticas realizadas por atores negros e/ou periféricos, ou enquadrando-os em categorias subalternas como o amador, o folclórico, o popular.

Fizemos um percurso por meio de três exemplos de participantes do dispositivo Palco Aberto que objetivou dar luz a uma intervenção no espaço público em constante transformação que, de maneira complexa e ritualizada, se configura como uma prática que escreve de uma outra maneira o formato de sarau, a partir do encontro entre personagens de diversas localidades e experiências que, como disse Allan da Rosa, dão substância à poesia, rasurando o cotidiano, o ficcional, a linguagem através de suas performances, deslocamentos, vozes e vivências sem a necessidade de uma mediação.

O Sarau do Escritório, visto como um laboratório de experimentações culturais, apenas abre caminhos para que esses artistas ocupem o lugar que desejam. Ao transar o cultural e o político, a forma encontrada pelo Escritório tensiona a lógica do fazer artístico, reconhecendo a possibilidade do palco e do microfone serem utilizados por

qualquer indivíduo. Assim, cada performance realizada no palco aberto do Sarau do Escritório é um fragmento do grande arquivo que constitui uma outra perspectiva de cidade, aquela composta por histórias a contrapelo e por pessoas que batem cartão e também fazem poesia.

## 5. EXPERIMENTAÇÃO 2

Este capítulo surge como um exercício em busca de sistematizar reflexões sobre uma prática artístico-político-cultural realizada pelo Sarau do Escritório, iniciada em 2013, que propõe uma (re)interpretação de um espaço e um modo de operação das memórias locais por intermédio de ações desenvolvidas no que compreendemos como um espaço laboratório. Essas ações, são também ensaios contínuos no espaço público que revelam outros modos de fazer. Um exemplo é o dispositivo intitulado “Homenageado do mês”, composto por uma série de cartazes que estampam a face de pessoas/personagens anônimas da região central do Rio de Janeiro e entrevistas realizadas com cada um, somando a criação performática desses sujeitos à ação fabulatória por intermédio da operação de suas narrativas.

O Sarau do Escritório é uma intervenção ritualizada e continuada de experimentações performáticas em espaço público que desenvolveu variados dispositivos para criar possibilidades de atuação e experienciar um novo imaginário cultural da região central da capital fluminense. As edições do sarau, que acontecem no bairro da Lapa, buscam ser uma construção que combina linguagens artísticas com um roteiro pautado em temas da atualidade. O imaginário sobre a Lapa e seus personagens é considerado aqui como uma invenção difundida por escritores, cartunistas, jornalistas e compositores que frequentavam a região, sobretudo a partir das décadas de 1920 e 1930.

A Lapa, vista como um lugar místico, teve seus cabarés, malandros e a boemia retratados em diversas crônicas, músicas e poemas, como é o caso da *Antologia da Lapa*, organizada pelo jornalista e poeta Gasparino Damata, que reúne textos de autores como Luís Martins, Manuel Bandeira, Machado de Assis, João do Rio, Orestes Barbosa, Henrique Pongetti, Di

Cavalcanti, Eneida de Moraes, dentre outros. O discurso da *malandragem carioca*, do qual o poder público e empresários se apropriaram visando a construção de uma “Lapa do consumo”, é uma espécie de efeito do imaginário disseminado por esses intelectuais em suas obras.

Compreendemos o dispositivo “Homenageado do mês” do Sarau do Escritório como um processo de criação que resulta na possibilidade da construção de um antiarquivo sobre a Lapa. A região costuma ser considerada pela história oficial da cidade, sobretudo como um cartão postal composto pelas memórias de uma malandragem carioca e uma arquitetura de época que sobreviveu às constantes “revitalizações” que a localidade presenciou ao longo dos anos, excluindo um arcabouço constituído por *memórias marginais*<sup>61</sup> que apresentam um outro ideário sobre a Lapa.

Entende-se arquivo nesta pesquisa na perspectiva foucaultiana, como um sistema de regulação dos enunciados através do qual a cultura se pronuncia sobre determinado período. Foucault, em *A arqueologia do saber*, define que “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2008 p.147). Para o autor, a concepção moderna de arquivo dar-se-á não pelo entendimento de algo que está presente nas instituições responsáveis pela guarda de documentos, dados, objetos, mas sim por um dispositivo que ordena os enunciados. Assim, o arquivo pode ser entendido como um território de disputa, pois controlar o arquivo significa controlar a possibilidade de enunciação (CÂMARA, KLINGER, PEDROSA e WOLFF, 2018. p.22).

Portanto, um antiarquivo sobre a Lapa seria um processo de montagem de uma produção de enunciados visando a construção de um passado e não a sua conservação. Mas também, na perspectiva anacrônica de Didi-Huberman, permite um cruzamento de múltiplos tempos, facultando uma manipulação para percebermos o passado com o olhar do presente, assim como a elaboração de um futuro desejado. Por outro lado, a operação realizada pelo Sarau do Escritório reconhece a

---

<sup>61</sup> Memórias marginais ou subterrâneas, são aquelas não monumentalizadas e que geralmente são evocadas a partir de operações de grupos e/ou pessoas específicas.



memória da Lapa já identificada sem colocá-la em posição de superioridade, por isso não seria aqui uma proposta de contra-arquivo. Do mesmo modo, insere em lugar de igualdade as memórias marginais e invisibilizadas que são mapeadas por intermédio do dispositivo homenageado do mês. A combinação/subversão desses dois materiais, servem justamente de subsídio para as encenações artísticas na encruzilhada nas edições do evento.

O material com as memórias da Lapa, criado pelo Sarau do Escritório, a partir da instauração desse antiarquivo, tem a possibilidade de transitar por diversas temporalidades, pois além de se constituir no momento atual, é atravessado pelo passado e se fará presente no futuro, capaz de sofrer novas operações. Também é uma composição que contrapõe os enunciados estabelecidos por quem detém o poder do discurso no território manuseando as memórias a partir de sua espetacularização. Quando o Sarau do Escritório inicia sua trajetória na Lapa, em novembro de 2013, compartilha com o público e os moradores da região um interesse pela memória, ou seja, proposições performáticas no espaço público estruturadas tanto na memória de pessoas marginalizadas que constituem o cotidiano da Lapa, como na própria construção de memórias que disputam um outro imaginário sobre a região. Neste sentido, torna-se fundamental entendermos o modo como os realizadores do Sarau do Escritório se relacionam com as memórias do território e como os personagens excluídos pelo discurso hegemônico são inseridos na construção do que chamamos de um antiarquivo da Lapa.

A literatura teve um importante papel para a construção do imaginário de Lapa retratado hoje como cartão-postal da cidade. Luís Martins, um dos escritores de destaque da vida boêmio literária do bairro, que segundo ele “tinha o sabor de um Montmartre caboclo, mistura de Paris requintada e Bahia afro-luso-brasileira” (DAMATA, 2017, p.22), no livro *Noturno da Lapa*, destaca a fortuna literária criada pelo grupo de intelectuais frequentadores da noite lapeana, “nós escrevamos sobre ela artigos, crônicas e reportagens; criávamos assim a sua tradição, o seu mito e a sua lenda.” (MARTINS, 1979, p.154).

Já Gasparino Damata na crônica “A Lapa ficou na saudade”, texto que compõem a *Antologia da Lapa*, lamenta que “os que costumavam “fazer a Lapa” - escritores, artistas plásticos, cantores e compositores de cartaz, mulheres famosas, malandros e valentões - sumiram, foram pouco a pouco procurando novos ares.” (DAMATA, 2017, p.21). A hipótese desta reflexão, é que justamente nesse aparente sumiço, nessa possível brecha, que o Sarau do Escritório fez da encruzilhada um espaço laboratório, de inventividade, curadoria e diálogo com as múltiplas temporalidades presentes no bairro da Lapa. Podemos dizer que o sarau desceu as origens do estar junto, ocupando o espaço público num gesto de prevaecimento do imaterial ou a presença do invisível, a partir de uma ação performativa, de caráter lúdico-festivo, que além de deslocar as narrativas míticas presentes no território, opera no campo da fabulação permitindo o surgimento de novos arquivos.

Ao analisarmos o modo como o Sarau do Escritório se organiza no território, por intermédio das 35 edições ocorridas entre 2013 e 2019, podemos perceber que apesar de fazer uso desse imaginário lapeano consolidado nas narrativas da cidade, no qual o malandro, a boêmia desenfreada e a prostituição ganham protagonismo absoluto, como por exemplo a edição de setembro de 2016, intitulada “Foi num cabaré na Lapa”, em que o cenário e as vestes dos realizadores do evento estabeleciam uma visualidade referenciada em uma Lapa que está predominantemente presente nos textos dos “Doutores da Lapa”, como Drummond chamava os autores que compuseram a primeira edição da *Antologia*, ao mesmo tempo, a ação performática também promove um desvio de uso do estereótipo, uma sobreposição de camadas na encenação, uma espécie de montagem com múltiplas referências, em uma programação artística de cunho político, social e territorial, atenta às demandas urgentes do tempo presente, além de realizar procedimentos que realçam memórias rejeitadas pelo discurso hegemônico, operando um gesto que utiliza sobretudo da fabulação, expandindo a realidade e o imaginário local.

## 5.1 O DISPOSITIVO HOMENAGEADO DO MÊS

Vejamos por exemplo o dispositivo “homenageado do mês” que denota um caráter de processualidade, dilui os limites entre os corpos que compõem a estrutura de encenação do acontecimento no espaço público e manuseia as múltiplas narrativas presentes no evento, alterando a forma de se experienciar o território. Com uma dicção própria, podemos dizer que o Sarau do Escritório escreve, a partir de uma ação performática, não sobre a Lapa, mas com a Lapa, sem descartar a sua construção mítica mas inserindo no conjunto da intervenção falas de pessoas anônimas que elaboram cotidianamente o território. Colocando-se em uma zona de fronteira, articulando os diversos atravessamentos (estéticos, dos discursos, das disputas e dos imaginários), o Escritório assume o papel de curador, montando a cada edição a Lapa que será contada para a cidade durante a noite de quinta-feira na encruzilhada, entre bares, travestis, passantes e todos aqueles que encenam coletivamente o espetáculo do sarau.

O homenageado é sempre uma pessoa anônima que circula pelas ruas da região central do Rio, cuja história de vida é geralmente pouco conhecida. Após a identificação do personagem, o Sarau do Escritório realiza uma entrevista e um ensaio fotográfico com o celebrado ou a celebrada. Uma foto é escolhida para a confecção do cartaz que será afixado em pontos estratégicos da cidade. A entrevista serve de material para a construção do texto que revela a sua história. No dia do evento, é realizada uma ação performática protagonizada por esses sujeitos. De novembro de 2013 a agosto de 2019 foram 35 homenageados, logo, 35 cartazes e 35 histórias de vida que se relacionam com a região central do Rio de Janeiro.

Em uma quinta-feira do mês de novembro de 2013, às ruas do bairro da Lapa e do seu entorno amanheceram com os postes, muros e fachadas repletos de cartazes com a foto de Sérgio Contreiras, o primeiro homenageado do Sarau do Escritório. Ele revelou na sua entrevista ser mexicano de Cancun, local onde experimentou tequila aos 06 anos de idade. Morador da “Mansão dos Horrores”, o sobrado em cima do Bar da

Cachaça, vivia na Lapa há mais de 60 anos. Contreiras disse ter feito participações em filmes como *Noel - Poeta da Vila*, de Ricardo Van Steen, onde interpreta um garçom, e orgulhava-se da capacidade de fazer mais de quarenta vozes. Nos créditos do filme de Van Steen não há a presença do nome de Sérgio, assim como não consegui identificar nas imagens a sua participação. Da sua diversidade de vozes, durante o nosso convívio, só conheci uma. Quando aproximava a data do seu aniversário, passava o *golden book* pelo comércio da região da Lapa para arrecadar fundos para a festa de comemoração. Perdeu a visão do olho direito, segundo ele “por causa da poeira da Lapa”. No dia do sarau, após os apresentadores lerem o texto resultante da sua entrevista, Contreiras foi ao microfone e cantou “What a Wonderful World”, de Louis Armstrong e na sequência “New York, New York”, de Sinatra.



Imagem 39 e 40: Cartazes do Sarau do Escritório, colados na região da Lapa, com o retrato de Sérgio Contreiras. Fonte: Autor (2022)

O Sarau do Escritório não se detém na busca por uma verdade sobre a Lapa. As memórias sobre a região e a presença de uma narrativa fabulatória e fantástica, que está presente na entrevista de Sérgio Contreiras, são elementos que o Sarau do Escritório manuseia e destaca na produção dos textos de cada novo homenageado. É justamente o atravessamento entre ficção e realidade que enriquece a construção do

imaginário em torno desses personagens. Essa escolha está presente em outros projetos realizados pelo grupo no bairro da Lapa, como comenta Priscila Bittencourt sobre o *Fabulações do Território*<sup>62</sup>, processo executado pelo grupo Peneira entre 2018 e 2019:

[Os] participantes e moradores ao narrar sobre si e o território, fazem o exercício de ficcionar, revelando a história que querem contar, e inspirada em Jean Rouch, estávamos interessados no “*Faire comme si*”, nos nutrindo da multiplicidade de narrativas orais, textuais e imagéticas. (BITTENCOURT, 2020, p.13)

Esse imbricamento entre realidade e fabulação também está presente na construção da memória hegemônica que temos sobre a Lapa. O que seria do bairro e de Madame Satã sem as boas doses de ficção presentes na sua construção como um mito lapeano?

Nunca vi, na Lapa dos cabarés, dos bares, dos clubes carnavalescos, dos bambambãs e dos turunas, um assassinato, um assalto, uma briga - olhem, nem mesmo uma bofetada. Pois é, foi ali (ou não foi ali?), no Capela (ou não foi no Capela?), que Madame Satã (ou não foi Madame Satã?) matou (ou não matou?), com um soco só! (ou foi uma facada?), o grande GTP, o sambista Geraldo Pereira (“O escurinho era um escuro direitinho/ Agora está com a mania de brigão”)? Tudo é lenda. (FERNANDES, Millôr, 2007, p.14)

O Coletivo Peneira<sup>63</sup> se formou a partir da junção de pessoas de diferentes localidades da região metropolitana do Rio de Janeiro. Além da diversidade territorial, o campo de atuação de cada um era bastante múltiplo, com a presença de atores, educadores, jornalistas, produtores e uma designer<sup>64</sup>. Muitas vezes os integrantes exerciam outras funções dentro da dinâmica de criação do coletivo, o que influenciou na idealização do Sarau do Escritório. Nesse primeiro momento, o grupo lançou mão de dispositivos que permaneceram nas edições seguintes, o “Palco aberto” e

---

<sup>62</sup> Fabulações do Território é um processo artístico desenvolvido pela Peneira que propõe criações participativas em comunidades específicas a partir da memória.

<sup>63</sup> Em 2017, a partir de um processo de formalização, o coletivo passou a ser intitulado de Associação Cultural Peneira ou apenas Peneira.

<sup>64</sup> Durante os anos de atuação do Sarau do Escritório o caráter interdisciplinar e heterogêneo se consolidou como uma importante marca do projeto. Atualmente o grupo de realizadores é formado por artistas que atuam em diferentes campos da arte e da cultura.

o “Homenageado do mês”. A escolha por lançar o dispositivo com o Sérgio Contreiras foi principalmente pela relação afetiva que se estabeleceu meses antes quando o grupo começou a frequentar o Bar da Cachaça, tanto para lazer, como para reuniões de trabalho. Como o grupo não tinha sede, as mesas do bar transformaram-se em escritório, daí o nome do sarau. Karine Drumond, a designer que idealizou o cartaz e o logotipo do Sarau do Escritório, quando perguntada se destacaria algum homenageado específico dentre a série, diz:

[...] o cartaz do homenageado Sérgio, chamado carinhosamente de “Serjão” pelo grupo. Além de ter sido o primeiro, começo de toda a pesquisa, de ter me lançado na frustrante tentativa de ilustrá-lo. Ele foi uma inspiração, uma abertura ao mundo real, de personas reais do nosso cotidiano. E como frequentadora do bar da cachaça, na Lapa, na época pude conviver com essa figura e com vários outros “Sérgios”[...] (DRUMOND, Karine, 2020, entrevista)

O retorno do público ao dispositivo na primeira edição foi imediato, além das apropriações que as pessoas faziam nos cartazes colados pelas ruas - realizando intervenções com desenhos, escritos, colagens, etc. -, compartilhavam nas redes sociais memórias pessoais com os homenageados e perguntavam quem seria o próximo celebrado. As primeiras edições do Sarau do Escritório foram realizadas sem nenhum tipo de incentivo financeiro, o que influenciou na escolha do formato do cartaz. Segundo Karine Drumond,

O formato do cartaz surge da necessidade de um projeto gráfico viável economicamente, que fosse de simples manuseio para aplicação nas ruas e fácil confecção. O formato A3 facilitou desde a aquisição do papel (formato universal) até a impressão feita por Xerox. Para isso foram escolhidos papéis especiais, com cores especiais, que pudessem realçar o processo gráfico da Xerox. (DRUMOND, Karine, 2020, entrevista)

O baixo custo para a confecção dos cartazes possibilitou ao grupo realizar uma grande quantidade de cópias a cada edição, resultando na presença dos homenageados, por intermédio do cartaz, em lugares da cidade para além da Lapa. Havia cartazes em bairros como Gávea, Botafogo, Flamengo, Laranjeiras, Catete, Glória, Gamboa, Bairro de Fátima

e áreas da região do Centro e do Porto do Rio de Janeiro. A colagem, realizada pelos próprios artistas-produtores semanas antes da execução do sarau, se transformou em um dos principais meios de divulgação do evento. Nas redes sociais, além de anunciar a programação da edição, os realizadores divulgavam o texto resultado da entrevista realizada com o homenageado, a imagem do cartaz e uma foto do ensaio fotográfico.

O cartaz, o texto sobre a história de vida e a presença performada do “homenageado do mês” no dia da realização do sarau, compõem uma tríade indissociável que, com o decorrer dos meses, incentivava o público a contribuir com sugestões para possíveis celebrados. As sugestões eram acatadas ou não, após uma avaliação a partir dos critérios estabelecidos pelo grupo, como possuir relação com a região central do Rio, ser uma figura anônima no que se refere à história hegemônica da cidade e ter uma presença marcante no cotidiano do espaço público. A seguir, como forma de exemplificar a característica da narrativa proposta pelo Sarau do Escritório, destaco quatro homenageados<sup>65</sup>.

### **Seu Feliciano**

Senhoras e senhores, damas e cavalheiros, com vocês, Feliciano Teixeira Filho, o homenageado da edição “Hoje eu vou pagodear”, do Sarau do Escritório.

A história do Circo Voador se confunde com o processo de produção cultural independente no Rio de Janeiro.[...] O homenageado do mês de maio do Sarau do Escritório acompanhou de perto todo esse movimento, transformando-se em um dos personagens mais folclóricos do lugar.

Veio ao mundo no dia 12.04.1942, na cidade de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro, o nosso homenageado, Feliciano Teixeira Filho. Passou a infância na roça. Na escola era considerado um ótimo aluno. Quando completou 14 anos, a professora enviou um bilhete para os pais do menino, dizendo que na cidade não havia mais estudos pra ele, já tinha aprendido tudo que o colégio poderia oferecer, o melhor mesmo era mandar o jovem para capital e lá dar prosseguimento aos estudos. Como a família era bem pobre, não foi possível estudar na

---

<sup>65</sup> A decisão por citar os quatro textos produzidos a partir das entrevistas com os respectivos homenageados tem o propósito de imprimir a importância narrativa contida no material e o seu atravessamento temporal e especulativo.

cidade do Rio. Feliciano ganhou um facão, uma enxada e foi trabalhar na roça com o pai.

Casou-se ainda moço, aos 18 anos. Aos 30 tinha 4 filhos, o desejo de melhorar de vida bateu forte em Feliciano, foi aí que resolveu seguir para a capital. Antes de chegar na cidade do Rio, ficou um bocado de tempo em Cachoeira de Itapemirim, lá trabalhou em diversas empreiteiras como ajudante de obra. Ganhou experiência no ramo, e foi para o Rio de Janeiro a convite da construtora “Mendes Junior”, naquela época a cidade estava tomada de obras. Com bom salário, Feliciano começou a frequentar boates na cidade, sua preferida era a boate da Praça Mauá. Não economizava dinheiro, os encontros dos amigos eram regados a uísque Cavallo Branco, e tudo por sua conta.

Começou a beber mais do que ganhava de salário. Não conseguia ficar sem a branquinha, com o tempo passou a vender suas coisas para comprar bebida. Vendeu casa, carro, tudo. Viciado em álcool, perdeu o emprego e teve que morar de favor. Para ganhar um dinheirinho, vendia copo de água no Largo São Francisco. Num certo dia, passando pelo Campo de Santana, calibrado de cachaça, ouviu um pastor fazendo pregação. As palavras daquele homem mexeram com Feliciano, que resolveu que daquele dia em diante seguiria a palavra de Deus e largaria a birita.

As coisas começaram a mudar. Foi trabalhar na carroça de cachorro quente do King Kong, lá na Vila Mimosa. Labutava, mas não via cor do dinheiro. Foi na VM que o bandido Olho de Boi fez uma proposta para Feliciano, perguntou se ele queria atuar no ramo de venda de amendoim torrado. Em troca do trabalho, Feliciano teria um quartinho pra dormir e comida para se manter de pé. Aceitou a proposta, largou a carroça de hot-dog e foi com tudo vender a iguaria. Em pouco tempo aprendeu a manha e passou a comercializar seu próprio amendoim. A primeira aquisição com a venda dos amendoins foi a compra de um pedaço de chão na Central do Brasil por 25 contos. “O terreno era miúdo, só cabia o meu colchão. Quando chovia? Deus me livre. Era puxado, ô vida miserável!”, conta Feliciano.

Em 1982, quando a lona do Circo Voador aportou pela primeira vez na Lapa, Feliciano estava lá, vestido de terno preto e lata de amendoim em mãos. Do lado de fora observava toda aquela agitação, foi então que um cara o chamou na grade do Circo, comprou dois pacotes de amendoim e perguntou se ele estava afim de vender seu produto lá dentro. O cara era Perfeito Fortuna, um dos fundadores do Circo. Com a chancela, Feliciano não titubeou, passou a frequentar todos os shows que rolavam, se tornando um patrimônio vivo do Circo Voador. “Aqui é minha casa, só deixei de vender amendoim no Circo quando ele foi interditado pelo Cesar Maia, aí tive que aprender a vender no sinal. Mesmo assim ainda vinha pra cá assistir os ensaios de teatro, dava muitas risadas. Vi “Preta de Graxa”, “Noé”, o Lencinho sempre lá no meio,



era um menino, tenho ele como filho!”. Relembra o fechamento do Circo no ano de 1996, onde o então prefeito Cesar Maia quebrou a firma e interrompeu todas as atividades que aconteciam no local. E para ficar pior, o seu sucessor, Luiz Paulo Conde removeu definitivamente toda a estrutura. O Circo só retornaria em 2004, por intervenção judicial.

Hoje Feliciano continua vendendo seu amendoim, e o seu maior propósito é ajudar o próximo. Construiu um dormitório para 100 pessoas na praça XI, onde recebe cidadãos em situação de rua, dedica o dinheiro da venda dos amendoins para os mais necessitados. Mostra as pessoas que é possível ter uma vida melhor. Seu maior sonho é construir no centro do Rio um lugar que possa receber ainda mais pessoas.

Batizado nas águas do Rio Guandu, em Piabetá, Feliciano Teixeira Filho, 74 anos, é pastor, bacharel em teologia, capelão, garçom formado, vendedor de amendoim oficial do Circo Voador, futuro candidato a vereança da cidade do Rio de Janeiro e agora homenageado do mês de maio do Sarau do Escritório! [...]

## Dilminha

Primeiramente, fora Temer!

Na terceira edição do Arraiá do Sarau do Escritório, a firma homenageia nada mais, nada menos, do que uma das figuras mais folclóricas das lutas populares.

Nascida no bairro de São João, na cidade de Porto Alegre, em 1955, ano em que Juscelino Kubitschec foi eleito presidente do Brasil. Waleska Adami, mais conhecida como Dilminha, entra para a galeria dos homenageados do Sarau do Escritório ao lado de personagens icônicos como; Luana Muniz, a Rainha da Lapa, Carlos Evaney, o Roberto Carlos cover e a Mulher Bambu.

Dilminha inicia a entrevista lembrando tempos de menina, onde aos 9 anos, em plena ditadura militar, seu cunhado guardou em sua casa livros de autores como Marx, Lenin e Trótski. “Eu mexia, mas sabia que não podia. Me lembro direitinho, isso me marcou muito! Em 1964, vi pela janela da minha irmã, Jango e Brizola indo pro exílio.” Filha de mãe italiana e pai português, estudou no colégio de freiras franciscanas. Naquele tempo ainda não possuía a alcunha de Dilminha, porém já se fazia conhecida pelas estudantes do colégio e populares do bairro devido às campanhas das freiras direcionadas para os pobres da região. Apesar da linha conservadora da igreja católica, o colégio possuía um seguimento mais progressista, voltado para a teoria da libertação. Tanto que em 1970, o colégio começou a atender moças e rapazes. Na ocasião, Waleska fazia parte do coral “Canarinhos do Colégio”, e se destacava como mezzo contralto. Chegou a gravar um LP fazendo solo na música “Índia seus cabelos”, clássico de

José Fortuna. “Foi no coral que comecei a me projetar na cultura, fiz parte do grupo de canto do Centro Cultural 25 de Julho. Realizei apresentações na Europa, passei por seis países”. Conta Dilminha após dar uma palinha de “Se acaso você chegasse”, de Lupicínio Rodrigues.

Em 1976, trabalhou no Instituto de Tradições do Folclore, onde teve um contato maior com a cultura gaúcha. Como diz, foi “educadora jardineira” (professora de educação infantil), cursou oficinas de arte no centro municipal de cultura, fez cursos de história, dentre tantos outros.

Morava perto de Elis Regina, foi amiga de Kleiton e Kledir, do Fogaça, dos Almôndegas, e participou da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, Waleska se tornava cada vez mais conhecida no estado.

Em 1980, se juntou com o companheiro Ricardo, com quem ficou sete anos. Já em 1981, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores, influenciada por Olivio Dutra, vizinho e admirador. Conheceu Dilma assim que ela saiu do PDT e foi fazer parte do PT, onde em seguida se candidatou a vereadora.

Largou o coral pois as reuniões e demandas no partido aumentavam cada vez mais. Em 1999, veio para o Rio de Janeiro participar de uma experiência sobre pessoas em situação de rua. Trabalho que já tinha iniciado em Porto Alegre. “Minha irmã já morava aqui no Rio de Janeiro, eu não queria vir pra cá, mas essa era a minha missão. Sempre acompanhei a conjuntura do Rio, já sabia quem era o Garotinho, dentre outros sacanas. Em 2009, armaram para mim, tive que ir pra rua dar prosseguimento à missão. Fiquei dois anos morando em *hostel* de Ipanema e Copacabana, fiz contatos internacionais. Sofri muita perseguição por causa desse meu trabalho. Depois fui cair na Lapa, com bandeira lilás, em prol da luta das mulheres. Quando caminhei pela Mem de Sá, todo mundo ficou olhando. Ali eu já era a Dilminha, as pessoas começaram a me chamar assim, quem selou o apelido foi a deputada Janira Rocha.”

Depois que chegou na Lapa, Dilminha começou a participar de todas as lutas populares; greve dos professores, dos bombeiros, redução da tarifa dos transportes públicos, etc. Ela conta, “Em 2011, sofri o meu primeiro atentado. Fui intoxicada no hotel onde passava as noites. Na ocasião já estava sendo perseguida. Em 2012, tive que voltar para o Rio Grande do Sul para cuidar de mim, estava sofrendo muitas perseguições, inclusive do Sergio Cabral. Fiz uma denúncia na Polícia Federal e precisei voltar pro Rio em 2013 para entregar um relatório com tudo que estava acontecendo. No mês de novembro fui passar as noites no Hospital Souza Aguiar para continuar a minha missão. O que faço tem a ver com a linha das franciscanas, mas é algo secreto. Dilma e Lula tem conhecimento do que faço.”

Seu maior sonho é ver a reconstrução do Partido dos Trabalhadores, enquanto isso não acontece, para prefeito do Rio ela diz que vai fechar com o Freixo. Waleska Adami,

a Dilminha, cheia de causos pra contar, vai ser até personagem de histórias em quadrinhos. Sempre com indumentárias que narram sua personalidade e ideologias, pode ser encontrada nas manifestações, ocupações que acontecem pela cidade e também nos cartazes do Sarau do Escritório.”

## Tia Lúcia

Dezembro, última edição do Sarau do Escritório no ano de 2017, e como já virou tradição na firma, fomos em busca da homenageada do mês. Uma figura presente no imaginário popular carioca, que possua relação com a região central do Rio e contribua para a história da cidade de São Sebastião.

Foi suado, senhoras e senhores! Entre diversas tentativas de encontrá-la, recebemos a ajuda do mister David Coelho, um dos realizadores do Acarajazz, e a missão foi cumprida – e cumprida, foram 4 horas conhecendo as histórias e muita experiência de vida. A entrevista foi feita na Praça Mauá, está já bem diferente daquela que conheceu nos anos 30. Após um prato de baião de dois com queijo coalho e cuscuz, Lúcia Maria dos Santos, a Tia Lúcia, um dia após completar 83 anos, nos deixou boquiabertos com sua narrativa.

Foi a primeira menina a nascer no Hospital Santa Luzia, no bairro de Nazaré, em Salvador. A avó, que era amiga de Tia Ciata, passou todos os ensinamentos populares. Aos 04 anos já sabia ler e escrever, aprendeu a falar – como ela mesma diz – a língua dos índios e os cantos em yorubá. Ainda menina veio com a avó para o Rio de Janeiro, onde ficou hospedada na casa de uma tia no Santa Marta. Os pais e os 30 irmãos vieram logo em seguida num pau de arara. A família se estabeleceu na Zona Norte, no bairro de Madureira, após ocuparem um terreno beirando a linha do trem, próximo onde hoje é a fábrica da Piraquê. O espaço era grande, na época quase não havia casas na região, plantavam milho, batata-doce, aipim, quiabo e criavam galinhas. A diversão de Lúcia ficava por conta de uma gangorra que o pai construiu sob uma árvore que chamavam de São Thomé, pois o pé era lento para dar fruto, e tudo que era demorado recebia a alcunha do santo, divertia-se também na tarefa de arrumar uns trocados na estação de trem.

“Eu era muito danada! Uma vez peguei escondido o chapéu do meu irmão e fui para estação de Madureira. Fiquei lá sentada com o chapéu no chão. O pessoal deu dinheiro, mas eu não pedi nada, eles que colocaram. Minha mãe brigou comigo, mas eu não tive culpa. Deu pra pagar a conta de luz e fazer as compras do mês, que quase não fazíamos.”

Um dia parou um automóvel bem em frente da casa, desceram uns homens bem apumados e ficaram

observando o espaço. Um dos cidadãos pediu um copo d'água e logo foi atendido pela mãe de Lúcia. Na casa, cada um tinha a sua caneca, que era uma lata de leite condensado, e prato, feito de tampa de recipiente de leite em pó, cada um devidamente identificado com os nomes dos 31 filhos.

“Não sabíamos quem era aquele sujeito, ele estava na nossa sala. Disse que a água estava muito gostosa. Uma tia chegou lá em casa e falou que o homem era o presidente Getúlio Vargas. Minha mãe desmaiou quando soube. Como eu falava a língua das cobras, chamei uma coral para o Getúlio ver, ficou morrendo de medo.”

O presidente ficou impressionado com a família, especialmente com a pequena Lúcia. Chegou a enviar uma carta dizendo como foi bom conhecê-los, informou que o terreno passaria a ser da família e que ainda sentia o gosto daquela água.

Aos 06 anos foi morar com outra tia no Estácio, mas não foi nada fácil. “Minha tia era o cão! Escondia a comida, só os filhos dela é que podiam comer. Eu ficava com a barriga lá no tronco, saindo pelas costas. Ainda tinha que lavar roupa e arrumar casa.” Os anos se passaram, a mãe foi trabalhar na casa da família do Castelo Branco e Lúcia continuava na casa da tia megera. Aos 08 anos, com todo aprendizado que teve com a avó, já rezava as pessoas e fazia os chás de ervas de cura. Quando tinha 11 anos, Lúcia fez o seu primeiro parto. Foi na região do Porto, uma mulher em situação de rua estava prestes a dar à luz, uma multidão de homens em volta, ela se enfiou no meio dos marmanjos e perguntou se alguém tinha uma faca ou tesoura, um rapaz sacou um canivete e deu na mão de Lúcia, que executou a função como se fosse experiente no assunto. Após o parto, preparou um chá de erva de São João, mastroz e aroeira. No dia seguinte a mãe estava sem sangramentos e com a bebê no colo.

A convivência com a tia era cada vez mais tensa e insustentável. Comia escondida, acordava às 03 da manhã para lavar a roupa dos primos e ainda sofreu diversas ameaças. Numa das brigas ateou fogo nas roupas que foi forçada a lavar, a tia esteve prestes a bater na sobrinha e o caso foi parar no Juizado de Menores. Mas isso não foi suficiente para terminar com os maus tratos daquela senhora. Quando tinha 12 anos Lúcia estava conversando com o Washington, um cara que pedia informação sobre uma rua no Estácio, após ver aquela cena, a tia inventou uma história de que ela tinha tido relações sexuais com o homem. Foi um rebuliço só, Lúcia acabou sendo obrigada a casar com o sujeito que era 30 anos mais velho que ela. “Casei num terreiro lá em Madureira, com a presença de mães de santo da Zona Norte, do Centro e da Bahia. Foi uma festa de arromba! Dancei muito. Antes da festa terminar eu fugi do casamento.”

Depois de fugir do casamento, Lúcia Maria foi parar na floresta amazônica, ficou lá por três anos vivendo com os animais até ser encontrada pelo exército brasileiro. No Rio

de Janeiro, quando completou 18 anos, reencontrou Washington e casaram pela segunda vez. O casal foi morar em Caxias, onde chegou a conhecer Tenório Cavalcanti, O Homem da Capa Preta. Alguns anos depois foi para o Santo Cristo e em seguida no Morro do Pinto. Chegou a trabalhar na empresa Viação Cidade do Aço lavando os ônibus e cozinhando para os funcionários. Cada vez mais era requisitada para rezar as pessoas, realizar operações, partos, indicar banhos e chás de cura. Fazia a ronda nos melhores sambas do Rio de Janeiro, e chegou a trabalhar na casa da carnavalesca Rosa Magalhães, com quem tem amizade até hoje. Se formou em enfermeira, professora e fez diversos cursos no SENAC como culinária e confecção de roupas. Além do conhecimento popular e toda sabedoria tradicional, é artista desde de muito pequena. Pintou o seu primeiro quadro com 8 anos de idade e hoje possui um acervo com dezenas de obras, tendo participado de exposições e mostras de arte. Escreve poemas, peças de teatro e faz bonito na cantoria. Numa das investidas cantou com Luiz Gonzaga na Feira de São Cristóvão - Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas RJ. Hoje, morando no Morro da Conceição, mãe de dois filhos, é conhecida como Tia Lúcia, defensora da cultura afro-brasileira e uma das figuras mais simbólicas da região do Porto. Acompanhou de perto as obras da Praça Mauá, onde chegou a brigar com os engenheiros por causa da falta de banheiros públicos no espaço. Participa de eventos, continua frequentando os sambas da cidade, é super requisitada para rezas e trabalhos de cura. Considerada uma das maiores artistas da região central da cidade, com página no Facebook Tia Lúcia Patrimônio Imaterial do Porto e agora homenageada do mês de dezembro do Sarau do Escritório!

## **Edia Pinto**

“Quando eu era menina sempre tomava banho de sol na Praia das Virtudes, onde hoje fica o Aeroporto Santos Dumont. Também adorava comprar uns chocolatinhos na Kopenhagen da rua do Cine Vitória. Como é mesmo o nome daquela rua? Ah, é Senador Dantas! Então, eu comprava chocolate ali com as minhas amigas, e depois ia pras sessões no Cine Colonial... agora é Cecília Meireles, né? Adorava o Odeon, o Cine Palácio, o Pathé, o Cine Metro Passeio, e tinha na Lapa aquele teatro ali onde está a TVE, o Teatro República, e o Cine Mem de Sá”, diz Dona Edia Pinto, de 86 anos, que era assídua frequentadora dos programas de auditório da Rádio Nacional, no Edifício A Noite, ali na Praça Mauá.

A homenageada da edição “Dia do levante” do Sarau do Escritório nasceu no bairro do Catumbi - há época

conhecido como Zona do Agrião - em fevereiro 1932, e coleciona histórias de um Rio que já não existe mais .

Em 1936 mudou-se com a família para o número 130 da Rua dos Inválidos, na Lapa, e em 1958 transferiu-se para o 124 da mesma rua, onde vive até hoje. Neste endereço está instalado desde o início do século passado o emblemático Cortiço Chora Vinagre, que outrora foi uma cocheira para cavalos.

Dona Edia conta que foi a primeira brasileira a morar no cortiço. “Cheguei aqui quando só havia portugueses. A maioria das mulheres eram lavadeiras, e os homens garrafeiros e floristas. Vários deles faziam arranjos de flores por aqui e vendiam na feira. Embaixo só viviam casais, e no andar de cima rapazes. As pessoas lá de fora perguntavam se eu me dava bem com os portugueses... e sim, sempre me dei com todo mundo. Como os donos do cortiço também eram portugueses, eles preferiam alugar quartos para o pessoal de Portugal, que com o tempo juntaram dinheiro, compraram suas casas, e foram embora. Eles trabalhavam demais pra não dar tempo para brigas”, recorda-se ela que no mês passado completou 60 anos de Chora Vinagre.

Composto por 69 quartos, 20 banheiros e 39 cozinhas, o Cortiço Chora Vinagre foi criado em 1926 por um português, que tempos depois passou a administração da vila para a sobrinha, Dona Arminda, que por sua vez repassou para a Elean Engenharia. Há 23 anos o imóvel foi novamente vendido para o atual proprietário, o também português, Seu Virgílio. Essa é sem sombra de dúvidas, uma casa portuguesa, com certeza!

“Lembro da Lapa com o bonde passando na Mem de Sá... eu estudava na Escola Municipal Celestino, ali na Lavradio, onde Silvio Santos também estudou. Inclusive conheci ele camelô, morando ali na Rua do Senado. Diz que o pessoal da maçonaria da Lavradio ajudou muito ele. Tinha os cabarés, a Madame Satã, o Casa Nova, e o Osvaldo Nunes, que conheci antes dele criar o Bafo da Onça. Ele foi assassinado ali naquele prédio da esquina da Praça João Pessoa. Onde hoje é o Extra da Rua Riachuelo ficava o Supermercado Mar e Terra, que depois virou Casas Sendas, e eu adorava sair nos blocos da Rua das Marrecas e no da Joaquim Silva, além dos bailes de carnaval do Teatro Recreio, onde ela entrava pelos fundos, escondida, por ser menor de idade”, conta ela, mãe de três filhos - uma delas nascida no quarto 33 do Chora Vinagre - 11 netos e sete bisnetos.

“Quando eu era pequena minha mãe me levava no natal pra pegar brinquedos no Palácio do Getúlio Vargas, e eu adorava! Com o tempo passei a admirar o Brizola e o Lacerda, que via sempre ali na Tribuna da Imprensa. O Lula foi o homem que fez a gente comprar. Eu não voto mais, mas se der pra votar no Lula, eu vou lá! Sou devota de São Jorge, Santa Bárbara, torço pro Botafogo, Salgueiro, adorava o Cordão da Bola Preta na Treze de

Maio, e meus cantores favoritos são Zeca Pagodinho e Emilinha Borba.”

fb.com/saraudoescriptorio

# Sarau do ESCRITÓRIO

Quem bate cartão também faz poesia!

**PALCO ABERTO**

**25** Quarta  
Maio às 19h

**LAPA**  
Pracinha  
João Pessoa



AMENDOIM SEM CASCA  
2:00

COORDENADOR  
COLETIVO PENEIRA

fb.com/saraudoescriptorio

# Sarau do ESCRITÓRIO

Quem bate cartão também faz poesia!

**PALCO ABERTO**

Edia Pinto

**LAPA**  
Praça Luana Muniz  
(antiga João Pessoa)

**09** quinta  
Agosto  
19h



fb.com/saraudoescriptorio PENEIRA

fb.com/saraudoescriptorio

# Sarau do ESCRITÓRIO

Quem bate cartão também faz poesia!

**LAPA**  
PRAÇA  
Luana  
Muniz  
(antiga  
João Pessoa)

**14** DEZ

**PALCO ABERTO**  
Tia Lúcia

19h  
quinta



COORDENADOR  
PENEIRA

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura apresentam

# Araraia Sarau do ESCRITÓRIO

Quem bate cartão também faz poesia!

**16** julho **LAPA**  
Passoie Público

sábado  
das 10h às 21h

**PALCO ABERTO**



COORDENADOR  
COLETIVO PENEIRA

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA  
PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO

fb.com/saraudoescriptorio

Imagem 41, 42, 43 e 44: Seu Feliciano, Edia Pinto, Tia Lúcia e Dilminha.  
Fonte: Autor (2022)

Ao organizar esses textos e cartazes, registro de um tempo e de uma experiência participativa no espaço público, podemos perceber que o Sarau do Escritório apresenta a Lapa por uma outra perspectiva, abre um campo de leitura e coloca em evidência histórias não contadas ou, como o livro de Silviano Santiago, histórias mal contadas. O Sarau do Escritório se esquia das grandes narrativas, dos discursos consolidados, e aponta para o miúdo, pequenas situações e personagens do cotidiano que constroem cotidianamente a cidade. Como dito anteriormente, destaca-se a narrativa fabulatória e a presença de uma relação afetiva com a região central do Rio de Janeiro. Todos esses textos foram lidos no dia da homenagem dos respectivos personagens, antecedendo a performance executada por cada um ao microfone.

Tia Lúcia, por exemplo, a pedido do público, após contar outros causos que não estavam contemplados no texto, cantou uma canção em iorubá e presenteou uma criança, que assistia a sua apresentação, com um caderno de manuscritos e desenhos feitos por ela mesma. Já Seu Feliciano, aproveitou o ensejo para pregar a “palavra de Deus”. Ao revisitar esses e os outros personagens que participaram do dispositivo criado pelo Sarau do Escritório, fui conduzido, a partir de uma relação que surgiu à época da elaboração desses materiais, mas também com o olhar no presente do pesquisador, para a organização de um antiarquivo, que de forma anacrônica, se propõe a apresentar uma leitura da região central do Rio de Janeiro, principalmente sobre a localidade que compreende o bairro da Lapa. Um dos usos iniciais para este antiarquivo é a proposta de uma leitura sobre a região central do Rio de Janeiro a partir desses personagens e dos elementos que os atravessam, como a oralidade, a corporeidade e as diversas temporalidades presentes em suas experiências de vida.

Cabe explicitar também as diferentes ocasiões em que artistas, curadores e pesquisadores fizeram uso dos materiais desenvolvidos pelo Sarau do Escritório, expondo-os em espaços museais e na elaboração de textos. No entanto, esses vestígios foram operados de diversas maneiras, em certas ocasiões, contrapondo o modo como foi desenvolvido pelos artistas-produtores, criadores da obra. A montagem sistemática deste



antiarquivo instaura um ponto de partida para leituras e ativações futuras. No sentido foucaultiano, ele regula os enunciados, e assim poderá ser manuseado para a construção de um outro espaço-tempo, sobretudo no que se refere a uma articulação possível de enfrentamento ao apagamento de *memórias marginais*.

O que podem as experiências de vida de pessoas anônimas da Lapa? E se o rosto dessas pessoas estivesse estampado em cartazes espalhados pela cidade e suas histórias fossem compartilhadas ao microfone, em uma encruzilhada da Lapa, para centenas de pessoas posicionadas em roda? E se essas pessoas anônimas assumissem a cena performando e fabulando as suas próprias histórias? E se essas experiências de vida fossem manuseadas e transformadas em textos literários? São algumas perguntas que estão presentes nesse antiarquivo e que balizam esta investigação, impulsionando novas formas de leitura sobre o bairro da Lapa.

Para uma outra história da Lapa e seus personagens, um antiarquivo, desprendido do discurso hegemônico, com a presença de uma mulher que encantou cobra para Getúlio Vargas, uma travesti e profissional do sexo, uma moradora do cortiço Chora Vinagre, ambulantes, pessoas em situação de rua, um guardador de carros que diz ser primo do ator Renato Aragão, um cover do Roberto Carlos que registrou a filha como Roberta Carla, dentre tantas outras figuras e memórias que constroem cotidianamente o imaginário da Lapa.

Por uma nova perspectiva, é preciso de olhos livres, como manifestou o poeta. Assim, concluo que ao homenagear figuras anônimas da cidade, desenvolver cartazes em um mesmo formato em série, fixá-los em local público, ouvir as histórias dessas pessoas, elaborar textos a partir dessa escuta, divulgar essas narrativas nas redes sociais, convidar o celebrado para falar ao microfone - em uma intervenção na rua, no centro da cidade, com um público diverso -, o Sarau do Escritório realiza um procedimento performático que, apesar da presença do mito lapeano, narrado e incentivado largamente pelos “Doutores da Lapa”, lança mão de outras perspectivas sobre a territorialidade, produzindo um espaço laboratório, onde são ensaiadas formas de conhecimento que embaralham

o real e o ficcional, de modo que haja uma expansão dos imaginários sobre a Lapa, com novos personagens e experiências de vida.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS - O AFETO, O POLÍTICO E O ESTÉTICO

Cantarei meu golpe fulminante!  
Abrirei meus pulmões pelas praças!  
Não pisarei nos jardins de propósito - não quero ver rosa  
chorar, esmagar um inseto, uma formiga sequer!  
Meu golpe será como a árvore: estender os braços ao  
sol, e deixar passarinho pousar!

Poeta Xandu

Na improvisação que está a força.  
Todos os golpes decisivos são desferidos como a mão  
esquerda.

Walter Benjamin - Rua de mão única

“Tenho todo sincero respeito por aqueles artistas que  
dedicam suas vidas exclusivamente à sua arte - é seu  
direito ou condição! -, mas prefiro aqueles que dedicam  
sua arte à vida.”

Augusto Boal

O Sarau do Escritório se configurou como um importante local de encontro entre pessoas de diferentes origens, como uma ação performática continuada na cidade, mas sobretudo como um ambiente de desenvolvimento de experiências culturais no espaço público. Ele se insere enquanto uma prática cultural na hibridação entre a política, a arte e a cultura, pois ocupar a Lapa propondo uma experimentação artística por meio da poesia, da música, do teatro e da performance em um espaço marcado por uma disputa mercantilista, pode representar, ou ao menos propor, uma nova interpretação daquele espaço.

Para impactar o território, se movimentar no campo cultural da cidade, foi necessário efetivar novos processos criativos, desenvolver um espaço-laboratório para criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, ou como apontam Félix Guattari e Suely Rolnik, para “inventar suas práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 49). Assim, o Sarau do

Escritório em sua completude opera em um caráter performático, no sentido de não apenas descrever ou representar uma ação, mas sim em se posicionar como a própria ação que é feita e refeita, o agir no cotidiano, elaborando experiências que produzem diferenças, heterogeneidades, pluralidades, atualizações e reinvenções do espaço urbano. O Escritório habita justamente numa tensão geradora de movimentos que fogem do que já estava estabelecido na cidade pela lógica hegemônica e suas narrativas totalizantes. Trata-se de uma construção viva e dinâmica, em permanente reescritura, com ênfases que podem variar de acordo com o tempo presente e seus acontecimentos.

Mapeando as ações desenvolvidas pelo Sarau do Escritório percebemos que a prática cultural se estabelece não em uma perspectiva da profundidade e da busca pelo entendimento do eu interior, interessa a intervenção a superficialidade, o ligeiro, o impacto coletivo, os saberes a partir das experiências. Logo, a operação da precariedade, o inacabamento, o uso do cotidiano popular, a estética mambembe, o improvisado, as narrativas miúdas, são constantemente convocadas pelos artistas-produtores do Sarau como elementos balizantes da intervenção, o que gera um posicionamento político, afetivo e estético em meio a grande quantidade de ações culturais impulsionadas após junho de 2013 e a produção artística mais elitizada.

Este princípio da consciência do inacabamento é visto por Paulo Freire como a base do conceito de autonomia. Para ele, “é importante colocar em relevo que, o inacabamento é inerente às formas de vida – jabuticabeiras, pássaros e cães são tão inconclusos quanto pessoas -, contudo, sua consciência seria uma condição humana (FREIRE, 1983). Deste modo, sendo incompleto e inconcluso, dando lugar à experimentação, à intuição, o Sarau do Escritório desenvolveu de forma contínua dispositivos, tais como, a “Temática do Mês” e o “Produtor Convidado”, que não somente delineiam os aspectos da ação, mas também revelam um procedimento em busca por realizar um evento mais dinâmico, vivo e alegre.

Para um território maldito, um gesto rebelde. Sem uma estrutura física robusta ou uma sede para receber o público e parceiros do projeto, o Sarau do Escritório, de uma forma processual e por intermédio de diferentes acenos, fez do espaço público um lugar capaz de elaborar experiências colaborativas em um diálogo direto com o território, no qual o afeto tornou-se um fundamento central na forma de se relacionar com o universo da Lapa. Apesar de também desenvolver edições itinerantes pela cidade, o grupo de artistas-produtores fincou raízes em uma praça, que descaracterizada pelas intervenções urbanísticas do poder público, aparenta uma larga calçada revestida de pedras portuguesas em uma encruzilhada cercada por bares e restaurantes.

A relação afetiva com a localidade, o interesse pelas memórias subalternas da Lapa, a efetiva comunicação com os moradores do entorno, por meio das reuniões abertas e da carta circular com informações sobre as edições do evento, assim como a lavagem da praça, são formas afetivas e efetivas de estabelecer uma tomada de posição no campo cultural da cidade, que apesar do tom festivo, escapa de se tornar um evento de mero entretenimento sem consequências. Assim, desde sua formação, o Escritório aproximou pessoas de diferentes contextos para criação de um projeto comum, e também possibilitou a mobilização e a organização de moradores, frequentadores e trabalhadores da região para a resolução de problemas cotidianos, dentre eles, o protesto pela derrubada dos bancos que compunham o mobiliário da praça; o arranjo para a modificação do nome de João Pessoa para praça Luana Muniz e a criação de um arquivo vivo com memórias e experiências de vida de pessoas da localidade.

Cabe ainda, a partir da entrevista realizada com o produtor cultural Rodrigo Brayner, apontar o lugar que o Sarau do Escritório preencheu dentro da produção cultural carioca, sobretudo no recorte das práticas culturais ocorridas no espaço público e na referida relação com o local em que é realizado.

A missão do Sarau do Escritório na cidade é espalhar a palavra, mas fazer com que as pessoas fiquem atentas a ela. A palavra pode surgir de qualquer lugar da praça, através de qualquer pessoa, fazendo qualquer manifestação, artística ou não, mas sempre movendo a

palavra, levando a melodia, a conexão das letras, sílabas, timbres e alturas, desafiando a mente. Ao mesmo tempo, num sentido de atratividade, sendo amplo e irrestrito, tendo a rua como cenário, isso diverte, entretém e garante momentos animados de conectividade com o lugar, que faz com que o público entre num transe, que só quem está na rua sente.

O Sarau do Escritório enquanto coletivo de pessoas é um conta gota de humildade em meio a muitas tentativas de ocupar o espaço público apenas por ocupar, eu digo isso em primeiríssima pessoa, e muito crítica a ocupações meramente com caráter festivo, em que seus ocupantes apenas gabam-se de estarem ali, porém sem qualquer diálogo com os lugares. Gostamos de festas, mas se preocupar com o lugar, com as raízes do lugar, com as pessoas do lugar, trazer as pessoas do lugar como personagens a serem trabalhadas no *flow* de um festival dinâmico e totalmente parelho com a agitação do bairro, é um diferencial do evento. (BRAYNER, Rodrigo, entrevista, 2021)

O que o produtor cultural aponta como diferencial do Sarau do Escritório, foi desenvolvido pelos artistas-produtores do evento durante um processo laboratorial gerador de múltiplas expressões, de outros formatos de encontros, de uso e valorização do espaço público, de promoção a meios de convívios e trocas de saberes que inserem a prática em questão enquanto uma significativa mediadora cultural na vida do bairro da Lapa. Este laboratório desenvolvido cotidianamente a cada edição do Sarau do Escritório, descobrindo outras experiências culturais, artísticas e políticas, ou como aponta Michel de Certeau, descortinando outras 'artes de fazer' diferentes das lógicas estabelecidas, transformou-se em um formato presente em diferentes ocupações culturais da cidade, como por exemplo no Sarau do Velho, inaugurado em 2016 em Senador Camará, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, no Cineclube Buraco do Getúlio, de Nova Iguaçu e também na própria Peneira, com o desenvolvimento de ações posteriores ao Escritório que utilizam de meios possíveis de serem identificados no processo do Sarau.

Vide a realização do método de trabalho Fabulações do Território, um processo formativo desenvolvido pelo grupo de artistas-produtores, com moradores do bairro da Lapa e atores convidados, no qual noções como modos de colaboração, atuação intergeracional, estabelecimento de redes e operação das memórias locais formam um alicerce que conduz as

atividades realizadas na Rua Joaquim Silva, como destaca o pesquisador português Hugo Cruz sobre o primeiro ano do projeto:

Com as metáforas, o humor, o trabalho de corpo e de palavra, de coro, o cruzamento de diferentes linguagens artísticas, o pensamento crítico implícito e explícito, este trabalho salientou o potencial do “fazer junto” sem tentações homogeneizantes. Talvez pelo equilíbrio que este projeto revelou entre o “fazer participativo” e o “fazer institucional”, o “fazer artístico” e o “fazer político” [...] trabalho que aponta no sentido de uma cidadania ativa onde se incluiu a participação cultural e o acesso aos modos de produção. (BITTENCOURT, P., PINTO, L. 2020, p.94)

Por fim, as escritas realizadas pelo Sarau do Escritório na Lapa, protagonizadas por corpos disruptivos, advindos de diferentes localidades, que encenam suas histórias e experiências de vida, por intermédio de uma ação coletiva em praça pública, marcam a memória do lugar criando outras narrativas que extrapolam os ideários de uma cidade espetacularizada e em constante disputa e tensionamento. Em uma sociedade em que a palavra escrita e documentada rege as normatividades tradicionais, ao escrever outras existências através de gestos corporais, dos cartazes afixados pelas ruas da cidade e uma comunicação de proximidade nas redes sociais, assim como no estabelecimento de redes de colaboração e trocas, o Sarau do Escritório e suas práticas ritualizadas, possuem um papel catalisador no que tange o evidenciamento de outras escritas da e na cidade. Os indivíduos que no dia a dia, ou fora de cena, ocupam o lugar de espectadores, ao participarem do Sarau do Escritório, sob as pequenas dimensões do palquinho de Peter Brook, atravessam uma fronteira simbólica e tornam-se narradores de um tempo a partir de suas experiências.

Ao transar o político, o cultural, o afetivo e o estético, rompendo suas fronteiras, sem hierarquias entre as manifestações, assim como encurtando as distâncias geográficas e simbólicas entre as pessoas, mesmo que essas não sejam delimitadas nitidamente, o Sarau do Escritório aponta um outro caminho possível por intermédio de uma encenação performática, lúdica e consciente, uma fricção produtiva com capacidade significativa para debater as questões de cidade e gerar soluções criativas

para viabilizar o engajamento político, social e cultural, sobretudo em um contexto complexo no qual estamos vivenciando. Deste modo, procurou-se estabelecer aqui a criação de uma memória crítica que possa propor trânsitos e descobertas de outros fazeres para além de rotas e formas já estabelecidas. Sendo a cultura um elemento estratégico para o desenvolvimento dos territórios, a descoberta de novos modos de fazer, a identificação e valorização de práticas invisibilizadas assim como a construção de ações participativas torna-se um passo necessário para pensarmos o campo da cultura na contemporaneidade. Neste debate sobre cultura, acreditamos ser impreterível o protagonismo por todas e todos que batem cartão e também fazem poesia.



*Imagem 45: QR Code – Teaser Sarau Fonte: Autor (2022)*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP : Pontes, 1990

ALENCASTRO, L. F. (org.) **Império: a Corte e a modernidade nacional. História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v.2, p.11-93.

ALVES, Rôssi. **Rio de Rimas**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL PENEIRA. "**www.peneira.org**" sobre o Sarau do Escritório e Mapeamento dos Saraus da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – Acesso 24/05/2021

AUSTIN, John L. **How to Do Things With Words**. 2ª ed. Cambridge : Harvard University Press, 1975.

BAHIA, Silvana. **Quem bate cartão também faz poesia: o sarau do escritório, as disputas, os encontros nas esquinas da Lapa**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades. UFF, Rio de Janeiro, 2016.

BARBOZA, Diego; MAIEIRO, Rafael; OITICICA, Manuela. **Porremas**. Rio de Janeiro, Mórula, 2018;

BENJAMIN, W. **Documentos de cultura, documentos de barbárie** (Escritos escolhidos). Seleção e apresentação: Willi Bolle. Tradução de Celeste H.M. Ribeiro de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BEY, Hakin. **TAZ - Zona Autônoma Temporária**. São Paulo, Ed. Conrad, 2001.

BHABHA, H. **El lugar de la cultura**. Buenos Aires: Manantial, 1994.

BITTENCOURT, Priscila; PINTO, Luiz Fernando (Org.). **Fabulações do Território** - Rua Joaquim Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Peneira, 2020. p. 56.

\_\_\_\_\_. **Entrevista** concedida a Luiz Fernando Pinto, via e-mail, 2021.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

BRAYNER, RODRIGO. **Entrevista** concedida a Luiz Fernando Pinto, via e-mail, 2021.

BROOK, Peter. **A Porta Aberta**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

BUSTAMANTE, Felipe. **Entrevista** concedida a Luiz Fernando Pinto, via e-mail, 2021.

CÂMARA, Mario; KLINGER, Diana; PEDROSA Célia & WOLFF, Jorge (Org.). **Indiccionario do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª edição. São Paulo: Editora: EDUSP, 2015.

\_\_\_\_\_. Políticas culturales y crisis de desarrollo: um balance latinoamericano. In:\_\_\_\_\_; BATALLA, G.B. **Políticas culturales em América Latina**. México, DF: Grijalbo, 1987.

CARNEIRO, Juliana; BARON, Lia (org.). **Gestão Cultural**. Niterói: Niterói Livros, 2018.

CARUSO, Haydée. **A ordem e a desordem de ontem e de hoje**. Civitas, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 66-83, jan-mar 2015

CARVALHO, Bruno. **Cidade Porosa: dois anos de história cultural do Rio de Janeiro**. Tradução Daniel Estill. Rio de Janeiro. Objetiva, 2019;

CARVALHO, Eduardo Pereira de. **Depoimento** concedido ao Sarau do Escritório 2014.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COHN, Sergio. **Nuvem cigana - poesia e delírio no Rio dos anos 70**. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

CUNHA, E, L. "A emergência da cultura e da crítica cultural". **Cadernos de estudos culturais**, v.1, p. 73-82, 2009

DAMATA, Gasparino (org.). **Antologia da Lapa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

\_\_\_\_\_. **Antologia da Lapa**. 1. ed. Rio de Janeiro. Leitura SA, 1965.

DERRIDA, Jaques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, George. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

\_\_\_\_\_. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DINIZ, Júlio e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (org.). **Humanidades em questão**. Abordagens e discussões. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2018.

D'ALVA, Estrela. "Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o *poetry slam* invade a cena". In: **Synergies Brésil**, n9, 2011, pp. 119-126.

DRUMOND, Karine. **Entrevista** concedida a Luiz Fernando Pinto, via e-mail, 2020.

DURRATOS, XANDU. **Entrevista** concedida a Luiz Fernando Pinto, via e-mail, 2021.

EAGLETON, T. **Ideias sobre cultura**. S. Paulo: Editora da Unesp, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2013.

FARIA, Alexandre Graça; PENNA, João Camillo; PATROCÍNIO, Paulo R. Tonani (Org.). **Modos da margem**: figurações da marginalidade na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

FAUSTINI, Marcus Vinicius. "Mais de cem saraus no Rio". **Jornal O Globo**. Acesso: 24/05/2021 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/mais-de-cem-sarau-no-rio-15797917>

FERRAZ, Sonia Maria Taddei, ACIOLY, Leticia Lyra, MENDONÇA, Paula Ramos Correa Carvalho de, "Arquitetura da Violência: Segurança patrimonial, 'dessociabilidade' urbana e gentrificação", Texto apresentado no **V Seminário Internacional Derechos Humanos, Violencia y Pobreza: la situación de niños y adolescentes en América Latina**, Centro de Ciências Sociais/UERJ, Buenos Aires, 2014.

FRAZÃO, Idemburgo. "O sarau como estratégia de resistência poética e reflexão sobre novos territórios culturais", **pragMATIZES** - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, Disponível em <http://www.pragmatizes.uff.br>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

FREITAS, Daniela Silva de. **Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea**. Tese doutorado; orientadora: Eneida Leal Cunha. – 2018.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOMES, Ricardo Cordeiro. **Todas as Cidades, A Cidade**: Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro, Rocco, 2008.

GUASCH, Anna Maria. **Os lugares da memória: a arte de arquivar e recordar**. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 3, n. 5, ano 3, julho de 2013.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. Potencial movente do espetáculo, da música e da espacialidade no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Ana P. G.; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (Org.) **Entretenimento, felicidade e memória**. Rio de Janeiro: Anadarco, 2012.

\_\_\_\_\_. ; \_\_\_\_\_. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Ed. Intercom, 2014.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **26 Poetas Hoje**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

\_\_\_\_\_. **As 29 Poetas Hoje**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.

LEAL, Eneida. "Margens e valor cultural". In MARQUES, Reinaldo e VILELA, H. Lúcia (org.) **Valores**: arte, mercado, política. Belo Horizonte, Editora UFMG/ Abralic, 2002, p. 159-169.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2008.  
LIRA, Ricardo. Remoções de Favelas. **Revista de Direito à cidade**, vol. 09, nº 3, p. 1383-1392, jun. 2017.

LOPES, Juliana. **Um Ciclo de Políticas Culturais e a Centralidade da Produção Cultural das Favelas e Periferias do Rio de Janeiro 2003 - 2016**. Tese doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Escola de Comunicação da UFRJ, 2018

LUSTOSA, Isabel. **Lapa do desterro e do desvario** – Uma antologia/ vários autores. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

MAFFESOLI, MICHEL. **Saturação**. São Paulo : Iluminuras : Itaú Cultural, 2010.

MARTINS, Luis. **Lapa**. 4º edição. Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 2015

\_\_\_\_\_. **Noturno da Lapa**. 6º edição. Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 2015.

MIGLIORIN, Cezar. O que é um coletivo. In: BRASIL, André (org.). **Teia 2002-2012**. São Paulo: IMS, 2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003

PINTO, Luiz Fernando (org.) **Cartonera do Escritório**: volume I. Rio de Janeiro: Peneira, 2020.

\_\_\_\_\_. **Cartonera do Escritório**: volume II. Rio de Janeiro: Peneira, 2020.

PIRES, Ericson. **Cidade Ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005

RANCIÈRE J. A **partilha do Sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009.

SALLES, Ecio. **Poesia Revoltada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

SANTOS, M. ; SOUZA, M. A. A. de. ; SILVEIRA, M. L. **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Edusp, 2014.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies, an introduction**. London: Routledge, 2002

SEMOG, Éle. **Amor e Outras Revoluções**: Grupo Negrícia - Antologia Poética. Rio de Janeiro, Malê, 2019.

SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz; FAUSTINI, Marcus Vinicius. **O Novo Carioca**. Rio de Janeiro: Mórula, 2012.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018

ROLNIK, Suely. Furor de Arquivo. **Arte & Ensaios** : revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes de UFRJ, Rio de Janeiro, n. 19, dez 2009.

TAVARES, Beatriz Diogo. **“Olha eu aqui de novo!”** A tomada das ruas em 2013 e sua poesia inesgotável. 2018. 265 f. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.

TEASCA, Ana. **O Sarau do Escritório**: Arte e resistência na cidade espetáculo; 2017; Monografia; (Aperfeiçoamento/Especialização em Política e Planejamento Urbano) - Universidade Federal do Rio de Janeiro; Orientador: Cecília Campello do Amaral Mello

TEIXEIRA, ALEX. **Entrevista** concedida a Luiz Fernando Pinto, via e-mail, 2020.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório*. In: **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. p.45-67.

TENNINA, Lucia. **Saraus das periferias de São Paulo**: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. est. lit. bras. contemp.”, Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013

\_\_\_\_\_. **Cuidado com os poetas! Literatura e periferia da cidade de São Paulo**. Porto Alegre: Zouk, 2017

\_\_\_\_\_. **Polifonias Marginais**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

TOMAZ, Jon. **Entrevista** concedida a Luiz Fernando Pinto, via e-mail, 2021.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa: Antropofagia Periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008

\_\_\_\_\_. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Global, 2011.

\_\_\_\_\_.(org.) **O rastilho da pólvora**: antologia do Sarau Cooperifa. São Paulo. Itaú Cultural, 2004.

VELLOSO, Monica P., ROUCHOU, Joëlle, OLIVEIRA, Cláudia. **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009.

VERSO, Rainha do. **Entrevista** concedida a Luiz Fernando Pinto, via e-mail, 2021.

VIEIRA, Isabela. **“Grupos de sarau de todo o país se reunirão na Bienal do Livro do Rio”**. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-08/grupos-de-sarau-de-todo-o-pais-se-reunirao-na-bienal-do-livro-no-rio>  
Acesso: 24/05/2021

WALTY, Ivete. **Corpus rasurado: exclusão e resistência na narrativa urbana**. Belo Horizonte, Editora PUC Minas/ Autêntica, 2005.

ZUMTHOR, P., **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.